MARIA CARLOS RADICH

# ALMANAQUE
## TEMPOS E SABERES

CENTELHA

MARIA CARLOS RADICH

# ALMANAQUE
## TEMPOS E SABERES

CENTELHA

CAPA E ARRANJO GRÁFICO: João Botelho.
TIRAGEM: 3000 exemplares.

# 1 O almanaque na sociedade

Pela sua índole, um Almanach é cousa transitoria.

*Alexandre Herculano*

Só dois livros se vendem, penetram nas massas humanas — a Bíblia e o almanaque.

*Eça de Queiroz*

Tudo indica que a segunda metade do século XIX assistiu à grande safra dos almanaques, à sua diversificação por incontáveis títulos e géneros. «Lembro-me ainda — afirma Oliveira Martins numa nota do Almanach das Senhoras Portuenses, para 1886 — vae em não sei quantas dezenas de annos, quando pela primeira vez appareceu em Lisboa a invenção dos almanachs»; também o Almanak de Lisboa, para 1877, esclarece o seu público de que «nesta época em que o alluvião de almanaks quasi innunda o globo, o nosso é por assim dizer, uma gota d'agua no oceano...»; o Almanach dos Theatros, para 1890, ao dar início à sua publicação, justifica o facto nas «Duas Lérias Iniciais»: «Mais um Almanach! E porque não? A épocha é de almanachs como é de syndicatos...»; o Almanach Bairradense, para 1875 refere-se igualmente, no seu prólogo, «aos tempos que vão correndo (...) e em que de todos os cantos pululam publicações deste género»; o Almanach da Independência Nacional (1874) afiança: «Ora o almanach é o livro mais consultado, — o guia — o oráculo das familias no seu viver quotidiano». É o tempo do Borda d'Agua e do Seringador, como também dos almanaques das Senhoras, dos Operários, dos Emigrantes, dos Bons fadinhos, do Jiga--joga, do Burro do senhor alcaide, dos Bons pitéus, dos Palcos e salas, do Padre prior, da Salamancada, do Exército Português, do Perseguido, do Alho-alho caracol e couve, do Grande armazém de roupas brancas, da Maçonaria, dos Camponeses, dos Caçadores, dos Democratas, Legitimistas, Anti-comunistas, Republicanos... No seu conjunto, os almanaques parecem querer agarrar-se a tudo, dirigir-se a toda a gente, alastrar a todas as regiões sociológicas, geográficas, ocupacionais, a

centros de interesse e de actividade de qualquer tipo. Ao percorrer uma colecção, mesmo incompleta, de almanaques, colhe-se a impressão de ir desdobrando as pregas de uma sociedade multifacetada, de lidar com um caleidoscópio que a cada pequena passagem apresentasse um novo quadro de gentes, de géneros, de interesses e de gostos e que aos poucos fosse tracejando, mesmo se caótico e esfarrapado, um fresco social.

Perante esta infindável panóplia de folhetos e livrinhos, torna-se necessário averiguar se o almanaque tem um perfil próprio, que o designe como um tipo, a par de outras formas de publicação. Lançando a mão aos dicionários, verifica-se que eles concordam em atribuir-lhe individualidade, esforçando-se por circunscrever, numa definição geral, a sua população heteróclita. Do Dicionário de Morais retira-se: «Almanaque (do ar. al-manah). Calendário com os dias do ano, festas, feriados, luas, etc.; folhinha. Livro, livrinho ou folheto que, além da folhinha do calendário do ano, contém indicações úteis, trechos de literatura, resenha de acontecimentos, poesias, anedotas, charadas, etc.; anuário, repertório»; Mais concisa a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira define-o como o «livro que, além de conter o calendário, insere matéria adicional de informação e recreio, com tábuas, artigos cientificos ou literários, anedotas»; o Dicionario histórico, biographico,..., apenas alonga o rol dos sinónimos: Agendas, Almanachs, Annuarios, Calendarios, Diarios, Ephemerides, Folhinhas, Lunarios, Planetarios, Prognosticos, Repertorios, Tratados, etc.; a Enciclopedia portuguesa illustrada de Maximiano Lemos, por seu turno, preocupa-se em distinguir e especificar mais miudamente o âmbito de algumas dessas unidades: «o Calendario apenas contem os dias do ano, dispostos por semanas e meses, com as indicações das festas, estações, fases da lua, etc. A Folhinha é o calendário eclesiástico com indicações dos Santos que dia a dia a Igreja Católica festeja, as missas que lhes competem e as mais cerimónias litúrgicas do ritual, bem como os dias de jejum e de abstinência. O Reportório é o Almanaque popular barato, em folheto de cordel com anedotas e facecias». No geral, as várias definições convergem, permitindo caracterizar o almanaque através de poucas componentes: 1 — a existência de um calendário e de outras indicações sobre o tempo, ou situadas no tempo; 2 — a periodicidade da publicação, que é anual; 3 — a inclusão de indicações práticas, a qualquer título consideradas úteis — matéria religiosa, regras de agricultura, tabelas de caminho de ferro, dos toques de incêndio, etc. A estas três coordenadas agrega-se correntemente uma quarta componente, cuja extensão e matéria são variáveis e que situa cada almanaque dentro de uma tipologia: os almanaques podem ter um cunho sobretudo literário, recreativo, instrutivo, agrícola, político, religioso, regional, burocrático..., ou tentarem ser tudo, simultaneamente, tudo misturando, numa profusão de recortes.

A esta definição liga-se um percurso no tempo. De facto, a segunda metade do século XIX não tem o exclusivo do almanaque, apesar de atrair a atenção pela grande cópia e diversidade destas publicações. «É a phase litteraria e recreativa, propriamente dita [que] nos almanaques data de 1851» (Dic. hist., biogr...). Uma incursão a montante desta época de abundância, permite detectar filiações remotas, configurar uma genealogia, que inclui mesmo alguns antepassados ilustres. Um relance a juzante, mostra que o almanaque prosseguiu o seu curso dentro do presente século, conseguindo atingir os nossos dias. Durante um tão longo trajecto, vincaram-se no almanaque alguns traços da sociedade mutável que ele atravessou e que o forçou, por seu turno, a evoluir. No espaço cultural, o almanaque é uma pequena peça, algo insólita, mas persistente.

Mas, além de um percurso, o almanaque também teve o seu público, em meios sociais diferenciados, o que confere a este tipo de publicação uma existência real. Como folheto de cordel, atingiu a esfera popular, mergulhou no seu quotidiano, foi partícula da sua vida cultural. Parente da demais literatura de cordel, teve, no entanto, como função específica e primeira facultar, a quem o consultasse, um referencial de tempo. Ao tempo ligou-se um saber e alguma fantasia. Aflorando preferencialmente, numa primeira fase, os tópicos que se ligam à ampla base da vida agrária, o almanaque diversifica-se durante o século XIX, por ser esse o modo que encontrou para corresponder e se adaptar a uma sociedade em que se dispersavam também os tipos de vida, os polos de interesse e em que se tornava mais fácil a circulação das formas impressas. Um tipo de publicação, um itinerário, um público, uma função, um todo que evolui: o almanaque tem uma pequena história, que, a seu modo, talvez testemunhe sobre a sociedade que o conteve e a cultura a que se ligou. Foi essa, pelo menos, a espectativa que orientou este boquejo e levou a querer acompanhar o almanaque nalguns troços do seu caminho através da sociedade portuguesa.

A tentação das origens conduz neste caso a tropeçar numa lenda, «uma velha lenda talmúdica», segundo a qual dois sábios, filhos de Seth, procuraram salvar do Dilúvio a ciência até então acumulada, escrevendo em material recuperável o «Livro de todo o saber». E o «Livro de todo o saber, gravado para a humanidade vindoura sobre o tijolo e o granito, nas vésperas do Dilúvio, por dois sábios, filhos de Seth, era, na realidade e simplesmente — um 'almanaque'». *

A origem legendária do almanaque pode levantar as suas dúvidas, mas a existência de almanaques entre os povos antigos é correntemente sublinhada. No entanto, só depois da invenção da imprensa se abre para o almanaque a possibilidade da sua divulgação popular, pelo menos na Europa. Tornam-se então anuais, podendo substituir as tábuas pascais que indicavam os dias feriados e os calendários para muitos anos. **

Uma preocupação mais orientada para a realidade portuguesa, não vê esclarecido o problema das origens do almanaque em Portugal. No entanto, a existência de manuscritos intitulados de Almanaques e contendo matéria astrológica, remonta, pelo menos, à primeira metade do século XIV. Ao século seguinte pertence o Almanach Perpetuum, de Abraão Zacuto, que virá a ser utilizado «para a elaboração das tábuas

---

* **Queiroz, Eça de** — Almanaques. (Introdução ao primeiro volume do «Almanaque Enciclopédico», 1896). **In** Notas contemporâneas.
** **Brancal, A.R.** — Rodas do tempo. Calendarios civis e religiosos. Lisboa, 1938.

solares náuticas dos Descobrimentos, como é bem sabido» *. Ao atingir, porém, o século XVI, o almanaque parece começar a resvalar do campo erudito, degenerando em publicações de interesse menor, dentro deste ponto de vista. É esse tipo de perspectiva que se colhe, nomeadamente no artigo, «Livros impressos em Portugal no século XVI», de Jorge Borges de Macedo: **

«Em contacto com as sociedades mais diversas de Marrocos, da África, da Índia, Malaca, Sião, China, Japão, Brasil, etc., com regras de navegação em que cada novidade era um risco e uma emergência, como evoluíram os interesses da cultura portuguesa? A esse respeito, o conjunto dos livros impressos em Portugal no século XVI fornece dois temas de evolução contrastante. Um que se revela no estiolamento cultural das publicações designadas por **reportório dos tempos,** manifestado nas suas quase inalteráveis versões ao longo do século. Outro que se revela no constante enriquecimento dos conhecimentos humanos, tanto no campo da pessoa como acerca da sociedade portuguesa e nas áreas onde os portugueses permaneceram.

Os reportórios dos tempos, na elementaridade das suas indicações práticas, ao lado das referências astrológicas, começaram por comportar, para a actividade náutica, ao que se diz, uma função útil. Nas suas sucessivas edições, no decurso do século, essa finalidade ou utilidade vai-se esbatendo, enquanto se ampliam os dados astrológicos e outros de aplicação irresponsável às oportunidades da vida sedentária ou de futuro incerto, através dos conselhos astrológicos e regras de convivência, juntamente com avisos agrícolas e informações caseiras. As sucessivas reedições que o mais célebre de entre eles teve — o **Repertorio dos Tempos,** editado por Valentim Fernandes — desde a primeira edição conhecida em 1518, conservam, para além da versão corrigida dos números que o tempo desactualiza (e também úteis à astrologia) rigorosamente as mesmas gravuras, os mesmos comentários, as mesmas alusões. Nem a experiência náutica adquirida, nem o conhecimento de novos mundos teve qualquer influência naquele texto, dado como tão importante relativamente aos conhecimentos astronómicos iniciais. No final do século, os outros repertorios mantéem a mesma toada informativa e aproximam-se ainda mais dos futuros almanaques,lunários e sarrabais, completamente divorciadas da vida científica da astronomia,

* **Albuquerque, Luis de** — Para a história da ciência em Portugal, Lisboa, Livros Horizonte, 1973.

** **Macedo, Jorge Borges de** — Livros impressos em Portugal no século XVI. Interesse e formas de mentalidade. Arquivos do Centro Cultural Português, Fundação Calouste Gulbenkian. Separata. F.C.G., Paris, 1975.





numa característica estagnação. Correspondia o facto a uma atitude geral da cultura portuguesa a este respeito, pois os temas astronómicos referidos nas lições conhecidas do final do século não revelavam muito maior desenvolvimento».

Com maior ou menor virulência, outros autores referem também o carácter retrógrado que os almanaques assumiram, repositórios de duvidosos prognósticos elaborados pela astrologia. João Palma Ferreira, numa nota que dedicou às «Folhinhas de Luas» *, escreve: «A Lua e os mitos lunares estão intimamente associados à crendice popular de todas as épocas. Os séculos XVII e XVIII foram muito propícios à propagação deste tipo de superstições.

Tão grande foi a importância dos juízos e prognósticos astrológicos baseados na influência da Lua, que nos séculos XVI e XVII corriam em quase todos os países, muitos almanaques, **lunários** ou **folhinhas de luas,** onde se descrevia a acção ou influência lunar sobre o corpo humano e, particularmente, sobre a felicidade ou infelicidade dos nascimentos». Mais drástico. A. R. Brancal acusa: «Durante muitos anos, este género de publicações foi um depósito de êrros e prejuízos: era a via pela qual a astrologia fazia circular a mentira desde o palácio dos reis à mais humilde choupana. Além das predições relativas à agricultura, à meteorologia, etc., traziam-nas também relativas aos destinos dos príncipes, aos negócios do Estado, etc.». Também Eça de Queiroz, no seu artigo entusiástico-irónico, não fugiu a retratar o fosso que se abriu entre o almanaque e a ciência: «Talvez por tanto esticar os olhos, e de tão longe, para o futuro, é que o almanaque chegou a não compreender, a quase ignorar, o esplêndido presente que o cercava; — e assim, durante todo o século XVII, ele se torna, no meio da fértil corrente das ideias e das ciências, uma verdadeira rocha, onde se isola e se agarra, como uma tartaruga, com a sua velha casca, a pesada e chata rotina. Entre o novo saber que se constitui e se abastece pela observação dos fenómenos, o almanaque fica como o refúgio derradeiro das fórmulas escolásticas».

Tão fracas referências não contribuem muito, é certo, para prestigiar o almanaque. Contudo, aceitem-se os pontos de vista dos autores citados e a filiação possível para que aponta o artigo de Borges de Macedo, admitindo decididamente que o almanaque tenha deslizado do quadro da ciência erudita, tardando, depois, em captar os seus progressos. O interesse que o almanaque possa despertar, não reside na circunstância de ele ser um indicador válido dos avanços da ciência. Estimado ou rejeitado,

* **Ferreira, João Palma** - Notas a «O Piolho Viajante. Divididas as viagens em mil e uma carapuças», de António Manuel Policarpo da Silva. Lisboa, Estudios Cor. 1973.

útil ou mal usado, o folheto de cordel que permite a quem o manuseia situar-se minimamente no tempo e que envolve numa teia astrológica, pedaços de saberes, alguns possivelmente retrógrados, pertence a outro espaço cultural. O próprio carácter, repetitivo, do almanaque sugere que ele pretende acudir a uma rotina, feita de preocupações vulgares sobre o cultivo da terra, o culto religioso, os cuidados com a saúde, o andamento da política e das guerras... É com este tipo de exigência elementar, que o almanaque, testemunha seguramente deficiente do percurso científico das épocas, tem maior vocação para conviver. E é esse folheto, com o seu modo próprio de responder a essas exigências, que interessa continuar a perseguir.

No «Summario de Varia Historia...», de J. Ribeiro Guimarães*, podem colher-se algumas indicações sobre o volume de produção e venda de almanaques, em fins do século XVII e no século XVIII. Diz o Summario: «O negócio das Folhas do **Anno,** ou Folhinhas e dos **Prognósticos**, era grande, deixava bem bons lucros (...). Imprimiam-se por anno 15000 a 17000 Folhinhas de algibeira e 35000 de porta mas isto depois de se acabarem as propinas dos tribunais, porque antes o número das de algibeira era de 20000 e das de porta de 40000 e rendia este negócio 9000 a 12000 cruzados cada anno. (...). Para as conquistas iam 6150 exemplares das de algibeira e 7350 das de porta. Estas vendiam-se a 80 réis em Pernambuco, mas nas outras províncias variavam os preços chegando ao de 300 réis na província de Minas. Era uma mina, a Folhinha. As de algibeira tinham diversos preços, conforme as encadernações e chegavam a 900 réis». Quanto ao Reino, o Summario indica 15 réis para o preço das folhinhas de porta, não dando o preço das de algibeira.

Dada a importância do negócio, gerou-se um conflito em torno do privilégio de impressão das Folhinhas, que se arrastou desde os princípios do século XVIII até 1770. A base da contenda residiu no seguinte: o primeiro privilégio fora dado ao Padre Diogo Tinoco da Silva, antes de 1704; mas nessa data, foi dado privilégio ao livreiro Pedro Vilela para o gosar depois da morte daquele padre e em 1709 foi também dado aos padres do Oratório, para o gosarem, por seu turno, depois da morte do padre Diogo e de Pedro Vilela. O conflito viria a opor os padres do Oratório ao filho de Pedro Vilela, este último vindo a obter uma sentença favorável em 1769. Mas, em 1777, de novo os padres do Oratório obtiveram privilégio, que conservaram até 1834.

* **Guimarães, J. Ribeiro** — Summario de Varia Historia. Narrativas, lendas, biographias, descripções de templos e monumentos, estatísticas, costumes civis, políticos e religiosos de outras eras. Lisboa, Editores Rolland & Semiand, 1873





Além destas notas do Summario, outras informações dispersas se podem obter na restante bibliografia consultada, respeitando ao movimento das folhinhas. Link * consagra um pequeno espaço ao almanaque, na descrição da sua viagem a Portugal: «Aparece anualmente um Almanaque real em Lisboa, que não se pode considerar dos piores que existem no género. No mês de Março de 1799, eu ainda não tinha conseguido obter o do ano corrente. Além deste imprime-se ainda o Calendário dos Santos e alguns outros de menor importância». Raul Brandão, ao descrever em El-Rei Junot **, a vida em Lisboa, nos princípios do século XIX, dedica também uma linha a um almanaque: «Publica-se por 1803 com grande sucesso a **Heroina Americana** e a **Ilha Incógnita ou as Memórias do Cavalleiro de Gastines;** em Março de 1807 a **História Romana,** e o **Prognostico dos quartos de lua,** obra muito útil aos lavradores — dizem os padres de S. Vicente; em Abril (já Napoleão preocupa o país) a **Vida de Napoleão Bonaparte** e a **Historia de Bonaparte,** 4 vol.; em Maio, **Leandro ou o pequeno casal no meio dos bosques...** É pouco lida a **Gazeta de Lisboa,** que traz notícias resumidas do que se passa lá fora». É também certamente significativo que Balbi *** não tenha deixado de descriminar os almanaques e reportórios, quando tenta uma estimativa do movimento livreiro em Portugal, embora não se possa apurar o seu nível de participação nesse cômputo: «Em referência à quantidade de livros portugueses vendidos anualmente por todos os livreiros de Lisboa, Coimbra e Porto, pelas Tipografias Real da Academia das Ciências e da Universidade, assim como pelo cálculo que fizemos por aproximação dos jornais, almanaques e calendários, efemérides naúticas, reportórios, catálogos comerciais, cartazes, anúncios, **registos** (imagens de santos) vendidos anualmente nas três cidades indicadas, podemos avaliar este comércio para todo o ano em 1 230 000 francos». Uma parcela deste total cabe aos almanaques.

Relativamente à segunda metade do século XIX, existe também alguma informação. António de Sousa Bastos ****, ao descrever Lisboa dos anos 1850-1910, afirma: «Por essa ocasião, também muito se desenvolveu a literatura nacional em todos os diversos ramos.

* **Link** — Voyage en Portugal depuis de 1797 jusqu'en 1799. Suivi d'un Essai sur le commerce au Portugal. Traduit de l'Allemand. Paris, Chez Levrant, Schoell, Libraires. 1803.
** **Brandão, Raúl** — El-Rei Junot (1919). Coimbra, Atlântida Editora, SARL, 1974.
*** **Balbi, A.** — Essai Statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve. Tome II, p. 103, 1882.
**** **Bastos, António de Sousa** — Lisboa Velha. Sessenta anos de recordações 1850-1910. Lisboa, composto e impresso nas Oficinas da C.M.L., 1947.

O desenvolvimento chegou até às **folhinhas** e **almanaques**, que, de ano para ano foram aparecendo em maior quantidade e variedade. Foram dos mais procurados os almanaques das **Lembranças**, criado por Alexandre Magno de Castilho e continuado por António Xavier Rodrigues Cordeiro, o qual já conta mais de cinquenta anos de existência, a **Folhinha do Pe. Vicente**, o **Almanaque de Luis Araújo**, o **Almanaque para rir**, e inúmeros outros impossíveis de enumerar. O Novo Almanack de Lembranças, para 1914 refere numa nota, que se publicaram em Lisboa, no ano de 1873, quarenta e sete almanaques diferentes. Sobre casos particulares, podem também, respigar-se, aqui e ali, alguns elementos: do Almanaque das Lembranças, que aparece em 1851, confirma Oliveira Martins tratar-se de «uma das mais rendosas emprezas litterarias d'estes últimos tempos»; o Almanaque de Lauro d'Almeida, para 1869, gaba-se de ter tido de fazer uma segunda edição, dado que a primeira, de 4000 exemplares, se esgotou em poucos dias; o Almanach do Jornal O Século, para 1898, felicita-se também pelo sucesso do ano anterior: a edição esgotara-se em menos de um mês e reimprimiram-se mais alguns milhares de exemplares para atender ao grande número de pedidos oriundos da província, da África e do Brasil; por sua vez, a propaganda do Almanaque de Portugal, para 1881, afiança: «Tiragem comprovada deste Almanach, 16000 exemplares. É distribuido em todo o reino por um systema especial adoptado pela empreza»; mais modesto, o Almanach O Toureiro, anuncia uma tiragem de 2000 exemplares. Da plétora de almanaques desta época tem-se também como rasto visível, a somar aos testemunhos anteriormente referidos, uma considerável quantidade de primeiros números, dados à estampa depois de 1850 e que fazem parte da colecção de almanaques consultada, a da Biblioteca Nacional de Lisboa.

Interessaria agora sondar os circuitos através dos quais o almanaque chega às mãos dos seus compradores. Os próprios almanaques contribuem, por vezes, para esclarecer esta questão, imprimindo minuciosamente, como o faz um «Lunário e Prognóstico» oitocentista, o rol dos locais de venda: «Vende-se na cidade do Porto, Rua das Hortas à esquina da Travessa da Praça Nova que é de Rita Rosa de Mello e Moura e em casa de Francisco Vieira Lucas, na Rua do Olival, n.º 93, assim como à Porta de Carros, e em Penafiel, e em Braga, na loja de Lourenço João Bernardo, do Arco de Almedina, ou em Feiras, donde se achar». Outros almanaques, porém, mais sintéticos, dizem apenas: «Vendem-se onde se compram», o que não é propriamante muito elucidativo.

Mas, se as pessoas não se dirigirem a estes ou outros locais designados, para adquirirem um almanaque, este se encarrega de ir ao seu encontro. O caso da cidade de Lisboa é aquele em que a bibliografia é





mais precisa, apontando pelo menos parte do sistema de venda e distribuição. Já um estremêz, * que deve datar do século XVIII ou princípios do XIX, começa a esclarecer esse assunto, pela pessoa de um barbeiro, aspirante a astrólogo:

*«Devo grande obrigação*
*A meu amo João de Seixas*
*Que me deu d'astrologia*
*Esta respeitavel sciencia*
*Elle só com Reportorios*
*Ganhava muita fazenda*
*E eu tambem farei o mesmo*
*Quando os calculos perceba*
*Por ora não rende nada*
*Porque ainda não me deixa*
*Fazer algum Sarrabal*
*Que pelos cegos se venda*
.................................
*Você verá brevemente*
*Os cegos pelas imprensas*
*Procurando aos trambulhões*
*As minhas obras modernas*
.................................

A venda de almanaques vai aparecer integrada na copiosa agitação da venda ambulante e dos pequenos ofícios, que animavam a cidade de Lisboa. No século XVIII, inúmeras figuras características deambulavam pelas ruas de Lisboa, apregoando e vendendo as coisas mais diversas — mexilhão, hortaliça, fruta, capachos, calçado, azeite, cebolas, leite, castanhas, papel, chitas, colheres, palitos, rocas, peixe, carvão... e almanaques **. No meio desse fluxo barulhento, iam os cegos, transportando as folhinhas e outra literatura de cordel. O Summario de Varia Historia..., já referido, recorda também e com algum detalhe, as condições desse negócio, em torno do século XVIII:

---

* **Entremêz Novo** — O Astrologo por nova invenção. Lisboa, na Officina de Antonio Gomes, s/d.

** **O Povo de Lisboa.** Catálogo da Exposição Iconográfica do Centro de Artes Plásticas dos Coruchéus. Lisboa, C.M.L., 1978-1979.

«(...) Antigamente eram os cegos os privilegiados vendedores de toda a papelada noticiosa.

Havia uma irmandade exclusivamente composta de homens cegos, sob a invocação do Menino Jesus, a qual teve a sua sede na freguesia de S. Jorge e depois na de S. Martinho; a esta irmandade pertencia o exclusivo da 'venda de folhinhas, historias, relações, reportorios, comédias portuguesas e castelhanas, autos e livros usados', como se lê no capítulo 2.º do compromisso da mesma irmandade.

Não falla o compromisso em periodicos, porque então não os havia, mas publicavam-se muitas relações de vários sucessos, muitas notícias em prosa e verso que eram os jornais d'aquellas epocas (...). Os livreiros tiveram contendas com os cegos, mas este conservaram os seus privilégios para a venda dos livros usados e papéis avulsos. Ainda em 1820 houve resolução do Desembargo do Paço, mantendo os privilégios da Irmandade do Menino Jesus dos homens cegos, que sempre **foi muito favorecida dos senhores reis d'estes reinos,** como diz a consulta.

Protegia a lei antiga esta indústria dos cegos que a desfrutavam desde que principiaram a publicar-se as relações avulsas.

Nas escadas do antigo hospital de Todos os Santos, ao Rocio, tinham os cegos o seu principal assento, antes do terramoto, e ainda não há muitos anos, na arcada do norte do Terreiro do Paço.

Os cegos eram os que geralmente tinham aqueles estabelecimentos de venda das comédias e folhetos de cordel, dizendo-se assim porque de um a outro prego posto nas paredes, em certos sítios, collocavam um cordel, no qual penduravam os folhetos.

Já não há vestigios d'esta industria».

Júlio Dantas * acrescenta a este roteiro que as tendas de livros mais procuradas para a venda de folhetos e reportórios eram a loja a par de Igreja de S. Nicolau e a do centro da Rua de Outeiro, a Santa Catarina.

Mas a venda em Lisboa — e a venda das folhinhas, em particular — não se extingue com a entrada do século XIX. «(...) Mesmo até meados do século XIX, escreve Júlio Dantas, ainda a bela cidade dos corvos manteve os seus 'tipos das ruas', como lhos legara o século das procissões e dos **Jubileus das Quarenta Horas,** do freirático D. João V e do cão de guarda do regime, Pina Manique: os bolieiros das seges de aluguel de Lisboa, os bandos do Peditório para a festa do Espírito Santo, as típicas vendedoras de agulhas e alfinetes, os homens do alecrim, os cegos das folhinhas...» e muitos mais permaneceram.

* **Dantas, Júlio** — Lisboa dos Nossos Avós. Lisboa, publicações culturais da C.M.L., 1966.





Mas mesmo dobrada a primeira metade do século XIX, persistirá a venda de folhetos pelas ruas da «Lisboa Velha»; conta A. de Sousa Bastos: «Lembro-me ainda, da literatura de cordel a cargo de uns livreiros ambulantes, que abancavam em diversas ruas e praças, segurando nas paredes com alguns pregos uns compridos cordéis, em que penduravam os folhetos por meio de uma espécie de colchetes de arame ou madeira, ou mesmo com alfinetes. Isto ainda hoje [1947] se usa no Porto. Os últimos que existiram em Lisboa eram vistos na Rua do Arsenal e na Rua Augusta, próximo ao arco».

Nem com a entrada do século XX acabou em Lisboa a venda nas ruas — e também não acabou a venda de almanaques. Alfredo Augusto Lopes* ao retratar, por seu turno, a actividade das ruas lisboetas, nos princípios do século actual, inclui os almanaques no rol de quase uma centena de artigos que se apregoavam e serviços que se ofereciam, que o autor arruma metodicamente por ordem alfabética: depois dos «abat-jours para candeeiros, pendurados num pau», da «água em barris aos ombros ou em carros, em bilhas de folha ou de barro, sem copo ou com copo», das «bandejas com fotografias de pessoas ilustres e de criminosos»..., de «espanadores pendurados noutros espanadores maiores», das favas, cruas e cozidas, fritas ou torradas, em gigas e cabazes, em latas e panelas» e antes dos «gelados, da hortaliça, dos jornais, leite, mariscos, pentes, pinhões, queijo, refrescos, rendas, rifas, tremoços, vidros», etc., tudo sugerindo um bulício considerável, lá aparecem em lugar próprio, os «folhetos, histórias, versos e almanaques às mão cheias». Mas o cego das folhinhas, esse terá desaparecido, mais o respectivo privilégio. Pelo menos, o autor não refere expressamente que os vendedores de almanaques tenham de ser forçosamente cegos. São, no entanto, juntamente com os que vendem «pevides, amendoins, alfarrobas, favas, pinhões, figos, papel para escrever e mapas para aprender a bordar», dos mais pobres: «Há vendedores ambulantes com família e sem família, vivendo das mais diversas maneiras; há os que mandam dinheiro às famílias. Mas também os há que nunca mandam dinheiro, porque nunca conseguiram ganhá-lo, de maneira a poder fazê-lo ou se bem o ganham, bem o gastam por cá.

Há ainda os que não têm lar, nem família nem nada. Comem nas tabernas, dormem em albergues próprios ou hospedarias e como mobília

* **Lopes, Alfredo Augusto** — Vendedores ambulantes. Conferência realizada em 15 de Junho de 1943, na sala do grupo «Amigos de Lisboa». Separata de Olisipo. n.os de Abril e Junho de 1944.

têm uma pequena caixa de madeira, um pequeno embrulho ou saco, ou só o que trazem vestido.

Fazem parte deste número os vendedores de sinas e almanaques alguns cauteleiros e vendedores de jornais». Recorda-se em especial o autor dos vendedores de sinas, entre os quais o «simpático Velho Portugal», que «vendiam, além de sinas, almanaques, pequenas histórias e venderiam também a sua miséria, se lha comprassem». Pode portanto admitir-se, creio, que a venda ambulante de almanaques em Lisboa, persistiu, pelo menos desde o século XVIII até ao dealbar do Século XX. Só depois se partiu o fio de referências específicas à capital. Em 1942 escreve já Guilherme Felgueiras *: «Calaram-se há muito as cantilenas dos cegos dos folhetos de cordel anunciando a «História da Donzela Theodora», a «Vida de Cosmo Manhoso», o «Auto de Santo Aleixo» e outros folhetos volantes».

A par da venda ambulante, os almanaques eram também vendidos em alguns pontos fixos da cidade. Ao empreender um roteiro das livrarias de Lisboa, por volta da segunda metade do século XIX, Sousa Bastos designa três que se ligavam a esse tipo de comércio: uma pequena livraria na rua Augusta de que era proprietário o editor do Almanaque Arsejas; «(...) próximo da Travessa de Santa Justa, ainda houve outra pequena livraria do **Matos,** que se sustentava com as edições de folhetos populares e diversos almanaques, sendo o mais procurado o **Almanaque para rir,** à imitação do almanaque francês do mesmo título». Ainda na rua Augusta, «numa pequena loja, estabeleceu-se também o filho mais velho [do Verol], o **Verol Junior,** com uma pequena livraria, editora de almanaques, especialmente o de **Luis de Araújo.** Pai e filho não se davam bem, pela divergência de opiniões políticas».

A feira da ladra constituía outro ponto de venda. Alfredo Mesquita ** descreve-a, referida aos primeiros anos do século actual: «Em Santa Clara, todas as terças feiras, assistimos a esse original desenrolar das velharias da cidade. Logo de manhã cedo, pelos dois passeios desde o arco de S. Vicente até quase em frente do Hospital da Marinha, vêm acampar os feirantes. Há de tudo nessa curiosa Cafarnaum. A vestiaria é completa. Calças, casacos, sobrecasacos (...). Até retratos! lá vão parar abandonados. A literatura de cordel também lá tem a sua representação em almanaques e folhinhas, coplas de fados que se gemem pelos bairros esconsos, e histórias da Carochinha...».

Fora da cidade de Lisboa, outros seriam os meios de distribuição e venda de almanaques. Um hiato de informação pesa sobre o período mais recuado. Segundo as indicações dos próprios almanaques, seria possível adquiri-los nas feiras e em diversas moradas espalhadas pelo país.

* **Felgueiras, Guilherme** — Lisboa dos líricos pregões, **in** Olisipo, n.° 19, 1942.
** **Mesquita, Alfredo** — Lisboa Ilustrada. Indicação de F. Câncio, Arquivo Alfacinha, vol. II, Caderno IV, 1954.





Henrique Campos Ferreira Lima * refere no seu ensaio bibliográfico sobre costumes portugueses, uma colecção de estampas que datam de 1841, a colecção Macphail, que inclui, entre outras, uma estampa do «Cego pelas províncias, vendendo folhinhas, etc.», o que faculta uma indicação, embora muito vaga. Mais recentemente, duas referências remetem para o contexto das festas e romarias. A elas acorrem vendedores e proporcionam-se trocas de impressões entre camponeses, sobre a agricultura, o receio de que o tempo não ajude e as vantagens de recorrer à folhinha. Boaventura Passos **, ao reconstituir um diálogo entre dois camponeses que se encontram na festa de S. Brás de Alportel, talvez por voltas de 1924, conduz a conversa até uma bem pouco lisongeira opinião sobre o esforçado Borda d'Água: «É uma pantomina, compadre, é uma pantomina! Não se fie em folhinhas, que eu tenho p'ra lá uma, a do tal Borda d'Agua que só dá chuva, a maldita, em dias de calmorraço! Meu rico dinheiro! Era bem melhor tê-lo botado à rua!...». Capela e Silva *** inclui também a venda de almanaques na feira de Rossio do Calvário, durante a festa de S. Mateus, celebrada todos os anos no Alentejo: «Aqui e além, gente de aspecto miserável, embraçando cabazes de impressos, entoa pregões de almanaques, e de versos, e de contos». Escassas indicações, que deixam mal contemplado o quadro da circulação de almanaques em terras de província, durante uma longa época.

E, no entanto, com base noutras indicações obtidas da ficção, ou do ensaio, referidas a tempos diferentes, ou mesmo não balizando com precisão o tempo a que se referem, pode observar-se o imiscuir do almanaque em zonas geográficas e sociais diversas. Os próprios folhetos, por vezes, dizem a quem procuram dirigir-se. «Útil a toda a gente!», garantem alguns almanaques; «Obra utilíssima, segundo as regras astronómicas, aos Lavradores, Pomareiros, Hortelãos, e Jardineiros, Pescadores e Caçadores», diz um Borda d'Agua de 1812; o Almanach Illustrado do Jornal O Zé, para 1915, dirige-se por extenso a «meninas, senhoras, capitalistas, operários, burgueses, generais, militares sem graduação, crianças até oito anos e velhotes», ou seja, também a toda a gente; há ainda os almanaques mais especializados, que se intitulam dos cozinheiros, ou dos cantadores, ou das sopeiras, do público teatral, das famílias, etc. É possível que tenham atingido os meios desejados; outros ainda, como o Almanaque Ferin, são mais exigentes quanto ao público. Em 1903, os seus fundadores esforçam-se por melhorá-lo, «para corresponderem à magnífica aceitação que ele tem tido no público e sobretudo nos elegantes **boudoirs** das suas gentis compradoras», esperando que com a melhora ele venha a aparentar-se ao Almanaque de Gotha e a ter um público igualmente vasto, «não havendo **bureau** elegante e perfumado que o não possua».

* **Lima, Henrique Campos Ferreira** — Costumes Portugueses. Ensaio Bibliographico. Empreza da Historia de Portugal, Lisboa, 1917.
** **Boaventura Passos** — Aldeia em Festa. Editorial Organizações, Lda., 1934.
*** **Silva, Capela e** — Ganharias. Lisboa, Imprensa Baroeth, 1939.

Mas além das declarações de intenções expressas nos almanaques, outras fontes confirmam a maleabilidade que permite ao almanaque, por via das suas diferentes formas e tipos, introduzir-se em regiões sociais diversas. Eça de Queiróz afirma que depois da invenção da imprensa, «tal folheto de papel pardo, de grossas letras negras (...) entrava pelos castelos, rompia alegremente pelos casebres, ainda húmido do tempo e da tinta gorda, e à noite, ao serão, acabava de secar diante da lareira, contando as grandes cousas do Céu e da Terra». O mesmo Eça colocará o Almanque das Lembranças nas mãos distraídas da Gracinha, irmã de Gonçalo Mendes Ramires *. Com Trindade Coelho, n'Os meus amores **, o dito Almanaque das Lembranças será ingrediente de um grande motim verbal entre empregados públicos, numa terra de província. Almanaques não especificados distraem os serões provincianos das famílias abastadas, durante o século passado, segundo relata F. Keil do Amaral ***. Alfredo Mesquita, por seu turno, escreve ****: «O primeiro cuidado do alfacinha à entrada de cada novo anno foi sempre o de verificar na folhinha da sua predilecção — O **Borda d'Agua,** ou o **Seringador,** o **Almanach de Lembranças** ou o de **Luiz de Abreu** — em que dias viriam a cair as festas móveis d'esse anno, e quantos dias santos e feriados não coincidiriam com domingos. Para o alfacinha empregado público, o facto de bater num domingo o anniversario da Outorga da Carta ou o dia de Todos-os-Santos, é um profundo desgosto, de que só pode consolá-lo algum feriado extraordinário, por casamento de príncipe ou morte de papa». Sem dúvida, o almanaque vai preenchendo alguns espaços no quadro social. Como se comportará no campo popular?

Leite de Vasconcelos, ao considerar a expressão Borda d'Água, escreveu no volume III da Etnografia Portuguesa *****: «De Borda d'Agua andar muito na fala do vulgo, resultou ter servido de título a repertorios, e de tema a canções líricas», estabelecendo assim uma origem popular ao próprio título de alguns dos almanaques mais conhecidos.

Bertino Darciano ******, embora ponha em dúvida essa ligação, confirma mais geralmente a divulgação popular dos almanaques

---

* **Queiroz, Eça de** — A ilustre Casa de Ramires.
** **Coelho, Trindade** — Os meus amores (Contos e baladas). Lisboa, Portugália Editora, 1962. 14.ª edição.
*** **Amaral, F. Keil do** — Histórias à margem de um século de história. Lisboa, Seara Nova, 1970.
**** **Mesquita, Alfredo de** — Alfacinhas. Lisboa, Parceria de António Maria Pereira, 1910.
***** **Vasconcelos, Leite de** — Etnografia Portuguesa, Vol. III.
****** **Darciano, Bertino** — O tempo e os almanaques do povo. Retalhos de investigação etnográfica. Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos. Setembro de 1954. 1.º número.





ao afirmar: «Ninguém ignora o apreço em que são tidos pela gente do povo, sobretudo das aldeias e da beira-mar, os seringadores, saragoçanos, bordas d'água, não apenas pela utilidade dos conselhos que dão sobre matéria agrícola, venatória, piscatória, hortícola, etc., mas também pelos 'versinhos' que incluem, pelas anedotas e "storinhas' que contêm e até por certas receitas e curiosidades».

J. M. Soeiro de Brito *, por seu turno, num texto editado em 1890, em que se debruça sobre os conhecimentos meteorológicos dos camponeses alentejanos, regista: «As folhinhas e reportorios são muito consultados por causa dos **quartos** de lua porque é nessas épocas que a lua mais influência tem no tempo e nos corpos. Por isso se devem fazer em certos **quartos** de preferência certas operações agricolas e tomar certas precauções e medicamentos».

Também a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira diz do Seringador, ter sido esse o almanaque «que maior eficácia obteve através das províncias de Portugal». A razão apontada para tal êxito reside «no seu cerrado propósito de combater os jezuitas», de tal modo que «até as quatro fases da lua eram representadas por cabeças de padres da Companhia de Jesus. Atendendo ao preço diminuto, e à matéria sugestiva de que vinha repleto, sem deixar de inserir as indicações úteis, entrava em todos os lares das aldeias mais remotas». O esboço da divulgação popular do almanaque resulta mais consistente, uma vez somadas todas as referências até aqui recolhidas. Mas, por sua vez, levanta novos problemas.

Uma questão que ocorre colocar de imediato, diz respeito à possibilidade de uma leitura popular destes folhetos — e, aliás, de qualquer tipo de publicação popular — sabendo-se que ela se confrontava com taxas de analfabetismo muito consideráveis. Geneviève Bollème **, a quem se deparou uma dificuldade semelhante, ao abordar a leitura do almanaque popular, no caso da França de Antigo Regime, chega a admitir a hipótese de rever o conceito que geralmente se tem da palavra 'ler': o almanaque poderia ser comprado e consultado por pessoas que liam pouco, que mal sabiam ler, mas que podiam familiarizar-se com as indicações muito repetidas e com os símbolos que os almanaques geralmente incluem. É prática corrente, de facto, mesmo nos almanaques portugueses, indicar de forma especial as fases da lua. Em França

---

* **Brito, J. M. Soeiro de** — Astronomia, Meteorologia e Chronologia populares. Esposende. Collecção Silva Vieira. 1890.
** **Bollème, Geneviève** — Les almanaches populaires aux XVII et XVIII siècles. Essai d'histoire sociale. Paris, La Haye, Mouton & Co. MCMLXIX.

chegaram a correr almanaques compostos só de figuras, facilitando ao máximo a consulta popular. Não deparei com folhetos equivalentes para Portugal, embora me tenha sido facultado verificar que eles existiram também na Galiza. Mas no caso dos textos, a indecisão permanece quanto ao modo como seriam lidos. Quantos saberiam ler um pouco e mesmo com dificuldade consultar um almanaque como o lavrador que o autor do Almanaque Bairradense (1875) encontra «por esses campos fora à sombra doce da árvore que lhe dá o fructo, que o sustenta , e os ramos com que aquece os membros nas enregeladas noites de inverno, **soletrando** o amarelento **Lunario perpetuo** ou o encaracolado Borda d'Agua (...)»?

Uma outra hipótese de relação popular com o texto impresso,respeita ao costume de audição colectiva, particularmente ao serão. Basta, neste caso,que um dos participantes saiba ler. Ainda para o caso da França de Antigo Regime e referindo-se à leitura popular, mesmo nas pequenas aldeias, Robert Mandrou * considera possível que algum padre ou soldado possa empreender essa leitura, ao serão, baseando-se também no facto de muitos livrinhos populares iniciarem o texto com as palavras: 'Como vão ouvir...', sugerindo que seriam lidos em voz alta.

A audição colectiva e popular também tinha lugar no Portugal setecentista. Júlio Dantas refere-a, no caso de Lisboa, ao debruçar-se sobre a literatura de cordel:

«Comecemos pelos livros que o povo lia. Na velha Lisboa de D. João V e de D. José, aqueles que se permitiam o luxo de saber ler, deleitavam-se sobretudo com a literatura de cordel (...). Lia os folhetos, bem entendido, quem sabia ler. Mas pouca gente gozava então desse benefício (...).»

Mas o povo de Lisboa, que não sabia ler, gostava ao menos de ouvir. Havia determinados pontos da cidade onde se reuniam à tarde homens e mulheres, para ouvir contar histórias e escutar a leitura compassada dos folhetos de cordel. Esses lugares, sempre os mesmos, eram o balcão do livreiro de S. Domingos, o adro do Monte, a Ribeira das Naus, o Cais de Pedra, e o Cano Real, aos domingos, na hora da sesta». Vendiam os folhetos, já se sabe, os cegos. «Com o seu chapeirão enorme, o seu ferragoulo de briche, o seu bordão tateando o lagedo das betesgas e das alfurjas, os cegos corriam meia Lisboa, apregoando as novidades da literatura de cordel, delícia dos lares e dos soalheiros, dos poiais de pedra e dos adros conversadores». E, citando Manuel de Figueiredo **, reconstitui o elo entre a venda dos folhetos e o acto de leitura-audição:

* **Mandrou, Robert** — De la culture populaire aux 17e et 18e siècles La Bibliothèque Bleue de Troyes. Paris, Ed. Stock, 1964, 1975.
** **Cf. Figueiredo Manuel de** — Teatro. Tomo XIV.





«Que satisfação não tinha o vulgo quando ouvia os cegos apregoar em altas vozes os autos de Maria Parda, as obras de Clara Lopes, cristaleira de Coimbra, e o Testamento da Velha, ainda antes da Serração! Só de ouvir o pregão se riam e achavam muita graça; pois a maior parte da gente sabia de cor as melhores passagens, e estavam esperando por elas, em uma convulsão, com receio de soltar a gargalhada antes de se expressar a discrição. Eram papéis que andavam sempre nas assembleias do serão, únicas que se faziam em todas as casas à luz do candeeiro posto no velador, ou da candeia dependurada, a cuja roda se formavam círculos das mulheres que havia em casa, e ainda das vizinhas da escada, que se juntavam a ler, a fiar e a remendar».

Não é impossível, pois, também no nosso caso, ultrapassar a dificuldade que representa o analfabetismo para a consulta popular dos folhetos de cordel. Mas o almanaque, não sendo a bem dizer uma peça de literatura, teria também aceitação nessas reuniões? Parece plausível admiti-lo, embora o autor não o refira expressamente e seja duvidoso que fosse festejado com o entusiasmo acima descrito. Em época mais tardia, 1887, O Novo Seringador refere-se ainda ao mesmo hábito de leitura, ao serão, supondo que o livrito escolhido seria, neste caso, o próprio almanaque. E escreve, dirigindo-se aos seus leitores: «É justo que quem gasta o seu pataco dê meia dúzia de rizadas, às noites, á lareira, sem receio de offender os ouvidos castos da família que o escuta. Assim tivemos o maior escrúpulo na escolha das anedoctas que tu poderás ler affoutamente ás tuas irmãs, á tua esposa, e aos teus filhos, se os tiveres». É também possível que o almanaque fosse consultado por necessidade, mas sem grande entusiasmo e acabasse por ter o destino que lhes atribui o Almanaque dos Palcos e Salas, para 1905,que no entanto não especifica bem o tempo a que se refere: «Os almanaques, antigamente, só serviam para a gente se regular durante doze meses, findos os quais iam parar ao cesto dos papéis velhos, sem que ninguém se lembrasse de os arquivar». Mas, obviando a tão triste fim — se é que era o seu — o almanaque aparecia regularmente, ajustado o que era de ajustar ao novo ano, reproduzindo metodicamente uma ordem de tempo.

Quem seriam os autores destes almanaques e folhinhas, alguns com nome e apelido, outros escondidos atrás de um título genérico, Astronomo Lusitano da Borda d'Agua, Maltês da Borda d'Agua ou outros? A acreditar nas habilitações que atribuem a si próprios, seriam, primeiramente, astrólogos, matemáticos e médicos. Ernesto Soares * num

* **Soares, Ernesto** — Almanaques, prognósticos, Lunários, Sarrabais do século XVIII em Lisboa. Lisboa, 1946.

artigo que dedicou aos almanaques setecentistas, recenseou vários nomes e algumas indicações, referindo que seriam matemáticos, professores e até clérigos. «E se não vejam-se os nomes de Gaspar Cardoso de Sequeira, que foi, nada menos, do que o mestre em Artes pela Universidade de Alcalá e professor de Matemáticas; de Francisco Carlos da Silva, matemático e autor de inúmeros Prognósticos; de Vitorino José da Costa, egresso da religião dos bentos, onde se chamou Fr. Vitorino de Sousa Gertrudes, conhecido na astrologia do tempo pelo **Cosme Francês,** homem de grandes letras e possuidor de vasta bibliografia; de Inocêncio Fernandes de Coura, de Fr. Custódio Lobo, de Crispim Roberto Reimão e de outros muitos a quem Inocêncio atirou, como diz o Poeta, para a vala do **vulgo vil sem nome**». Ciosos da sua produção, desde cedo começam a manifestar-se querelas entre almanaqueiros, que chamam a atenção do público para os seus próprios almanaques, únicos verdadeiros e bem feitos, depreciando a mercadoria alheia. Um prognóstico para 1644, de Manoel Gomes Galhano Lourosa, foi o primeiro em que deparei com tais avisos. Desde então a linha de advertências prolongar-se-á até ao presente século, chegando alguns almanaques a ostentar marcas distintivas, como um Seringador que imprime na capa um enorne T, para ser facilmente reconhecido.

Com o avançar do século XIX, a feitura dos almanaques deixa de ser tão misteriosa. Vários almanaques divulgam listas de colaboradores , entre as quais muitas figuras conhecidas da vida portuguesa, particularmente política e literária. Tinha começado outra fase da vida do almanaque, de que César Oliveira* destaca a componente política e o significado sociológico: «São numerosos os exemplos de almanaques feitos por republicanos, por socialistas e também pelas congregações religiosas; neles se difundiam as doutrinas, se sistematizavam as críticas e os projectos, se biografam os principais dirigentes e doutrinadores. O almanaque representou, pois, a possibilidade de divulgação popular com uma considerável dimensão socio-geográfica. Pela variedade e atrativo das matérias inseridas, pela utilidade e qualidade das informações, o almanaque é extremamente significativo da metodologia usada na divulgação cultural. O almanaque é função por excelência das classes médias colocando ao seu dispôr, numa linguagem a sistematização acessíveis, um corpo de ideias e informações que de certo modo iriam informar os seus comportamentos políticos». Mas também houve quem

---

* **Oliveira, César** — O Socialismo em Portugal. 1850-1900. Porto, Edições Afrontamento, 1973.





utilizasse de forma inesperada esta faceta propagandística do almanaque: em 1905, um almanaqueiro, Agostinho Velloso da Silva, que aliás se queixa amargamente dos falsificadores de almanaques, elabora simultaneamente, entre outros, o Almanaque do Bom Republicano Português e o Almanaque do Rei D. Carlos. O calendário, normas agrícolas..., são idênticas, apenas variando alguns artigos. No Almanaque do Rei D. Carlos, que traz na capa o retrato do dito rei, conta uma longa história sobre uma rainha, mas já no Almanaque do Bom Republicano inclui, em substituição dessa história, uma tradução da Marselhesa e uma «história da República em todo o mundo, desde os tempos remotos aos nossos dias». É de crer, neste caso, que a preocupação mercantil se sobrepôs à convicção política.

E, de facto, parece que se fazem almanaques, na segunda metade do século XIX, em profusão e variedade, pelas mais diversos motivos. É a invenção, não do almanaque, mas de novos modos de o utilizar. Oliveira Martins não deixou de fixar esse momento: «Lembro-me ainda do horror de uns tios velhos que eu tinha e usavam rabicho e botas altas até ao joelho, contra a innovação e contra a palavra. O **almanach** era mais do que um objecto de mofa e desprezo: era uma impiedade. Misturava-se o sagrado com o profano, as anedotas e historietas com o calendário que o christianismo, tornando-o um agiologio sanctificara seguindo a tradição antiquissima de Roma. Depois, era uma palavra arrevesada a que o ouvido nacional não estava acostumado. Finalmente, para cúmulo da desolação, o próprio Padre Vicente obedecendo à necessidade do tempo também transformava a sua **Folhinha** no **Almanach familiar** que principiou em 1849 e ainda se publica regularmente». Aliás o Padre Vicente, «Calendarista da extinta congregação do Oratório» será o primeiro a lamentar a ocorrência, numa longa nota que dedica aos leitores do primeiro número do seu almanaque, explicando que só se resignou à tal inovação por causa do imposto do sêlo que recaiu sobre a folhinha, aumentando-lhe o preço, «a termos de não poder competir com Almanaks». Mas nem todos lamentarão os novos usos. Cláudio de Chaby ao verificar que o exército tardava em ter o seu próprio almanaque, empreende a edição de Almanach militar, ou livro de Quartéis (1.° ano, 1858) e será mais optimista: «Desde alguns annos a esta parte, que, em substituição às antigas Folhinhas têem revivido entre nós os Almanachs, manifestando-se de anno para anno com sucessivo desenvolvimento de extraordinaria melhoria. As sciencias, as artes, muitos ramos da litteratura e de humanos conhecimentos têem nas pequenas páginas daquelles livrinhos designado lugar, louvores e homenagens; e, quasi para que assim o digamos, a classe alguma da sociedade, no aproximar do novo anno, deixa de ser destinado especialmente o seu Almanach, regulador, instructivo e

de recreio». Envolvido por opiniões contraditórias, um novo tipo de almanaque surge ao lado das antigas folhinhas, que persistirão, algumas, mais ou menos remodeladas. O espaço livre dos almanaques vai conferir-lhes maleabilidade suficiente para se colarem a novas perspectivas, espalhando-se, com largueza, por públicos e assuntos. Note-se, contudo, que mesmo antes desta fase de maior proliferação, o almanaque já escapara a um campo de preocupações único e universal: o almanaque de conteúdo meteorológico, agrícola, higiénico, religioso, que parece ter sido amplamente dominante, não era exclusivo. Ainda no século XVIII surgem outras modalidades, como e pelo menos, o Almanaque de Lisboa, patrocinado pela Academia das Ciências e o Almanaque das Musas, literário, importação de um modelo francês (e que não tem calendário). Que saberes contém, por exemplo, o Almanaque da Academia? Saberes de anuário, que respeitam agora e com minúcia, aos órgãos do Estado, ao movimento das alfândegas, às entradas e saídas de navios, aos títulos da nobreza... Subjacentes a estes saberes, já não se pressente a vida agrária, mas um outro meio social, exigindo informações burocráticas e administrativas precisas, um meio urbano, nobre e burguês, para quem a noção de comércio é distinta da noção de feiras e mercados, que o almanaque rural ostenta e a quem também não servem os aniversários e casamentos da Casa Real com aproximação suficiente da ideia de poder.

Por outro lado, o próprio almanaque popular, rural, não passou inteiramente incólume através de um mundo que, manifestamente, mudava: uma Folhinha Constitucional surge em 1822; também no início das lutas liberais, timidamente e sem molestarem o conteúdo costumeiro dos seus almanaques, alguns Borda d'Água acompanharam as transformações em curso, inserindo pequenas quadras alusivas nas respectivas capas:

*Viva o Augusto Congresso*
*O Rey a Religião*
*Vivam todos que defendem*
*A nossa Constituição*

(Lunário e Prognostico para 1823
por um Astronomo Lusitano da Borda d'Agua)

*Astrea desça do Ceo*
*A Gloria Paz e União*
*Vanham todos applaudir*
*A nossa Constituição*

(Lunário e Prognóstico para 1823
por um Astronomo Lusitano da Borda d'Agua)





*Alegria, Lusitanos*
*Na Fé e Religião*
*He hum Deos que nos envia*
*Tão suave Redempção*

(Lunário e prognostico para 1824
por hum Maltez Lusitano da Borda d'Agua)

Depois destas provas de adaptação a outros meios, saberes e circunstâncias, o almanaque, mais decididamente, irá tentar a sua sorte: como almanaque político, de que César Oliveira sublinhou o significado; como almanaque regional, podendo ser meramente um anuário, ou descrever a história e interesses de vilas e regiões; literário, enchendo-se de pequenos textos e poesias de autores desconhecidos ou de recortes de autores conhecidos; pedagógicos, procurando divulgar conhecimentos científicos diversos; teatrais, popularizando êxitos de algumas peças e retratos e biografias dos actores mais estimados; escolares, dedicados sobretudo aos professores; familiares, religiosos, recreativos, burocráticos, diplomáticos, agrícolas, fadistas, tauromáquicos... Entre toda esta tipologia, Oliveira Martins criticou muito duramente o almanaque literário, «o genuino almanaque **moderno**, mixto de reportorio e de **album**, onde a segunda espécie predomina em artiguinhos e poesias e que é geralmente o recurso de todos os litteratos **manqués**. Este tipo de livrinhos é absurdo, porque é inútil. As composições fugidias lêem-se uma vêz, quando se lêem, e não se estão consultando durante o anno inteiro: por isso, tal espécie de livros tem logo o destino que merece». Mais uma vez, não era a opinião de toda a gente. O Almanach de Coimbra para 1858 descreve no Prólogo as suas espectativas. «(...) Simples e matizado como a borboleta, o Almanak presta-se facilmente a todo o género de variedade, quer scientifico, quer artístico, ou de qualidade doméstica, ou de puro recreio. N'elle tem bom cabimento e logar igualmente o romance e a poesia, e assim as notícias históricos como quaesquer outras curiosidades literarias.

Dignissimo e excellente successor de todos os Reportorios, Calendarios, Prognosticos, Lunarios e Folhinhas, o Almanak, livre das sombras que lhe interceptavam o vasto horizonte que podia descobrir, irá acompanhando a par e passo o espírito do século e irá talvez chegar ao ponto de grande publicação periodica annual, porém sempre instructiva, sempre amena e sempre popular». O certo é que o almanaque literário se impôs e pelo menos temporariamente, distraiu alguns serões. Ainda em 1924, se depositavam esperanças nas suas potencialidades, que são explicadas no Almanaque de Ponte de Lima: «Na realidade — escreve o

autor do artigo, 'Os almanaques e o moderno movimento literário' — a civilização actual, tão intensa e tão múltipla nas suas formas, tão rápida e fugaz nos seus movimentos, mal se coaduna com as vetustas normas da literatura antiga, em que grandes e pesados volumes representavam a condensação literária do pensamento humano». E, linhas à frente prossegue: «Seria, na verdade, difícil levar ao espírito das populações empolgadas pelas necessidades da vida, o conhecimento dos vários aspectos do movimento histórico que passa, se essa reprodução houvera de fazer-se em longas páginas que reclamassem um extenso estudo e largas horas de tempo, O almanaque, como o jornal, solucionam esta crise. E o estudo profundo dos problemas que agitam a consciência, ficará para o reduzido número daqueles que, no silêncio dos seus gabinetes, podem inteiramente entregar-se a aprofundar os problemas da ciência». Aspirava-se, assim, a um género literário, que aderisse a uma sociedade que se sentia a andar depressa. Mas outras e novas capacidades serão ainda descobertas no almanaque. Além dos calendários, recortes literários ou outros, anedotas e charadas, os almanaques começam a regorgitar de anúncios, por vezes arrumados numa secção especial, por vezes salpicando todas as páginas do folheto e do livrinho e mais ou menos adequados ao tipo de almanaque. Os almanaques dedicados aos professores anunciam material escolar de vária espécie, desde o ponteiro à cadeira; o Almanaque das Senhoras, que começara em 1870, sob os bons auspícios de Guiomar Torrezão, muito cuidado e com um corpo de colaboradores escolhido, surge em 1905 a abarrotar de anúncios invasores e desastrosos: pequenas frases extraídas de textos de Alexandre Herculano e de Cândido de Figueiredo, entre outros, passam a ombrear com o Apiol dos Drs. Joret e Hommolle e o Leptandrine Royer, entre os remédios. Os almanaques ganham outro cunho, mesmo visual. Naturalmente, surge também um almanaque dedicado a esta potencialidade anunciadora, dirigido especialmente a comerciantes e industriais — o Almanach da Agência Primitiva de Annuncios — que explicará os intuitos que levaram a recorrer ao almanaque: «Tornar o annuncio permanente, dar-lhe a máxima publicidade, leva-lo a todos os sítios mais concorridos da capital, a todas as terras de província, ao Brazil, ás possessões ultramarinas, a toda a parte, enfim, eis o propósito e o pensamento do editor.

O Almanach e a Agencia estão constantemente demonstrando esta verdade que, infelizmente, ainda muita gente não compreende. Na Agencia, o annuncio diário, a utilidade, a vantagem, a conveniência, a comodidade, a economia de tempo e de dinheiro; no Almanach, o annuncio permanente, a lembrança effectiva desde o primeiro até ao último dia do ano — um cartaz inalterável em toda a parte, no balcão do logista, na banca do advogado, na mesa do artista e do operário, na casa





das famílias, na mão do rico, do pobre, do remediado, correndo desde a capital até às províncias e levando ainda fora do continente e do paiz o pregão dos seus offerecimentos (...)». Mais uma função que o almanaque passa a cumprir, somando-se às outras de que foi sendo empossado. No conjunto, uma manta de retalhos, um tipo de publicação elástica, poliforme, prestável.

Um tipo de publicação menor? Uma produção de baixa qualidade, ressalvados alguns expoentes? O seu interesse, viu-se, é controverso. A sua utilidade divide as opiniões. Mas, mesmo se mal classificado na hierarquia dos papéis impressos, sujeito a que «abusem da curiosidade» dos seus leitores, o interesse do almanaque não se dilui. Munido de uma aparente resistência à usura do tempo, agregando a si uma probabilidade suficiente de ter sido manuseado mesmo por aqueles que lêem pouco, o almanaque adquire, por isso, uma pequenina dimensão social. A curiosidade que levou a tentar um esboço, embora impressionístico e lacunar, do seu percurso, pode ligar-se a uma perspectiva mais consistente, já rasgada, sobre o modo de considerar o livro — qualquer texto escrito: «Aliás, a uma história literária, agarrada às grandes obras e, por esse facto, levada a considerar o livro como suporte da novidade estética ou intelectual, substitui-se a ambição, algo prometeana, de captar o que escreve ou lê uma sociedade inteira. Assim, o livro já não é apenas essa arma privilegiada do combate dos humanistas, ou das Luzes, mas igualmente o espelho dos arcaismos de um tempo»*. Continue-se, pois, a perseguir o almanaque, procurando agora penetrar um pouco no interior dos seus domínios. Com uma tão grande variedade de matérias, será possível encontrar algumas linhas que sirvam de orientação em tal terreno? Dois temas, o tempo e os saberes, parecem-me favoráveis para orientar uma rápida travessia e sobre esses, entre outros possíveis, recaiu a escolha.

* **Chartier, Roger; Roche, Daniel** — Le livre. Un changement de perspective. **in** Faire de L'Histoire. Nouveaux objects, vol III, sous la direction de Jacques le Goff et Pierre Nora. Paris, Ed. Gallimard, 1974.

# 2 Os tempos do almanaque

O almanaque, com efeito, é o livro disciplinar que coloca os marcos, traça as linhas dentro das quais circula, com precisão toda a nossa vida social. O tempo, essa impressão misteriosa a que chamamos tempo, é para o homem como uma planície, sem forma, sem caminho, sem fim, sem luz, onde ele transita guiado pelo almanaque, que o segura pela mão, o vai puxando e a cada passo murmurando: — «Aqui estás em Setembro!... Além finda a semana!... Em breve alcanças o 28... Hoje é sábado...» Se o almanaque de repente, por facécia ou perfídia, lhe soltasse a mão, o abandonasse, o homem vaguearia, irremissivelmente confuso e perdido, dentro da vacuidade e do não-ser do tempo. Sumida a noção do ano, do mês, do dia ele não poderia mais cumprir, com ordem proveitosa, os actos da sua vida urbana, rural, religiosa, política, social—e logo se arriscaria àqueles dois erros, de que galhofava o provérbio antigo, a semear o seu trigo em Julho e a celebrar a sua Páscoa em Novembro. Só com o almanaque, sempre presente e sempre vigilante, pode existir regularidade na vida individual ou colectiva: — e sem ele, como numa feira, quando se abatem as barreiras e se recolhem as cordas divisórias, o que era uma sociedade seria apenas uma horda e o que era um cidadão seria apenas um trambolho.

*Eça de Queiroz*

O tempo sem pôr tempo vay correndo
Sem tempo não se vão as cousas vendo,
Por tempo o tempo vay profetizando.
Do tempo o tempo só pode ir fallando
Que o tempo mostra o tempo que vay sendo,
Com o tempo vão se os tempos entendendo,
Que o tempo varios tempos vay mostrando.
Nunca o tempo perdido he mais cobrado
Que se o tempo nos tira o que é presente,
Mal pode dar o tempo o que he passado:
O tempo gaste bem todo o prudente
Que se o tempo que gasta he bem gastado
Todo o tempo passado tem presente.

*(Theatro Universal de Novidades, para 1744)*

O domínio priveligiado dos almanaques é, sem qualquer dúvida, o tempo. Situar-se no tempo, situar no tempo aquilo que é necessário saber e fazer para assegurar a continuidade da vida, para responder a exigências culturais elementares, ou mesmo pueris, esse é o campo primeiro dos almanaques, o tema que, forçosamente, nunca falta. Um almanaque sem

um referencial de tempo, seria um contrasenso, um falso almanaque. Por necessidade, primeiro, por tradição, depois, como matéria principal ou acessória, extenso ou reduzido, religioso ou laico, rural ou urbano, de qualquer tipo que seja, um calendário é peça imprescindível num almanaque.

Os calendários mais comuns, que se podem encontrar nos almanaques desde o século XVII, convergem para as mesmas indicações, podendo falar-se num calendário-padrão. Têm, primeiramente, a grelha do tempo, os meses do ano, os dias do mês (ou apenas alguns), os dias da semana; depois e por vezes assumindo maior importância que os dias do mês, as fases da lua; o levantar e o pôr do sol, definindo o tempo dos dias longos e das noites longas; o tempo meteorológico, a chuva e o bom tempo, o céu nublado, os dias húmidos, o vento e a calmaria; a entrada das estações; os trabalhos agrícolas: sementeiras, colheitas, podas, cavas, cuidados a ter com os animais, tudo descriminado no corpo do calendário, ou encimando a página de cada mês, separando geralmente as regras que se devem observar no crescente e no minguante da lua; os cuidados com a saúde: normas de higiene, conselhos sobre a alimentação e a bebida; a vida religiosa: as grandes festas, os santos de cada dia, os jejuns, os dias das bênçãos matrimoniais; a vida política: durante a monarquia, as efemérides da Casa Real, os dias de beija-mão, os dias de gala e grande gala; a vida civil: a abertura dos tribunais, as férias... No todo, ou em parte, são estas as matérias que mais frequentemente o calendário ordena no tempo de um ano. Além desta unidade anual, o almanaque preocupa--se também com um tempo mais longo e procura representar os grandes marcos da história. Surgem, assim, as cronologias, as épocas memoráveis, as efemérides que se emaranham no corpo do calendário, construidas segundo diversos critérios. [Quadros 1 a 8]

Será excessivo pretender que calendários e cronologias têm um modo próprio de falar do mundo que os rodeia e ao qual se dirigem? Parece, de facto, que à transparência do calendário-padrão, carregado de referências, fechado em torno de certas matérias fundamentais, codificador de saberes e de práticas, se distingue uma leitura da sociedade, uma sua imagem, descrita na linguagem redutora do tempo. A sociedade suposta por este tipo de calendário, precisaria de dominar o tempo meteorológico, de que dependem a fortuna ou a escassês das colheitas e a essa exigência responderá primeiro a falibilidade do astrólogo; a agricultura constituirá a sua actividade produtiva básica e para a população que a ela se liga, tem utilidade recordar as práticas agricolas mais correntes, os seus ritmos e oportunidades; a religião, com as suas manifestações festivas, seus santos e jejuns, é uma presença cultural





**QUADRO 1**

**Prognostico e Lunario do ano de 1656 com as conjunções e mais aspectos da Lua e do Sol, mudanças de tempo. E alguns avisos mui importantes para os Lavradores. Calculado ao meridiano de Lisboa, cabeça da Lusitânia. Composto por Antonio Paez Ferraz, teologo, filosofo e matemático, natural desta Corte e cidade de Lisboa. Com todas as licenças necessárias. Em Lisboa, por João Alvarez de Lião Impressor. Anno de 1655.**

**Lunario de todos os 12 meses do anno & do que se ha de fazer na Agricultura (1.ª página).**

**JANEIRO tem 31 dias: Entra ao Sabb.**

**Quarto crescente 2. feira 3, dias, as 6. hor. da tarde em 13 gra. de Aries. He senhor o Sol, vario.**

**Neste quarto se plantão rozais, enxertão sereigeiras, amendoeiras, maceiras: semeão caroços de pexegos &c. Lanção galinhas de choco.**

**Lua chea 3. fei. 11 dias, as 10 hor. & 18 min. da manh. em 21 gr. de Cancro; he senhor Saturno. humido & ventoso. Eclypse da Lua.**

**Quarto mingoante 4. feira 19 dias, a hũa hora da tarde em 29 gr. de Libra, he senhor Saturno: cuberto & agoa.**

**Neste quarto se semeão alhos, cebolas, se cortão rodrigões, estacas pera empar as vinhas, madeira pera edificios, mondar o pão, escavar as vinhas; podalas & caualas, laurar as terras, semear legumes, por rozaes.**

**Lua nova 4. feira 26 dias as 3. hor. 26 min da tarde em 7. gr. Aquario, he senhor Saturno, cuberto cõ agoa & vento. Eclypse do Sol.**

**FEVEREIRO tem 29 dias, entra a 3. feira. Quar**

QUADRO 2

Prognostico curioso e Diario dos Quartos de Lua e tempos para o anno de 1817, 1.° depois do Bissexto... por Damião Francês. Lisboa, na Impressão regia. Anno 1816. Com Licença. Vende-se em Casa de José Luiz de Carvalho, na Calçada de Santa Anna.

(uma página do calendário)

DEZEMBRO tem 31 dias, e de Lua 30

No crescente semêa alhos, saudades, trigo, cebolas, favas e ervilhas dispõe alfaces, e cebolas; transplanta jasmineiros, e rozeiras. No minguante poda, corta madeira e alporca craveiros.

1. Seg. Quarto ming. ás 4 h. e 30 m da tarde, em Virgo com vento humido, ou chuva
2. Terça. Pesca
3. Quart. O mesmo
4. Quint. S. Barbara. V.M.
5. Sext. Apanha azeitona
6. Sab. Jejum nos Bispados de Braga e Elvas
7. Dom. 2.° do Adv.
8. Seg. Conceição de N. Senhora. Lua Nova ás 11 h e 15 m da manhã em Sagitário. Vento frio e neve
9. Terç. Pesca
10. Quart. Apanha azeitona
11 Quint. O mesmo
12 Sext. O mesmo
13 Sab. S. Luzia V. e M. Mudança de tempo
14. Dom. 3.° do Adv.
15. Seg. Quarto cres. ás 11 h e 9 m. da manhã em Piscis. Vento e chuva com neve
16. Terç. Principia a Novena do Natal
17. Quart. Tempora. Jejum
18. Quint. N. Senhora do O
19. Sext. Tempora. Jejum
20. Sab. Tempora. Jejum
21. Dom. 4.° do Adv. S. Tomé Ap.
22. Seg. sol em Capricornio. Sahe ás 7 h e 19 m põe ás 4 h e 41 m

Inverno

23. Terça. Lua chêa ás 50 m. da tarde em Cancer. Ventos frios de rajada com chuva
24. Quart. Jejum
25. Quint. Nascim. de N Senhor Jesus Christo
26. Sext 1.ª Oitava. Estevão Proro-M
27. Sab. 2.ª Oitava. S. João Evang. Disp.
28. Dom. 3.ª Oit. Os Innocentes
29. Seg. S. Thomás Arc Cantuaria
30. Terç. Sahe o Sol ás e 18 m põe-se ás 4 h e
31. Quart. S. Silv. P. Disp.





QUADRO 3

Lunario e prognostico diario... para 1843, por Antonio de Souza. (Página 3, extracto)

CHRONOLOGIA

Creação do Mundo segundo o texto Hebreu e a Vulgata 5847—Era vulgar chamada a do Nascimento de Christo 1843.—Segundo a melhor Chronologia 1847 — Fundação da Monarchia 750 — Acclam. d'El Rei D. Afonso Henriques 705 — Gloriosa Acclamação d'El Rei D. João IV 204 — Reinado da senhora D. Maria II, 15.

Computo Ecclesiatico

Aureo Numero I. — Epacta* — Cyclo Solar 4. — Indicação Romana 1. — Letra Dominical A — Letra do Martyrologio P.

Festas Moveis

Septuagesima 12 de Fevereiro — Cinza 1 de Março — Pascoa 16 de Abril — Ladainhas 23 de Maio — Ascensão 25 de Maio — Espirito Santo 4 de Junho — Dom. da S.S. Trindade 11 de Junho — Corpo de Deos 15 de Junho — Dom. 1.° do Advento a 3 de Dezembro.

Temporas

As primeiras a 8 10 e 11 de Março.
As Segundas a 7 9 e 10 de Junho
As terceiras a 20 22 e 23 de Setembro
As Quartas a 20 22 e 23 de Dezembro

Estações do Anno

Primavera a 21 de Março, as 5 h 29 m da manhã — Estio a 22 de Junho a 1 h 51 m da tarde — Outono a 23 de Setembro as 4 h 33 m da tarde — Inverno a 22 de Dezembro as 2 h 24 m da tarde.

Eclipses

## QUADRO 4

Lunario ou novo Prognostico Diario. Para servir de genimo aos Lavradores, Pomareiros, Hortelões, Jardineiros e Pescadores neste anno de 1842..., por Antonio de Souza um Astronomo Lusitano da Borda d'Agua. BORDA D'AGUA VERDADEIRO. Lisboa, 1841. Na Typ. de Mathias Joze Marques da Silva. Rua do Ouro n.º 4. Vende-se na mesma Typ.

### Rimas dos Lunários de António de Souza, por meses

**JANEIRO**
Planta e enxerta, que tudo assim importa no crescente.
E no minguante a madeira corta que fica excelente.

**MARÇO**
Milho, melão, melancia no crescente à terra entrega.
E no minguante em sereno dia os vinhos trafega.

**MAIO**
Semeia no crescente milho melancia e melão.
E no minguante a aresta e a sega he escelente occazião.

**JULHO**
Semearás rabão, e nabo no crescente da Lua.
E no minguante darás cabo á sega e funcção sua.

**SETEMBRO**
No crescente da Lua dá trigo e favas á terra.
E no minguante quem deixar a vinha erra.

**NOVEMBRO**
No crescente alimpa árvores e podes plantar.
E no minguante madeiras podes cortar.

**FEVEREIRO**
No crescente por diante vide podes enxertar.
E por todo o minguante faze muito por podar.

**ABRIL**
Se queres boa horta, semeia crescendo a Lua.
E os vicios do pomar corta na diff rença sua.

**JUNHO**
Enxerta no crescente larangeiras cidras e limão.
E no minguante para segar he excelente occasião.

**AGOSTO**
Semeia nabos e couves quando a Lua crescente faça.
E no minguante se bem te houve das uvas a melhor passa.

**OUTUBRO**
No crescente centeio cevada e trigo semearás.
E no minguante te digo que toda a fructa apanharás.

**DEZEMBRO**
No crescente enxertos de pereiras e macieiras farás.
E no minguante te digo que madeiras cortarás.





## QUADRO 5

Horas Portuguesas do Officio da Virgem N. Senhora e Ramalhete Manual de diversas Orações Offerecidas à Senhora Sor Ignez de S. Maria, Abadessa em o Mosteiro de Nazareth das Recoletas de S. Bernardo desta Cidade. Por Carlos Valle Carneiro. Novamente accrescentados com o Officio, Vida e Hymmo de Santa Barbara. E Impressas à custa de Luiz de Moraes Mercador dé Livros. Lisboa, MDCCLXVIII. Na Officina de Francisco Borges de Sousa. Com todas as licenças necessarias.

### Preceitos de saúde e higiene

**JANEIRO**
Sem causa urgente, foge da sangria,
Bebe vinho branco e delicado,
Deixa o falso; ñ laves todavia
A cabeça; usa sempre mel rosado
Dos pomos goza a qualidade fria
E em jejum da pimenta o grão pizado,
De noite não passeas ao sereno
Porque para a saúde isto he veveno.

**MARÇO**
Quem neste mês saude ter deseja
Beba doce vinho, e seus manjares,
Seja doce, e cozido o porro seja
De hervas cheirosas banhe o corpo em mares
Não use de sangria, sem que esteja
Em perigo; os xaropes são azares.
Tóme, se quer sarar, çumo de arruda
Que faz bem á cabeça, e á vista ajuda.

**MAIO**
Lava a cabeça, viverás sadio
Come cousas de fresca qualidade,
Na sangria do figado me fio
Pois he para a saúde utilidade.
Comer pés de animal he desvario
A cabeça também menos te agrade
Usa do funcho, e bebe a sua agoa
Que alegra o coração que vive em mágoa.

**JULHO**
Não lisongees Venus, porque damno
Grande fazer te pode; medicina
Não tómes, nem sangria, que he engano;
À arruda, e salva de manhãa te inclina
Com pão e agoa nesta parte do anno,
O agraço no comer, he sãa doutrina;
Não comas muita fructa te aconselho
A fresca alface ajuda ao moço e velho.

**FEVEREIRO**
Usa da confeição do mel rosado
Porque resolve o frio e da cabeça
As dores tira; poem de parte o assado,
E o guizado cozido não te esqueça
Usa a sangria, para ser purgado,
Se queres que a saude se estabeleça
Pois se livra, quem estas regras ama
Da sarna, e de outras males que a França infama.

**ABRIL**
Na commum veya he válida a sangria,
Purga-te, come carne recem-morta
Das raizes na cea te desvia
Betonica e hortelãa no çumo importa
Do salgado usa apenas na iguaria
Porque a sarna com isto se comforta
Da Lua é o dia último aziago
Descansa o corpo e foge a tanto estrago.

**JUNHO**
Bebe em jejum do vinho hum copo breve
Porque a colera alimpa sem milagre
Usa do bom comer, suave e leve,
E de alfaces molhadas em vinagre.
À sociedade (pois valia teve)
Teu ventre, além do uso se consagre
Passa veloz, e estuda no exercício
Que o ocio neste mes se julga vicio.

**AGOSTO**
Bebe do branco vinho, e a carne cóme
De framgãos, e usa a recental vitella
O agraço, a salva e o melão se tóme
Não entre a cóve nunca na panella
E se houver quem da Lua os dias some
No princípio, por máo, fuja de vê-la;
Faze á lanceta, e ás demazias pauza
Porque são de terçãa e de quartãa a causa

SETEMBRO
Usa de toda a sorte de iguaria
Que o tempo he de gentil serenidade;
Por adubo a panella ter devia
Algum pó de cordial, que mais te agrade
Prometto-te que gozes de alegria
Guardando estes preceitos com verdade
Gosta em jejum, se queres tomar força
O çumo da betonica, que esforça.

OUTUBRO
Bebe do vinho novo, que he sadio
E come cousas frescas, que he proveito
Bebe leite de cabra em largo rio
Que a pureza o sangue, e he ao bofe acceito
Usa de pomos sem nenhum desvio
Que tenho agora delles bom conceito
Foge das frutas que te causão damno
Lavar cabeça e sangrar he engano.

NOVEMBRO
Não vás a banhos, nem tão pouco sayas
De casa antes que o Sol sua luz estenda
Cardo, e alcachofras, e das frescas prayas
O peixe vivo ao gosto se te renda
Se á sangria do figado te ensayas
To approvo: mas a estufa não te offenda
Que resta em outra parte de suores
Se gera a sarna, movem-se as humores.

DEZEMBRO
Cóme couves, cebolas e cellada
Aves, pomos, por sobremesa peras;
Come capões, cabritos, que me agrada,
Raizes, perrexil usa devéras.
O nabo, que enterrou cinza apagada
Come também, se a tarde em casa esperas
Mostra á carne de vaca rosto esquivo
Da lua o dia último he nocivo.





QUADRO 6

Prognostico e Lunário para o anno de 1731... por Damiam Francez, Natural de Villar de Frades.

Dias dos nascimentos dos nossos Monarcas Portuguezes, e mais Familiar Real.

O Sereníssimo Senhor D. João V Rey de Portugal nasceo em 22 de Outubro de 1689.
A Sereníssima Senhora D. Marianna de Austria Rainha de Portugal nasceo em 7 de Setembro de 1683.
O Senhor D. Joseph, Principe do Brasil nasceo em 6 de Junho de 1714.
A Senhora D. Maria Anna Victoria, Princeza do Brasil nasceo em 31 de Março de 1718.
A Senhora D. Maria Barbara, princesa de Asturias, nasceo em 4 de Dezembro de 1711.
O Senhor Infante D. Carlos nasceo em 2 de Mayo de 1716.
O Senhor Infante D. Pedro nasceo em 5 de Julho de 1717.
O Senhor Infante D. Francisco nasceo em 25 de Mayo de 1691.
O Senhor Infante D. António nasceo em 15 de Março de 1694.
O Senhor Infante D. Manoel nasceo em 3 de Agosto de 1697.
A Senhora Infanta D. Francisca nasceo em 30 de Janeyro de 1699.

**QUADRO 7**

**CRONOLOGIA do Prognostico curioso e Tratado para Lavradores, Pescadores... para 1813, por Damião Antonio Bacellar.**

Épocas mais notáveis

| | |
|---|---|
| Anno do periodo Juliano...... | 6526 |
| Da criação do Mundo, segundo o texto hebreu e a vulgata............................ | 5817 |
| Segundo a Era vulgar........... | 5813 |
| Do Diluvio Universal........... | 4161 |
| Da Fundação de Roma......... | 2566 |
| Do princípio da nossa Monarquia....................... | 717 |
| Do feliz reinado da Rainha D. Maria I, Nossa Senhora.... | 36 |

**QUADRO 8**

**Almanach do Futuro. Borda d'Agua para 1885.**

Épocas memoráveis

| | |
|---|---|
| Era vulgar chamada do Nascimento de Christo............. | 1885 |
| Pela melhor chronologia....... | 1889 |
| Da creação do mundo segundo o texto hebreu e a vulgata............................ | 5389 |
| Do dilúvio universal............ | 4233 |
| Da correcção gregoriana....... | 303 |
| Da acclamação de D. Affonso Henriques........................ | 747 |
| Do grande terramoto de 1755 | 130 |
| Da authorga da Carta Constituicional........................ | 59 |
| Da inauguração do caminho de ferro de leste, primeiro que se fez em Portugal (1853). | 32 |
| Da introducção do telegraphia eléctrica em Portugal (16 de Setembro de 1855).......... | 30 |
| Da acclamação do Senhor D. Luiz I........................ | 24 |





segura; a fragilidade da vida individual encontra meios igualmente frágeis para ser preservada; imagens esbatidas, como os aniversários da Casa Real, têm curso como alusão à existência de um poder... Na elementaridade do seu conteúdo, através de uma linguagem própria que pode deixar escapar grandes transformações sociais, enquanto regista minuciosamente outras, o calendário capta e estiliza um modo de vida e devolve um registo das coisas, em que a generalidade da população se poderá duradouramente reconhecer. Codifica, no tempo, a sua prática produtiva fundamental, o seu fundo ideológico mais corrente. Codifica e reproduz um tempo, que não é abstracto, mas social.

O calendário não parece, com efeito, ser uma evidência, mas o resultado de uma elaboração. Foi pensado. Como Eça de Queiroz salientou, os almanaques começaram por ter uma grande importância religiosa, porque, escreve, «a cada dia do ano a Igreja adjudicou a festa e a adoração de um santo. Mas o ano oferece apenas trezentos e sessenta e cinco escassos dias — e no Céu vivem decerto milhares de santos. (...). Roma, pois, suspirando, teve de fazer uma selecção para separar uns quatrocentos santos, mais mártires ou mais doutos, sobretudo mais latinos, que ela distribuiu pelos dias do ano — empurrando às vezes dois e três, com reverência, mas com força, para dentro do mesmo dia. Esses formam a aristocracia celeste. Os outros milhares constituem uma divina plebe, que está no Céu sem estar no calendário, que nós ignoramos, que Deus conhece, e a quem talvêz redobradamente ama pela sua obscuridade tocante. O almanaque era assim, para os santos, o que era para os fidalgos o 'Livro de Ouro da Nobreza'». Explicação útil, que adverte sobre a intencionalidade do calendário religoso, aliás particularmente persistente. Mas além da componente religiosa, os mais elementos do calendário parecem também participar de uma visão intencional do mundo. O calendário possui os seus próprios critérios para decidir o que é essencial em cada coisa. A religião será descrita pelos santos quotidianos e pelas suas festas, a agricultura pelo meteorologia e pelas sementeiras e colheitas. Este tipo de concisão que o calendário emprega para descrever, dará à imagem social que resulta do somatório das suas fórmulas alusivas, uma notável resistência, permitindo-lhe sobreviver a muitas das transformações das próprias realidades retratadas. O rol dos santos é mais durável que o estatuto temporal da Igreja, o impacto da meteorologia sobre as colheitas, a necessidade de semear e colher mostram-se mais duradouras que as instituições agrárias. Por isso, as imagens pacíficas do calendário parecerão longamente plausíveis.

Mas se, por um lado, é possível constatar que o calendário foi pensado, também parece certo que ele foi vivido. Um elo tenaz entre tempo e santos enraizou nos costumes populares. J. M. Soeiro de Brito,

por exemplo, recolheu na tradição oral alentejana, em 1890, algumas dessas correspondências, respeitantes aos dias da semana e aos meses do ano:

*Domingo — dia do Senhor*
*Segunda feira — dia da Almas*
*Terça feira — de Santo António*
*Quarta feira — da Snr.ª do Carmo*
*Quinta feira — do S. S. Sacramento*
*Sexta feira — do Snr. dos Passos*
*Sabado — de Nossa Senhora*

E para os meses de Janê'ro; Fevrê'ro; Março; Abril; Maio; Mêz de S. João; Mêz de S. Tiago; Mêz de St.ª Maria e Agosto; Setembro e mêz de S. Miguel; Mêz de S. Francisco; Mêz dos Santos; Mêz do Natal.

Não só no aspecto religioso se cimenta a relação entre o tempo dos almanaques e a vida dos campos: provérbios populares, previsões de tempo, indicações sobre os momentos propícios de cultivar ou de fazer as colheitas, dispersam-se na tradição oral e nos calendários, remetendo para um saber aparentemente comum. Por vezes, a própria grelha do tempo submete-se aos ritmos e necessidades dos trabalhas agrícolas: em vêz dos calendários, que referem todos os dias do ano, os almanaques podem incluir apenas lunários, que dão prioridade aos quartos da lua sobre os dias do mês, não os descriminando todos, dado que os trabalhos agrícolas não requerem essa precisão. Alguns almanaqueiros lembram as zonas de tempo dentro das quais se devem pôr em prática os conselhos agricolas: «Advirto também que os trabalhos que aponto nos dias dos meses se podem fazer em outro qualquer dia do mesmo quarto de lua», diz, por exemplo, o «Prognóstico e Lunário» de Pedro Villa-Nova, para 1825, deixando transparecer a preferência pela imprecisão do tempo, que se adequa aos ritmos agrícolas face à indicação rigorosa dos dias, neste caso dispensável.

Por seu turno, o «tempo longo» dos almanaques, também não está omisso na tradição oral popular, que elabora as suas próprias cronologias. No mesmo trabalho, já citado, Soeiro de Brito registou, «de ter ouvido citar» no Alentejo, em 1890, as seguintes épocas mais notáveis:

*Princípio do Mundo*
*Quando nos'Senhor andava pelo Mundo*
*O tempo dos mouros*
*D. Affonso Henriques*





*Marquêz de Pombal e*
*Pelo Tarramoto (1755)*
*Pelos Franceses*
*Pela Constituição*
*Pela Patuleia*

A vivência dos elementos incluidos no calendário, não se restringe, no entanto, ao campo. Francisco Câncio * reconstitui no Arquivo Alfacinha, algumas das tradições que existiram na cidade de Lisboa, coladas às referências do calendário do Almanach Taborda, para 1869. Dele fazem parte as matérias costumeiras, religiosas e civis, mas parece terem-se excluído, apropriadamente, as agrícolas. Vejam-se alguns extractos:

*Do calendário: Janeiro — Dia 1 — Sexta feira — Circuncisão do Senhor — Festa na Igreja da Graça — Começam as 13 sextas feiras de S. Francisco de Paula e a Novena de Nossa Senhora de Jesus — Dia de Grande Gala.*

«Havia recepção no Paço da Ajuda e logo de manhã as carruagens subiam a calçada que de Alcântara levava ao Palácio, transportando as damas da côrte, com os seus vestidos de gala, as suas plumas vistosas, os membros do Corpo Diplomático, os componentes do Governo, os Conselheiros de Estado, os prelados, os magistrados, os oficiais de terra e mar, com as suas fardas cheias de dourados e condecorações, e os fidalgos que por força dos cargos ou por devoção monárquica iam apresentar as suas homenagens à Realeza.

Uma a uma iam as carruagens entrando no átrio do Paço, enquanto a banda da guarda de honra tocava o pouco inspirado **Hino da Carta.**

Baloiçando-se das fortes correias, aparecia, de quando em quando, um ou outro coche, como o do Marquês de Valada com os lacaios vestindo libré verde.

Lentamente, pela larga escadaria, ia subindo a multidão dos que vinham afirmar a sua presença junto do Trono. (...)».

*Janeiro — Dia 14 — Sexta feira — Festa na Igreja de Santo Amaro e na Conceição Velha — Começam as visitas à capela de Santo Amaro por todo o restante mês.*

«(...) A 15 de Janeiro, dia de Santo Amaro, é que se fazia a festa e

* **Câncio, Francisco** — Arquivo Alfacinha. 1953

romaria dos galegos residentes em Lisboa. Vinham em grupos e à frente deles os tradicionais gaiteiros, os homens do tamboril, do redobrante e do zalumba.

No adro havia feira de quinquilharias e no terreiro posterior à Capela armavam-se barracas de comes e bebes bem como de poltriqueiros. As escadarias no dia da festa principal e nos seguintes domingos de Janeiro guarneciam-se dum lado e doutro com mendigos, cegos, aleijados e leprosos misturados com mulheres andrajosas e desgrenhadas vendendo enfiadas de pinhões (...)»

Câncio prosseguirá a sua reconstituição, mas talvêz que os esboços reproduzidos já sejam suficientes para ilustrar também as práticas urbanas que dão corpo ao calendário-padrão. O traço grosso que esse calendário usou assegurou-lhe uma longa vigência, que da sociedade antiga se prolonga quase indefinidamente, assistida por uma notável imunidade perante a alteração das coisas. No entanto, os calendários possuem um outro traço, mais fino, que lhes permitiu gravarem também um testemunho de que a realidade se transformava.

E, de facto, dentro do conjunto dos almanaques, calendários e cronologias não são imutáveis e mesmo os mais persistentes, não são eternos. A espessura das referências tradicionais do tempo vai sendo, aqui e ali, arranhada por outras cronologias, por outros calendários. Em diversos pólos vai aflorando a necessidade de questionar o tempo que se normalizou, que a intenção e a rotina reproduziram, mas que se pressente não ser neutro, repousar numa representação da ordem das coisas. Naturalmente, a maior atenção e cuidado com as referências ideológicas do tempo, originaram-se nos centros de interesse político e fixam-se nos almanaques respectivos. O Kalendario Constitucional para 1835, o Almanaque Legitimista (1856), o Almanaque Maçónico (1846), o Almanaque Patriótico e Anti-ibérico (1869), o Almanach A Batalha, para 1893 e 1894, o Almanaque do jornal Humanidade (1931), que se apresenta como republicano e anti-clerical, o Almanaque Republicano (1883), o Almanaque d'O Mundo (1910) ..., atestam essa inadequação ao tempo--dado e vão manuseando cronologias e efemérides. [Quadros 9 a 15] De entre estes, o exemplo mais claro e explícito é o do Almanaque da Biblioteca Republicana Democrática (1.° ano de publicação—1875), que posteriormente mudará o nome para Almanaque Republicano. Desde o primeiro número que se afirma a necessidade de arrancar o tempo das mão dos seus manipuladores costumeiros e se explicam as dificuldades de uma tal tarefa. Na nota dirigida aos leitores do primeiro número, pode ler-se: «Há pouco mais de quinze dias que ainda não pensávamos em publicar este Almanach e muito naturalmente há de ressentir-se da precipitação com que foi composto o Kalendario revolucionário e scientifico, que ampliaremos e confirmaremos nos annos seguintes. Aceitamos, portanto, qualquer correcção que os nossos leitores fizerem a algumas das datas, bem como todo e qualquer auxílio, que nos prestarem no respigar dos factos revolucionários, na santa legenda dos heroísmos e martyrios cívicos. Os monarchicos encontram aqui os aniversários reais e os catholicos o seu kalendario beatífico, que não pudemos suprimir pelo facto da influência que exercem, infelizmente, em todos os nossos actos civis (...)». Assim, no compromisso inevitável entre o velho e o novo tempo, vai tentando nascer um calendário, que se quer popular, científico internacionalista, republicano.

A preocupação do tempo não abandonará o Almanaque Republicano, que continua as suas pesquizas. Em número posterior, debruça-se sobre a experiência internacional e publica o Calendário da Revolução Francesa e o Calendário Positivista de Augusto Comte, comparando-os e comentando-os: «[O calendário da Revolução Francesa] tinha em vista dois fins: marcar a era nova em que entrava a humanidade e abolir as práticas de todos os cultos religiosos, adoptados em todos os calendários, incluindo o de Comte (...). No nosso modo de ver, é este o calendário mais racional que até hoje se tem construido. Reivindica para a natureza a marcação do tempo. É incomparavelmente superior ao do próprio Comte, que substitui uma por outra idolatria». Não será inteiramente teórico, este interesse que os republicanos dedicam à questão do tempo. Com o desejado fim da monarquia, os aniversários reais naturalmente sairão do calendário. O rol laico dos mártires da República substituirá o rol dos santos. Do ponto de vista republicano, está em gestação uma nova ordem, que carece de um novo tempo.

Um pouco ironicamente, um almanaque, o do jornal A Lucta, para 1911, ficou entalado numa viragem do tempo. Começara a ser impresso, provavelmente em Setembro, «mês dos banhos de mar e dos almanachs» e ia a meio quando estalou a Revolução Republicana. Vê-se assim forçado a incluir uma explicação prévia. «(...) À data de 5 de Outubro estavam já impressas as primeiras folhas, e assim se explica que no calendário ainda figurem os dias feriados do antigo regime, mas que o leitor encontrará corrigidos pelo Decreto do Governo Provisório da República, a páginas 179 e 180».

Os almanaques políticos interessaram-se sobretudo pelos grandes marcos que, a seu ver, deverão pautar a vida pública e as futuras comemorações do Estado. Mas, a par das perspectivas globais dos calendários e cronologias políticas, outros tempos, por vezes inesperados e mesmo um pouco insólitos, salpicam os almanaques oitocentistas e posteriores. Alguns pólos de actividades, ou centros de interesses, vão também elaborando as suas efemérides. É assim que o Almanaque do

## QUADRO 9

**Páginas do almanaque da Biblioteca Republicana Democrática (depois Al. Republicano), para 1875**

10 Sext. S. Conrado.—Nascimento de Adelina Patti, em 1843.

20 Sab. S. Eleuterio. (L. cheia às 7 h. e 27 m. da m.)—Nascimento de Voltaire, em 1694.

21 Dom. S. Maximiano.—Nascimento de R. Owen, celebre socialista inglez, em 1771.

22 Seg. S. Margarida de Cortona.—Iniciam-se em França os banquetes politicos, em 1884. Nascimento de Washington, em 1732.

23 Terç. S. Pedro Damião.—Sublevação popular no Porto, em 1757.

24 Quart. S. Mathias.—Morte de Fulton, o applicador da machina a vapor aos navios, em 1816. Proclamação de republica em França, em 1848. Nascimento de E. Grim, em 1786.

25 Quint. S. Cesario.—O governo provisorio proclama a republica em França, em 1848. Abertura do primeiro congresso federal em Madrid, em 1872.

26 Sext. S. Torquato.—Nasce Victor Hugo, em 1820. Abre-se o celebre poço artesiano de Grenelle, sob a direcção de Molat, em 1841.

27 Sab. S. Leandro.—Morte de Lamennais, em 1854. Reunem-se os publicistas allemães em Manheim o que deu origem á revolução federal da Allemanha, em 1848. Nascimento de Renan, em 1823.

28 Dom. S. Romão. (Q. ming. ás 9 h. e 47 m. da m.)

MARÇO — 31 DIAS

1 Seg. S. Adrião.—Morre Lamartine, em 1869.

2 Terç. S. Simplicio.— Faculta-se a liberdade de imprensa no Brasil, sob a vigilância de um inspector geral, em 1821.

3 Quart. S. Marinho.—O congresso dos Estados Unidos, vota 150.000 francos a Morse, pela sua invenção de linha telegraphica, a grande extenção, em 1843.

4 Quint. S. Casimiro.—Colombo chega ao Tejo, de volta da descoberta da America, em 1493. Nascimento de Suñer e Capdevilla, em 1826, e do conde D. Henrique, em 1394.

5 Sext. S. Theophilo.—Morte de Laplace, em 1827 e de Mozart, em 1781. Nasce Babinet, em 1794.

6 Sab. S. Ollegario.—Revolução republicana na heroica provincia de Pernambuco, em 1817.

7 Dom. S. Thomaz d'Aquino. (L. nova ás 7 h. e 46 m. da t.)—O povo de Pernambuco nomeia governo e proclama a republica, em 1817.

8 Seg. S. João de Deus.—Sae de Lisboa, Pedro A. Cabral, a descobrir o Brasil, em 1500.

9 Terç. S. Francisca Romana.—Nasceu Américo Vespucio, em 1451.

10 Quart. S. Militão.— Nasce o celebre pintor Sequeira em 1765.

11 Quint. S. Candido.—Morte de J. P. Richter, em 1825.

12 Sext. S. Gregorio.—Morte de Herder, em 1803.

13 Sab. A B. Sancha.—Revolução republicana na Austria, em 1848.

14 Dom. da Paixão. S. Mathilde. (Q. cresc. aos 31 m. da t.)—Morte de Klopstock, em 1803. Os estudantes e o povo de Vienna, proclamam a republica e ganham a victoria ás tropas, batendo-se nas ruas, em 1848.

15 Seg. S. Zacharias.—Morte de T. Payne, em 1809.

16 Terç. S. Cyriaco.—Nasce na Holbach, em 1789.

17 Quart. S. Patricio.—Morre Ampére, em 1864. Nascimento de Beethoven, em 1770.

18 Quint. S. Gabriel Archanjo.—Revolução communalista em Paris, em 1871. Revolução republicana federal na Prussia, em 1848. Morte de Newton, em 1722.

19 Set. As sete Dôres de Nossa Senhora. S. José.—O comité da guarda nacional, domina por completo em Paris, em 1871. As constituintes de Cadiz, promulgam a celebre constituição, em 1812. Os republicanos de Berlim, dominam por completo na capital, em 1848.

20 Sab. S. Martinho Dumiense.—Morte de Newton, em 1729. Revolução republicana na Grecia, em 1821.

21 Dom. De Ramos. S. Bento. (L. cheia ás 11 h. e 17 m. da t.)—O comité central da guarda nacional, convida o povo de Paris a eleger o seu governo, ou communa fixando as eleições para o dia 26, em 1871.

22 Seg. S. Emydio.—Morte de Helvetio, em 1771.

23 Terç. S. Felix.—Nasce Laplace, em 1749.

24 Quart. de Trevas. S. Marcos.—Morte do Dr. Whewell, em 1867.

25 Quint. de Endoenças.( desde o meio até ao meio seg.)—Chega ao Rio de Janeiro a noticia da revolução republicana de Pernambuco, em 1817. Nasce Fetis, em 1784.





## QUADRO 10

**Calendário da Revolução Francesa**
**(incluido no Almanach Republicano para 1883)**

**MESES: Nivose, Pluviose, Ventose, Germinal, Florial, Prairial, Messidor, Thermidor, Fructidor, Vendimiario, Brumario, Frimario**

Nasce o sol
Dia 1—5 h. e 47 m.
Dia 17—5 h. e 23 m.

**ABRIL, 30 dias**

Põe-se o sol
Dia 1—6 h. e 21 m.
Dia 17—6 h. e 36 m.

| | | Calendario Gregoriano | Cal. da Rev. Franc. |
|---|---|---|---|
| 1 | Dom. | Santa Theodora. | Encanto |
| 2 | Seg. | Senhora dos Prazeres. | Fungão. |
| 3 | Terç. | S. Pancracio. | Faia. |
| 4 | Quart. | S. Isidoro. | Abelha. |
| 5 | Quint. | S. Vicente Ferrer. | Alface. |
| 6 | Sext. | S. Marcellino. | Larix. |
| 7 | Sab. | S. Epiphanio. | Cicuta. |
| 8 | Dom. | Bom Pastor. | Rabanete. |
| 9 | Seg. | S. Hugo. | Cortiço. |
| 10 | Terç. | S. Ezequiel. | Olaia. |
| 11 | Quart. | S.Leão. | Balança rom. |
| 12 | Quint. | S. Victor. | Castanheiro. |
| 13 | Sext. | S. Hermenegildo. | Urga. |
| 14 | Sab. | S. Pedro Gonçalves. | Pombo. |
| 15 | Dom. | Patrocinio de S. José. | Lilaz. |
| 16 | Seg. | S. Engracia. | Anemona. |
| 17 | Terç. | S. Aniceto. | Amor perfeito. |
| 18 | Quart. | S. Gualdino. | Violeta roxa. |
| 19 | Quint. | S. Hermogenes. | Enxertadeira. |
| 20 | Sext. | S. Ignez. | Rosa. |
| 21 | Sab. | S. Anselmo. | Carvalho. |
| 22 | Dom. | S. Sotero. | Feto. |
| 23 | Seg. | S. Jorge. | Espinheiro. |
| 24 | Terç. | S. Honorio. | Rouxinol. |
| 25 | Quart. | S. Marcos. | Aquilegia. |
| 26 | Quint. | S. Cleto. | Lirio-convalle. |
| 27 | Sext. | S. Tertuliano. | Cogumello. |
| 28 | Sab. | S. Paulo. | Jacintho. |
| 29 | Dom. | S. Antonia. | Bandinella. |
| 30 | Seg. | S. Cathar.ª de Sena. | Rhuibarbo. |

Dia 7—L. nova á 1 h. e 1 m. da tarde. Humido.
14—Q. cresc. ás 8 h. e 14 m. da manhã. Trovoadas.
22—L. cheia ás 10 h. e 52 m. da manhã. Nubl. e ch.
30—Q. ming. ás 6 h. e 28 m. da manhã. Ch. em part.

**QUADRO 11**

**Calendário positivista para o 95º ano da Grande Crise (incluido no Almanach republicano, para 1883).**

**NOTAS:** **Cada mês tem 28 dias;**
**Dia complementar: festa universal das mortos;**
**O dia complementar nos anos bissextos é o último do ano positivista. É consagrado à festa geral das mulheres santas.**

**Primeiro mês — Moysés — A Theocracia inicial**
**Segundo mês — Homero — A Poesia antiga**
**Terceiro mês — Aristoteles — A Philosophia antiga**
**Quarto mês — Archimedes — A Sciencia antiga**
**Quinto mês — Cesar — A Civilização militar**
**Sexto mês — S. Paulo — O Catholicismo**
**Sétimo mês — Carlos Magno — A Civilização feudal**
**Oitavo mês — Dante — A epopea moderna**
**Nono mês — Guttebberg — A industria moderna**
**Décimo mês — Shakaspeare — O Drama moderno**
**Déc. prim. mês — Descartes — A philosophia moderna**
**Déc. seg. mês — Frederico — A Política moderna**
**Déc. ter. mês — Bichat — A Sciencia moderna**





**QUADRO 12**

**Calendário positivista: exemplo de um mês.**

**NOTA:** **Os nomes inscritos em itálico designam os adjuntos que, nos anos bissextos, substituem os tipos correspondentes.**

DECIMO TERCEIRO MEZ

**Bichat**

A SCIENCIA MODERNA

1 Copernico... *Tycho-Brahe*—2 Kepler... *Halley*—3 Huyghens... *Varigon*—4Jacques Bernouille... *João Bernouille*—5 Bradley... *Roemer*—6 Volta... *Sauveur*—7 GALILEO—8 Viete... *Harriot*—9 Wallis... *Fermat*—10 Clairaut... *Poinsot*—11 Euler... *Monge*—12 D'Alembert... *Daniel Bernouille*—13 Lagrange... *José Fourier*—14 NEWTON = 15 Bergmann... *Scheele*—16 Priestley... *Davy*—17 Cavendish—18 Guyton-Morveau... *Geoffroy*—Berthollet—20 Berzelius... *Ritter*—21 LAVOISIER = 22 Harvey... *Ch Bell*—23 Boerhaave... *Stahl e Barthez*—24 Linneo... *Bernardo Jussieu*—25 Haller... *Vicq-d'Azyr*—26 Lamarck... *Blainville*—27 Broussais... *Morgagni*—28 GALL.

QUADRO 13

Almanak do Rit .'. ESC .'. ANT .'. E ACC .'. em Portugal para o anno de 5845 offerecido ao Synhedrio de Beneficencia pelo Il .'. N. dos REIS e R. Felner, Membros da L .'. Philantropia. Lisboa, Typ. de O. R. Ferreira, Largo do Contador Mór, n.º 1A (uma página).

| JULHO | | | THAMUZ .'. E AB .'. 5845 |
|---|---|---|---|
| Mez | | Dias da semana | EPHEMERIDES MAÇONICAS |
| Vul. | Maç. | | |
| 1 | 27 | Terça | 1744 Auto de Fé da Inquisição de Lisboa em que o I .'. João Baptista Xixer, preso por Maçon é obrigado a abjurar a religião protestante para salvar-se |
| 2 | 28 | Quarta | 1751 Decreto de Fernando 6.º, rei d'Hespanha, contra os maç.'. |
| 3 | 29 | Quinta | 1777 O Gr .'. Or .'. de França estabelece o uso da palavra semestre |
| 4 | 30 | Sexta | 1811 Fundação d'um Supr .'. Cons .'. do gr .'. 33 .'. em Madrid pelo conde Grosse |
| 5 | 1 | Sab. | 1784 Cagliasto funda em Paris uma M .'. L .'. d'adopção segundo o rit .'. egypcio |
| 6 | 2 | Dom. | 1760 A. G .'. L .'. d'Escócia lança a primeira pedra nos alicerces do hospício dos pobres, em Edimburgo. |
| 7 | 3 | Seg. | 1806 O marechal Kellerman é nomeado para exercer as funções de presidente do Gr .'. Consistório do gr .'. 32, tendo ao mesmo tempo poderes de chefe da ordem do rit .'. de perfeição. |
| 8 | 4 | Terça | 1837 A Gr .'. L .'. de Nova York disolve a L .'. n.º 367 por ter feito uma procissão pública no dia 24 de Junho anterior |





QUADRO 14

CRONOLOGIA LEGITIMISTA

(Verdadeiro Almanak Legitimista para o anno de 1856, redigido por um legitimista lisbonense)

| | |
|---|---|
| Da fundação da monarchia portuguesa | 757 |
| Da reunião da cortes de Lamego | 757 |
| Da aclamação de D. João I | 471 |
| Do descobrimento da Índia | 359 |
| Do descobrimento do Brazil | 356 |
| Da aclamação de D. João IV | 220 |
| Do nascimento de D. Miguel | 54 |
| Da restauração dos direitos de D. João VI | 33 |
| Da última convocação das nossa Çortes | 28 |
| Do casamento do Snr. D. Miguel | 5 |
| Do nascimento de sua Augusta Filha, D. Maria das Neves | 4 |
| Do nascimento do seu Augusto Filho, D. Miguel | 3 |
| Do nascimento de sua Augusta Filha, D. Maria Tereza | 1 |

**QUADRO 15**

**Página do Almanach d'O Mundo, para 1910 (Janeiro)**

Paula Borba, distinto medico em Setubal.—1900—Morre em Lisboa, vitimado pela tuberculose, o vigoroso jornalista Alves Correia, fundador do *País*, que na vida de imprensa foi um dos predecessores do *Mundo*.—1895—Exautoração do capitão Dreyfus.

**6—Quinta-feira** *(Feriado)*—1909—No Centro republicano de Santa Isabel realiza-se uma conferencia de propaganda do livre pensamento.—1838—Nasce em Bragança o dr. Manuel Emidio Garcia.—1897—Morre em Lisboa o visconde de Ouguela.—1902—São eleitos para o Directorio os drs. Teofilo Fraga, Eduardo Abreu, Jacinto Nunes, Antonio José de Almeida, Estevam de Vasconcelos e Celestino de Almeida.—1906—O *Diario do Governo* publica o decreto nomeando lente catedratico da Escola Medica de Lisboa o dr. Augusto de Vasconcelos.—1908—O povo amotinado de Casal de Loivos, Alijó, fere ás facadas o regedor.

**7—Sexta-feira**—1909—Em Elvas efectua-se uma sessão democratica, na qual toma parte, entre outros, o dr. Bernardino Machado.—1907—Morre Oliveira Miguens, valioso elemento do Partido na freguesia de Alcantara.—1595—Henrique IV de França expulsa os jesuitas como corruptores da juventude e perturbadores do repouso publico.—1906—O dr. Afonso Costa realiza do Centro Democratico do Porto uma notável conferência sobre formas de governo.

**8—Sabado**—1909—Fica constituida em Vila Real a comissão municipal republicana.—1848—Nasce em Lisboa o velho e dedicado republicano Guilherme Henrique de Sousa.—1900—*A Patria* abre uma subscrição para a erecção de um mausoleu no cemiterio oriental em homenagem aos altos serviços prestados á causa por Alves Correia.—1642—Morre o astronomo Galileu, torturado pelos padres, na idade de 70 anos, por ter sustentado que a terra girava em volta do sol e não este em volta da terra.

**9—Domingo**—1909—Adere ao Partido republicano o padre Manuel Ribeiro da Silva, de Viana do Castelo.—1880—Morre em Lisboa Augusto Cesar de Oliveira, um dos fundadores do Club Gomes Ferreira de Andrade.—1878—Morre Victor Manuel, fundador da unidade italiana.

**10—Segunda-feira**—1909—No Porto realiza-se um importante comicio anti-clerical, em que falam Alexandre Braga, Padua Correia, Augusto José Vieira, Alexandre Barros, Macedo Bragança, etc.—1870—Victor Noir é traiçoeiramente assassinado por Bonapart.—1883—Manuel de Arriaga toma assento no Parlamento.—1812—São suprimidas em França as corporações religiosas.

**11—Terça-feira**—1909—Os povos do concelho de Alijó, no auge da fome e do desespero, incendeiam os papeis da repartição de fazenda e da recebedoria.—1962—Nasce em Barrancos o dr. Higinio de Sousa.—1903—Morre em Linda-a-Pastora o jornalista Luis Serra, um dos redactores da *Patria*, de 1890.—1891—Os Estados-Unidos reconhecem Juarez presidente da Republica Federal Mexicana.—1898—O concelho de guerra em França absolve o comandante Esterhazy, a *alma negra* da questão Dreyfus.

**12—Quarta-feira**—1909—Reunem as juntas de parochia republicanas para o estudo de diferentes propostas de interesse social.—1905—Morre em Paredes o dr. José Vieira Pinto dos Reis, fundador dos jornais *O Povo* e *O Alarme*.—1898—Alves Correia deixa a direcção politica do *País*, que passa a ser dirigido por João Chagas.—1822—A Grecia torna-se independente da Turquia.—1897—A Camara dos Deputados aprova por unanimidade um voto de sentimento





Bombeiro Português, para 1879, inclui, além da folhinha, um apropriado calendário do bombeiro, de que se retêem, nomeadamente, os seguintes acontecimentos:

> *12 de Janeiro — Arde em 1879 parte do Teatro dos Recreios Withoyne, em Lisboa.*
> *25 de Fevereiro — Pavoroso incêndio em 1878, no Rio de Janeiro, na rua do Visconde de Itaúna, ficando ferido o corajoso capitão Girard.*
> *10 de Abril — Grande incêndio e mortes, em 1877, no Southern Hotel em S. Louis (Estados Unidos).*
> *17 de Junho — Arde no Porto, o Theatro das Carmelitas, em 1870.*
> *26 de Junho — Inauguração da Associação dos Bombeiros Voluntários do Porto, em 1876.*

Quanto ao Almanaque da Praia da Figueira, para 1878/79, «guia completo do banhista nesta frequentada praia», escolhe, com grande radicalismo, o mês de Agosto para primeiro mês do seu calendário, preterindo o mês de Janeiro, que embora tradicional, é desadequado ao seu caso. Por seu turno, o Almanaque Cabrion, poliglota e cosmopolita, «dédié aux lecteurs du Pimpão», elabora também o seu «Calendrier cabrionique», consentâneo com o seu estilo:

> *1 Janvier — Troisième foire—Circoncision du Duc de Perliquitetes. Grand régabof dans le couvent des soeurs du même nom. (do cal. p/ 1889)*
> *7 Janvier — Samedi + cabrion. Grand gala et grande rapioque au palais cabrionique. Luminaires dans les tripes des invités. Réception de cadeaux.*
> *5 Février — Dimanche—Le Joseph du Toit et ses compagnons. Fête au Citronier.*
> *21 Février — Troisième foire. Mello Stique, martyrisé en vie par le Sapin Plaies.*
> *9 Avril — Deuxième foire—Grande berzoundelle dans les Plaisirs. Scènes de sauvagerie pour l'instruction du peuple.*
> *15 Juillet — Dimanche. Lucien Agneau, excentrique qui a la manie d'être utile à la société.*
> *18 Décembre — Troisième foire. Thomas Ruisseau; celui des cantigues; sacristain de Madame Apparue.*
> *25 Décembre — Troisième foire. Assassinat de dindons dans la ville d'Ulisses.*

*30 Décembre — Dimanche. Fleuve Plus Grand. Cautelle avec cet animal. (do cal. p/ 1890)*

Tais excessos no tratamento do tempo não parecem, contudo, ser frequentes. Mais discretos, os almanaques escolares limitam-se a manipular o tempo académico. O Almanaque da Instrução Pública em Portugal, para 1857, elaborado por um Lente Catedrático de Coimbra, incluirá nas Épocas Gerais o facto da fundação da Universidade de Coimbra, acontecimento que nem sempre ocorreu registar aos outros almanaqueiros. Contém ainda o almanaque a Folhinha académica, em que se refere, por exemplo, a abertura das aulas, a Festa da Purificação de Nossa Senhora na Real Capela da Universidade, com a assistência do Corpo Catedrático, o dia em que deverá pregar o Lente de Theologia, as datas das matrículas gerais, etc. Outro tipo de indicações recorda aos professores o que devem saber ou fazer em tal mês, como por exemplo, enviarem até certa data os mapas, modelos F e G à Câmara Municipal, etc. O Almanaque dos Caçadores terá igualmente a sua própria noção do tempo: entre outras inovações, insistirá no facto do ano se dividir em duas épocas essenciais — aquela em que se caça e aquela em que não se caça. Inclui ainda a Era cynergética, chamada do Nascimento do Senhor Sto. Huberto (1206).

Correndo a par destas alterações que o tempo normalizado foi sofrendo, sob o impulso de grupos políticos, ou outros, um novo eixo de evolução se esboça: o calendário tradicional, agricola, religioso, higiénico, meteorológico..., desconjunta-se, despe-se aos poucos da meteorologia, das luas, da religião, da agricultura, tendendo a reduzir-se ao calendário «comercial», mera indicação do quadriculado dos meses, semanas e dias, sem outras indicações, ou a transformar-se na agenda, em que um espaço em branco substitui as antigas referências, aguardando que cada um lhe inscreva o seu código pessoal de vida. O Almanaque e Anuário de Trancoso (1916), o Almanaque do Comissário da Policia (1891), o de Fafe (1921), o Almanaque do Visconti (1892), o Almanach de Vila Vicosa, para 1910, O Almanaque da Federação Escolar, para 1918, o Almanaque Figueirinhas, para 1916, o Almanaque da Educação Nacional, para 1905, começam a deixar linhas em claro para cada dia, justapostas ainda a algumas referências costumeiras, como a indicação do santo, constituindo assim alguns passos intermédios deste percurso que, do calendário fechado em torno de certas matérias, conduz até à agenda aberta. Através da crosta e do peso da tradição, inrompe um outro tempo, pessoal, imprevisível, que esbate a noção de um tempo único, de um código indefinidamente comum a toda a gente.





*
* *

Este punhado de elementos, embora esparsos, convida a que se arrisque uma apreciação global. Juntando as várias indicações que atrás ficaram soltas, dir-se-ia que a partir de um pólo inicial, constituido pelo calendário religioso, agricola, meteorológico, higiénico..., partem três linhas de evolução: uma, mais ligada aos centros políticos, revela a componente ideológica do tempo; uma segunda linha deixa transparecer que existam tempos especificos, que se foram em conformidade com interesses, actividades ou profissões diversas, como se cada grupo tivesse vocação para construir o tempo que melhor se lhe adequa, embora raramente o exprima; uma última linha aponta para a incapacidade de um código de tempo colectivo subsistir indefinidamente, face à pulverisação dos modos de vida individuais.

Avulta, por outro lado e com base na hipótese de que a colecção de almanaques consultada é minimamente representativa do conjunto, que as alterações mais apreciáveis dos calendários se verificam a partir do século XIX, tempo de fundas transformações. É-se tentado a pensar que este diagrama da evolução dos tempos, que os diversos almanaques permitiram construir, traduz através da linguagem do calendário, as mudanças que ocorrem. Debalde se procura, é certo, qualquer dos discursos habituais sobre essas mudanças. O calendário mantém o seu vocabulário próprio, a sua maneira especifica de se referir às coisas. Mas dir-se-ia também que ele se apercebeu que, face às transformações que ocorriam à sua volta, o tempo antigo e resistente, aparentemente evidente e único, deixava de ter o exclusivo. Aos poucos um tempo social diverso, composto de vários tempos especificos, multilinear, nascia confusamente das transformações sociais. A seu modo e mesmo se imperfeitamente, o almanaque captou nos seus calendários uma nova imagem social, que se lhe impunha.

# 3 Os saberes do almanaque

E sobretudo ciência adoravelmente prestável e serviçal! A soberba ciência das escolas transpõe a minha morada, nalgum grave e gordo tomo, sobe à estante como um sólio, e ali espera, em majestosa inércia, que eu lhe entreabra reverentemente as folhas para lhe admirar a profundidade e o rigor. A boa ciência do almanaque, essa, rompe pela minha casa, arregaça as mangas e imediatamente, cantarolando, esfrega os tachos, limpa os candeeiros, reaviva as pinturas antigas, reverdece as flores murchas, emudece as portas que rangem, recola o verniz que lascou... Se eu, vermelho, ofegante, curvado sobre um velho pergaminho, me esforço por tirar a nódoa de gordura que o maculou e o avilta, bem pode jazer ao lado, um poderoso volume de química, da melhor ciência de Tyndall ou de Berthelot, que se não moverá, não emergirá da sua mudez soberana para me aconselhar, salvar o meu pobre pergaminho engordurado, gozando mesmo, malignamente, no seu orgulho doutoral, a miséria do meu engenho! Mas a amorável ciência de almanaque correrá logo, com as saias a bater alegremente as portas, gritando: — «Mistura pedra-ume queimada e flor de enxofre em pó! Molha o teu pergaminho! Esfrega com o dedo de leve!» Oh! a boa dona, resplandecente de sapiência e bondade!

*Eça de Queiroz*

«Ciência de almanaque», «cultura de almanaque»: é suficiente folhear alguns exemplares de almanaques para reencontrar a razão de ser destas frases-feitas. Sem dúvida, o almanaque é um repositório de indicações úteis, um bazar de utilidades onde se pode encontrar de tudo. Natutalmente, um calendário, mais ou menos recheado de indicações religiosas, agrícolas, meteorológicas ou outras e diversas indicações anexas: épocas principais, a sua distância ao ano em curso, épocas

nacionais, cômputo eclesiástico, têmporas, principais festas móveis, bênçãos nupciais, princípio das quatro estações do ano, eclipses, dias de grande gala, dias de pequena gala, abertura dos tribunais, feiras e mercados...; tabelas diversas: enchentes e vazantes das marés, nascimentos e ocasos do sol, portes de correio, tarifas de caminho de ferro, companhias de vapores, estampilhas de selos, horários de comboios, toques de incêndio, em Lisboa ou alhures, serviço telegráfico, carreiras de omnibus, serviço internacional; outras indicações úteis, revestindo geralmente a forma de pequenas notas: receitas de cozinha, receitas para tirar nódoas diversas de materiais diversos, outras receitas, para dormir, para a dor de ouvidos, para a dor de dentes, eventualmente uma rúbrica de cirurgia doméstica...; fórmulas diversas para acorrer a desastres vários, fazer pequenas reparações domésticas ou outras: matar bicharada, compôr uma ementa, recortar vidro, recuperar vinho que começa a avinagrar, impedir que o leite azede, evitar que os vidros dos candeeiros estalem...; mais esclarecimentos: como levantar o pêlo do veludo amassado, como fazer sabonetes que amaciam a pele, como fazer foguetes... Um exemplo: o Almanak da Revista Universal Lisbonense, para 1851 contém, além, naturalmente, do calendário, o seguinte tipo de indicações: dias das sessões dos tribunais e audiências; divisão física de Portugal; divisão eclesiástica, judicial, militar e administrativa; escala das costa de Portugal; faróis; distância de Lisboa às principais terras do Reino; mapa dos uniformes do exército português; mapa da marinha; proporção das populações para os exércitos; emolumentos de carceragem na cadeia civil de Lisboa; papéis que devem ser selados antes de escritos; tabelas dos teatros e espectáculos, seus preços; Assembleias, Clubes, Academias filarmónicas e salões de leitura em Lisboa; viagens de barco a vapor no Tejo; carreiras de ómnibus; tabelas das moedas estrangeiras de ouro e prata, admitidas à circulação em Portugal até 21 de Julho de 1847; estatística médica de Lisboa; preço, por hora, das diferentes dimensões de bicos de gás; toques a fogo em Lisboa; estabelecimentos de banhos, Rua do Príncipe; panteão necrológico de 1850; etc. Por vocação, o almanaque pertence ao mundo do saber prático. Trata-se de uma camada de saber, não erudito, dificilmente escolarizável — e não é, de facto, na escola que geralmente se aprende a comprar um bilhete de caminho de ferro, a enviar uma encomenda, ou a saber quando é a maré baixa em certo ponto da costa — tal tipo de aprendizagem sendo normalmente feita noutras zonas da vida social. Mas não é, forçosamente, um saber popular: é apenas um saber sem prestígio, útil também no mundo do burguês, mas demasiado modesto para ser elevado à categoria de conhecimento. É em grande parte um saber doméstico, de uso quotidiano e que vai tentando acompanhar a invasão desse mesmo quotidiano pelo progresso técnico.





Acoplada a esta primeira camada, a do saber prático, surge uma outra, a dos pequenos saberes resumidos, ao sabor da imaginação ou da intenção do compositor do almanaque. Abrir um almanaque é correr-se o risco de ficar a saber um pouco de tudo, entre os saberes academicamente constituídos ou a constituir: história, geografia, física, química, biologia, literatura, antropologia, sociologia, política,... além de incontáveis curiosidades, mais difíceis de arrumar por compartimentos. O Almanach Universal para 1904, por exemplo, alinha entre anedotas e retratos de actores portugueses, os seguintes artigos, **além de muitos outros:** um artigo sobre história universal; sobre culinária; sobre a situação da mulher suíça; pequenas frases de grandes homens; carta aos soldados, por Dias d'Oliveira, sobre o desterro dos soldados de infantaria 18; socorros imediatos que se devem prestar a um doente; física ao alcance de todos; a visita a Portugal de Eduardo VII de Inglaterra; artigo sobre Zola; oração da fome, por Nunes Claro; nota sobre o Casino de Monte Carlo; relação de todos os Papas que têm governado a Igreja, desde S. Pedro; explicação de como um homem pode ser avô de si próprio; pequena homenagem a Bordalo Pinheiro; nota sobre o combate de Valverde; nota sobre o actor Ramalhete; etc. É este outro saber, multiforme, geralmente superficial, que valeu à «cultura de almanaque» a sua conotação depreciativa. Talvez que o almanaque, fiel à sua origem legendária, tenha pretendido ser, ao longo dos tempos, «o livro de todo o saber». Conseguiu-o, mas talvez mais como livro do saber prosaico, aberto a tudo, mas que por várias vezes também sucumbe à frivolidade, ao insólito, atravessando mesmo a fronteira do útil e indo preencher os tempos de ócio e entreter com ninharias os vazios das assembleias de convívio. Mas é, apesar de tudo, um saber, um exercício, esse das anedotas, das charadas, das ligeirezas de mão e da física recreativa. E também por vezes, bastante complicado, como o prova o jogo da «caixa milagrosa», descrito, com estilo apropriado, no Almanach do Feiticeiro para 1872:

«Nesta caixa de ébano, que tomo a liberdade de mostrar ao leitor pode ele deitar uma carta dirigida ao rei da Cochichina! Não receie pela entrega dela, porque logo que a deite na caixa, verá imediatamente partir uns poucos de correios a toda a pressa para entregarem a honrosa missiva à pessoa a quem é dirigida [vê-se uma caixa, com três passarinhos voando]. Mas como não tem carta alguma a mandar para fora, tenha a bondade de deitar na caixa um bilhete de visita. Dê-se ao trabalho de fechar a caixa e guardá-la bem... agora abra-a... Que lhe disse eu? Olhe que lindos passarinhos que sairam da caixa que o leitor teve sempre em seu poder! Veja agora se o bilhete ainda lá está?... Como pode ele ter-se conservado na caixa, se uma das avesinhas, a quem acaba de abrir a porta a leva no bico?» Segue-se a desmontagem do mistério, que consiste num

fundo falso, preso a um gancho, ligado a uma mola e que serve de tampa ao espaço onde se escondem os pássaros. Muitos outros jogos deste tipo, pequenas experiências de electricidade, habilidades diversas, espalham-se pelos almanaques.

Estas pequenas futilidades não impedem que uma outra camada, ainda, de saber circule através dos almanaques. Entre os compositores de almanaques, alguns são movidos por um intuito pedagógico nítido e utilizam o almanaque, não por motivos comerciais ou acidentais, mas por considerarem este tipo de publicação adequado à divulgação popular de conhecimentos adquiridos em meios «eruditos». Interessa massificar, quanto possível, certos saberes, torná-los actuantes. Entram neste caso os almanaques políticos e ainda alguns outros, como e por exemplo, o Almanach do Lavrador, dirigido por João Inácio Ferreira Lapa e um seu aluno e que se publicou pela primeira vez em 1866. O Almanak do Operario, para 1853, explica o seu aparecimento do seguinte modo: «Foi o pensamento de derramar a instrucção pelas classes pobres e de tornar mais proficua as poucas horas vagas d'aqueles que grangeam o sustento trabalhando, que deu origem ao ALMANAK DO OPERARIO. Timido e humilde se alista como soldado razo nesta sancta luta do progresso contra a ignorancia». O mesmo objectivo anima o Almanak do Cultivador, de J. Felix Nogueira, que no seu primeiro número explicita os seus propósitos: «O Almanak do Cultivador, cuja publicação ora encetamos, é destinado a difundir conhecimentos úteis entre os nossos homens do campo, que muitas vezes faltos de meios ou de gosto pela leitura, só n'esta especie de obras de uso quotidiano e familiar podem tirar algumas luzes. Com o andar do tempo e com o auxilio da numerosa classe a quem se dedica, o nosso almanak pode vir a ser uma pequena enciclopédia agricola, uma resumida crónica dos factos sociais, politicos e economicos relativos á agricultura do nosso país e o registo fiel das observações e trabalhos mais importantes dos nossos agrónomos e lavradores».

Uma outra película de saber se deve agregar a este conjunto: de forma concentrada nalguns almanaques, dispersa, noutros, existe o saber das sinas e dos horóscopos, dos sonhos e visões nocturnos, das cartas, do pé do café,... constituindo um pequeno domínio do «oculto». Somando todos estes saberes, creio que se obtém uma aproximação suficiente dos saberes dos almanaques — «onde há de tudo, como na botica».

Estas considerações, mais adequadas aos almanaques oitocentistas, não devem fazer esquecer os ramos tradicionais do saber dos almanaques, que já o animavam nos séculos XVII e XVIII e que persistem, embora diluídos, entre os novos saberes, da «voga» do século XIX: meteorologia,





regras agrícolas, conselhos higiénicos, ligados a um fundo astrológico evidente, que se espelha também nos prognósticos referentes ao ano que vai entrar. Atenda-se, um pouco, a esses antigos saberes. [Quadros 16-26]

Os «Juizos do Ano» são uma peça costumeira dos almanaques, desenrolando previsões centradas em quatro pólos principais — o tempo meteorológico, as colheitas, a saúde, os acontecimentos políticos. O valor dessa antiga prática é tópico de controvérsia: será possível atribuir-lhe alguma seriedade? Convirá, talvez, começar por percorrer alguns desses juízos, o modo como foram sendo apresentados, para tentar perceber, em seguida, como poderiam eles ter sido lidos e interpretados.

A primeira impressão que se colhe, é a de ser o discurso astrológico muito pouco seguro de si. A prudência tem diversos recursos, de que o primeiro é a invocação de Deus: «como Deus quiser», «Deus sobre tudo», «Deus super omnia», Deus que pode sempre decidir de outro modo e que, em superior instância decidirá sobre o futuro dos homens e das coisas, pode, por isso, ser sempre responsabilizado pelo falhanço dos humanos prognósticos. O «Lunário Lusitano, ou Guia de Lavradores, Hortelões...» encerra os seus juízos (pelo menos de 1810 —1820) com a seguinte quadra:

*«Se do que hei prognosticado*
*Nem tudo assim succeder*
*Será como Deus quizer*
*Que assim foi o anno passado»*

Mas, abaixo do poder inquestionado de Deus sobre toda a criação, outras salvaguardas existem ainda: o planeta principal, que rege o ano, pode ser contrariado, em muito, pelo planeta que participa, o que levaria a infirmar o prognóstico. São frequentes os raciocínios circulares, previsões tão vagas, que dificilmente aquele que procurar desfazer a incerteza do futuro, recorrendo a um almanaque, poderá ficar elucidado. Escreve Damiam Francez, no «Prognóstico e Lunário» para 1731: «A parte do trigo mostra haver por partes abundancia desta especie, porém a malevolência de certo planeta mostra não ser geral esta fortuna, por se lhe opor em grande parte». Mesmo neste particular, não se levanta a indecisão. Os almanaqueiros, aliás, referem-se explicitamente, por vezes, ao estatuto que se deve atribuir às previsões que incluem nos seus folhetos, chamando a atenção para a falibilidade do que aí é previsto. Os próprios textos obrigam o leitor a distanciar-se das previsões.Rodrigo de Sousa Alcoforado (Progn. e curioso Sarralal, para 1733) vai advertindo: «Benévolo Leytor, ainda que a curiosidade me não animara e movera, a geral acceytação que se tem feyto dos meus annuncios, pelo que a

experiência tem mostrado de bem calculados, me obrigara a prosseguir com esta incumbencia, agradecido de tua benegnidade, desvelando-me em contemplar e fazer observaçõens dos Astros, em revolver os livros, e em continuados estudos, notando, apurando, e escolhendo o que mais conforme e ajustado a verdade, e ao acerto me pareceo, com que formei este emprego do meu trabalho; mas não te prometo neste discurso fallar verdade infallivel, porque discorrendo por todo o mundo a não pude descobrir nem achar; (...) e querendo-a eu lá buscar nos Astros, também a não pude investigar com aquella inteireza que desejava porquanto a Astrologia he mais nascida do juizo humano, por experiencias e conjecturas falliveis do que das mesmas Estrelas, que como são executoras da vontade Divina, não obram o que nós dizemos, mas somente o que dellas dispõe o seu Creador (...)». No mesmo tom se exprime Damiam Francez (Prognóstico e curioso Lunario, para 1734): «Que difficultosa cousa e arriscada empreza he a calculação dos Planetarios influxo em ordem e cousas sublunares, expondo-se o cuidadoso Mathematico á censura de diversos pareceres, querendo huns que o contingente e provavel seja certo, e verdadeiro, outros que o tempo prognosticado seja pontual no mesmo dia, como alguma vezes succede, e não em immediatos antecedentes, ou subsequentes, como se a prognosticação, por ser cousa Mathematica fosse tambem ponto Mathematico e prognosticado, enfim, Unus quis que in suo abundant, só quero conheças, Amigo Leytor servir-te, acertar a agradar te».

A relação do almanaque com o seu saber astrológico não se esgota neste tipo de comentário, misto de salvaguarda e advertência, orientação de leitura, em todo o caso. O almanaque, importa referi-lo, nem sempre se leva a sério. Além do prognóstico seco, mais propício a captar a credulidade e do prognóstico acompanhado por algum texto didáctico, que lhe atenua as revelações, surge também o prognóstico que nada prevê, que prevê como o faria o conselheiro Acácio, ou que utiliza a tradição de prever para comentar, com mais ou menos humor, os costumes da época, ou a meteorologia política. Esta última atitude, que se desinteressa, que desiste no fundo de prever, demarca-se desde, pelo menos, a primeira metade do século XVIII, prolongando-se através de certo tipo de almanaques, sem prejuízo de, noutros folhetos, permanecer o costume do prognóstico mais imperativo. Veja-se, porém, um exemplo:

«Porém eu, que nunca fuy amigo de dar más novas, nem dey crédito a semelhantes patranhas, e somente escrevo, para remediar a minha necessidade, pondo-me todos os annos á porta do Impressor, Livreiros, tendas dos estropiados do Terreiro do Paço, e portas da Mesiricordia, pedindo esmola a quantos vão, e vem, e mettendo-les á cara o Memorial de mizerias de hum Prognostico, e o que mais he fazem os cegos a mesma diligencia por mais ruas, travessas, becos e largos que os que escreveo





Christovão Rodrigues de Oliveira no seu Sumario (...) [eu] Digo que o Senhor do Anno será o creado que mandar a seu ammo, o subdito que governar a seu Prelado, a mulher que se fizer obedecer do marido, e que tal será a infamia geral de todos ambicionarem o ser senhores, que até as tripeças se porão sobre as cadeiras, e os escabellos em cima dos bancos, e os ignorantes presidirão aos doutos. Nelle não se achará aureo numero na minha bolsa (...). A escuridade será grande para os cegos, que nada verão de noite nem ainda de dia (...) porém o trigo sempre valerá mais que o centeyo, o centeyo que o milho, o milho que a cevada, os legumes que as hortaliças, o vinho que a ágoa, excepto nas tavernas, adonde esta sempre valerá mais que o vinho (...) e como o Anno se dispoem para muitas mentiras, mentirão todos os officiais, mentirão os procuradores, mentirão os nobres, os mecanicos, os grandes e os pequenos, e com esta liberdade também eu mentirei neste Prognostico, se Deus não mandar o contrário». (O Grão Pescador, Cosme Francez, Sarrabal Saloyo, para 1736). E O Grão Pescador insiste, no folheto para 1739: «A máquina dos negócios políticos está tão enredada com peregrinos accidentes, já prodigiosos, já improvisos, já por grandes, já por insolentes, já por sagazes, que me não entendo com elles. Consultem vossas mercês aos outros Almanakeiros, que eu não me quero meter em enredos. Das enfermidades sim os avisarey para supprir a ignorancia dos Médicos e serão sanguineas indicadas por Jupiter na sexta e retrogrado (...) Já vossas mercês sabem que quando escrevo Prognosticos sempre escrevo zombando, e por isso não creão no que digo. Mandem os vinténs e zombem tambem do mais. (...) Protesto que tudo o que digo neste Prognostico, sujeito sómente ao sentir da S. Igreja Romana, nossa mãy e mestra, e declaro ser um entretenimento para alimentar com o seu pouco lucro a minha velhice tropega, e tremula; pois já mais cuydei em predições Astrologicas. Escrevo o que vem á penna, e com isso me acho feito Astrologo arte que se nos aplicassemos a ornalla com demonstrações seria igual á Medicina, que não passa de conjecturas. Nenhum de nós a sabe, nenhum a entende, e escrevemos ao uso, pois gosta o povo do mesmo, que sabe ser embustes e patranhas».

Estranho modo de existir, tem esta astrologia de almanaque, complicando, com tantas reticências e desdizeres, uma apreciação do uso social que este saber poderá ter tido.. É por causa da astrologia, e da concepção do mundo que lhe está subjacente, que os almanaques são suspeitos de derramarem pela sociedade a crendice e alimentarem a superstição.* A. R. Brancal pronuncia-se com toda a dureza a respeito da astrologia judiciária, «arte quimérica que se propunha predizer os destinos

* Confirmar, Ferreira, João Palma, **ob. cit.**

humanos e das nações pela inspecção dos astros: Esta impostura de velhacos para disfrutarem os medrosos nasceu da ciência verdadeira, a **astronomia,** pelo que alguém disse ser filha doida de mãe ajuizada (...)». Eça de Queiroz também reconhece que esta faceta astrológica abona pouco a favor do almanaque: «Já a maçã (essa medíocre fruta que tanto tem feito pela ciência desde os dias do Paraíso) revelara a Newton a gravitação dos corpos e já Newton morrera deixando a astronomia constituída — e ainda o almanaque, fiel de Ptolomeu, ou com medo do defunto cardeal Bellarmin ensina aos camponeses e á fidalguia de província que a Terra está fixa, e em volta dela, numa marcha respeitosa, gira o Sol, com todos os seus astros, e o Céu com todos os seus Santos». A astrologia é certamente pouco recomendável como base do conhecimento, limitando-se a reproduzir um saber cristalizado e indiferente às conquistas científicas. É certo também, que os almanaques não prescindem dela. Mas a falta de convicção posta nalguns juízos do ano, também não convida nem estimula uma adesão cega à sua capacidade de penetrar o destino dos homens e das sociedades. Estratagema subtil para melhor convencer? Ao analisar o lugar, também importante, que a astrologia ocupa nos almanaques populares franceses, Geneviève Bollème ultrapassa em grande medida a questão dos fundamentos científicos da astrologia e descobre que uma outra função pode ser preenchida por estes prognósticos: no fundo, falarem simplesmente e de um modo qualquer, no futuro, que depois desse discurso permanece igualmente misterioso, mas que, pelo simples facto de ter sido referido, perde um pouco da sua faculdade de assustar. Escreve G. Bollème: «Se a astrologia ocupa no almanaque um lugar durante muito tempo preponderante, é principamente porque ela pretende oferecer uma visão de conjunto do futuro, porque ela quer considerar o ano como totalidade e permitir que os homens com as suas necessidades, tirem o melhor partido de condições que não dependem inteiramente deles. O ano astrológico é assim apresentado pelo almanaque como um ano propício, fasto, isto é, vivível. É certo que males e desgraças também têm lugar, mas este discurso que os prevê e os engloba, num conjunto harmonioso e finalmente securisante, faz crer que será possível dominá-los, enfrentá-los; porque ela propõe, precisamente, pela sua maneira de encarar as coisas e de as dizer, de substituir ao tempo, que no fundo nunca é senão o tempo do capricho, um outro tempo, que seria o da fortuna». Esta visão das coisas, que descobre um controle simbólico do tempo futuro, escondido atrás da aparente ligeireza dos prognósticos, pode ser importada e pensada a respeito dos juizos dos almanaques portugueses.

Não é certo, aliás, que na sociedade portuguesa, astrologia e astrólogos tenham sido sempre objectos de grande respeito. O seu estatuto





parece ter sido mais contraditório. Augusta Gersão Ventura*, revela a existência de um fio anti-astrológico na obra de Gil Vicente, que pode não se ter esvaído no seguimento. Afirma: «Do princípio ao fim da sua obra, Gil Vicente procura, ridicularizando-a, aniquilar a astrologia, 'arte diabril' e aqueles que a praticam.

Mostra por outro lado o título do livro de Fr. António de Beja que, para libertar os espíritos das peias de tal arte, o poeta não se encontrava isolado. E a dedicatória desta obra à mesma rainha que protegia o autor dos Autos, mostra que na corte de Portugal D. Leonor animava, em desfavor da astrologia, um movimento que só mais tarde se estenderia pela Europa e de que resultaria a morte desta arte». Talvez seja por viver num contexto, dividido em torno da astrologia, que os almanaques revelem uma atitude dupla, a crença e a descrença nos seus prognósticos, no seu valor, no seu interesse.

As normas de saúde e higiene espalhadas por alguns almanaques, constituem outro traço a indagar. Neste domínio três artigos de Luís Pina** — «Medicina e Superstição», «Um poético calendário português setecentista» e «Aspectos da vida médica portuguesa dos séculos XVII e XVIII — contribuíram decisivamente para abordar a questão. Um forte elo de ligação se detecta entre a medicina popular, ou Folcmedicina, como a designa este autor e os almanaques, que eram utilizados na elaboração de certo tipo de prognósticos das doenças. Diz o autor: «Certos livros, populares desde o Lunário Perpetuo ao Tesouro de Prudentes, ao livro de S. Cipriano e especial literatura de cordel, encerram numerosos elementos que pertencem a esta Medicina supersticiosa». No entanto, o autor não conclui precipitadamente pela falta total de valor dessa medicina, antes realça a ambiguidade que existe neste tipo de conhecimentos, em que aparecem amalgamados elementos de interesse diverso. Particularmente escreve: «De par com práticas inóquas, outras até proveitosas, o Povo tinge esta arte [Medicina] frequentissimamente, com magia multiforme, enredada em estranhos cultos cristãos e ocultistas de profundas raízes arcaicas».

---

* **Ventura, Augusta Faria Gersão** — Estudos Vicentinos I Astronomia-Astrologia. Coimbra, MCMXXXVII, Separata de Biblos, vol. XII.

** **Pina, Luís de** — Um poético calendario português de higiene seiscentista. Separata do Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto. Vol. III Porto, 1950; Aspectos da vida médica portuguesa nos séculos XVII e XVIII. Conferência dita na Faculdade de Medicina do Porto em 11/2/1937, Lisboa, Casa Holandesa, Lda.,1938; Medicina e Superstição, **in** A Arte Popular em Portugal. Direcção de Fernando de Castro Pires de Lima, Ed. Verbo, vol. I.

Também se esclarece, nestes artigos, a origem do saber encerrado em especial nas rimas dum poético calendário * que o autor analisou e que se lhe deparou também num Lunário Perpétuo: «Essa fonte comum é também, sem dúvida, e como pude verificar por estudo minucioso dos textos, a velha ciência médica ocidental-latina, medieval, greco-arabizada desde o século VIII e irradiante da celebérrima Escola de Salerno e do não menos famoso centro de divulgação médica na Europa — há cerca de 700-800 anos — Montecassino, que S. Bento de Núrcia fundara no século VI (...)» E, noutro passo, acrescenta: «A Escola de Salerno dedicou sempre extrema importância à Higiene. E na verdade, são os conselhos desse género os que mais se arreigaram na medicina popular e desta passou à sabedoria popular. Claro exemplo desta assunção colhe-se no calendário poético que lhes li e no Lunario Perpetuo que lhes indiquei». Dois traços de união surgem, assim: um que liga a prática popular da medicina aos conhecimentos contidos nalguns almanaques; outro que relaciona ambos com uma remota herança, que já não se afigura popular, mas que eles retiveram, através de vários séculos. Seria, no entanto, de temer, que chegados que foram os séculos XVII e XVIII, os ensinamentos dos almanaques, reproduzindo um saber tão antigo, estivessem em grande atrazo relativamente à ciência médica da época.

Não parece ser o caso. Luís de Pina, num dos artigos referidos, contribuiu ainda para reduzir esta disparidade receada, quando escreve: «Calharia agora traçar o estado da Medicina no nosso País, dentro desses dois séculos [XVII e XVIII] analizando as doutrinas e criticando o ensino. Foge o tempo célere e basta dizer-se, com Ricardo Jorge, que a Medicina pátria só logra levantar-se da sombra ao termo do século XVIII.

Em Patologia, Hipócrates, Galeno e Avicena, entre mais clássicos, aborviam as inteligências.

A velha teoria humoral avassala as doutrinas etiológicas. Na Terapêutica, a sangria, a purga e o clister, trindade obrigatória, imprescindível, divinizada e entronizada apaixonadamente.

A pairar, negra, sobre tudo, a superstição, a crendice, que tomam estranho foro com Curvo Semedo no século XVII e ardor mais alto ainda com Brás Luís de Abreu, no século XVIII». Neste quadro se deve entender a consistência do adágio popular, então corrente:

«Sangrai-o e purgai-o e se morrer, enterrai-o».

* **Cardoso Mata** analisou o mesmo calendário das Horas Portuguesas, para 1741. Cf. Feira da Ladra, II, Lisboa, 1930, pp. 76-83.





## QUADRO 16

### Prognóstico e Lunario para 1644, por Manoel Gomes Galhano Lourosa

#### JUIZO DO ANNO

Depois do Nacimento de Christo saõ passados 1644 annos do corrente, de que tratamos da Creaçaõ do mundo 5593. da fundaçaõ de Roma 2393. da reformaçaõ Gregoriana 62. O presente anno de 644 (conormãndonos com as Ephemerides do grauissimo moderno Andre Argolo Medico, & juntamente Astrologo) entra aos 19. de Março âs 10. lor& 53 min. da noite, tempo em q̃ o Sol entra em Aries He senhor do anno Jupiter directo em 28. gr. de Aries, sua Triplic. & termo nas caiceleste, & seca, ascendendo para o Septentriaõ no I. Quadrante do Zodiaco vernal, com longitude da Echptica, para o norte na I. Triplic. Ignea. Participante neste juizo he Venus na mesma casa em Aries. Promete desmanchos por amor, gostos, galas, & alegria. E por ser senhor de Tauro na 7. promete a Badajoz (sogeita a este signo) guerras, desterros, & leuantamentos, & inimigos publicos. O q̃ tudo será para grande gloria das armas Portuguezas. O senhor da I. na 5. casa celeste em aspecto trmo mostra deste Reyno embaixadas ao Norte felississimas. O senhor da 2. em Angulo da 4. em aspecto Quadrado mostra, que neste Reyno machinaraõ os limitadores do sagaz Sinaõ carunchos de perfidia ingrata, a quem ajudará muito o senhor da 12. (casa de inimigos occultos) na 3. em Quadrado de aspecto dextro, que obrigados de sua rayua intentarão violencias no Sagrado, & no hum anno; porem sahiraõ seus intentos destes maluados frustrados, & em vaõ. porq̃ remos hũ vigilante Argos (a quẽ peço vigilancia, & astucia) q̃ com o fauor divino lhe sahe atalhar seus maleuolos estratagemas. Quero que esta folha de papel nam sirua mais, q̃ de cautella ao nosso Pay da Patria, a quem se lhe encomenda muito seu resguardo no lema da sua nao, de que Deos o fez Piloto, & Mestre apossandoo do gouerno della, pois andaõ ladroẽs na costa, piratas atreuidos. Ouça ao Syrico, Horat. I, E Vi ingulente homine, Sungut de note latrares Vi te ipsũserues: not expergiceris?

He necessario aspertar, & naõ dormir que o vigiar he o menos; o mais he perseuerar na vigilancia. Martiolis 9. Epigram.

Nam vigilare seue est, peruigilare grauo.

Mas he forçado ser vigilante gerou, porq̃ os bõs saõ os que padecem, disse Cic in orat. prop. vigilandum ust semper multa infidia fiant bonis. O Ceo guarde a quem nos defẽnde, de quem nos offende tanto. Estajamos alerta q̃ Deos he com nosco, como entereçado na defensa de Portugal.

Serâ este Anno de 644. de pam bastante, & de bastante vinho, azeite, pescado. menos doenças, muito gado, copiosa criaçam de coelhos, muitas prenhadas de mininos, felicidades nas nossas armas, auentadas victorias no principio do Anno Noroestes, no discurso delle Nortes, & bons ventos fauoraveis âs nossas armadas. E Deos sobre tudo.

#### JUIZO DOS QUATRO TEMPOS DO ANNO

A Primauera, que se compoem de tres meses começando de 19. de Março atê 19. de Junho, serà no principio fresca de terrenhos, & depois quente, & nevoada. He sendo della Jupiter, & participante Saturno. No fim desta Quarta auerà jeada taõ prejudicial aos frutos da terra, como foi a deste Anno de 43. q̃ fez tanto mal. Neste tempo manda Hipocr, 6, Aph. 47 prezeruar o corpo humano de humores antecedentes. E Deos sobre tudo.

O Estio, que consta de outros tres meses como de 20. de Junho atè 21. de Setembro sera na estrada delle sacudido deviraçoẽs, & nortes do meio por diante caladissimo. He senhor delle Marte, Venus, & Jupiter participantes. Auerão febres malignas, & agudas; em que se os senhores medicos não andarem com o pê, conforme a doctrina Aphoristica Aph. 10. naufragaraõ os pobres dos enfermos. E Deos sobre tudo.

O Outono que tambem tem seus tres mes de 22. de Setembro atê 19. de Dezẽbro, serà seco sômente no mes de Setembro auerà agoa, que enfade a quem vindima, & algũa também em Outubro. Marte he senhor deste tempo. As doenças deste tempo saõ taes quaes as pinta o texto de Hipocr. 3. Aph. 9. Auerà trouadas, coriscos, & discordia entre contrarios. E Deos sobre tudo.

O Inuerno finalmente, que começa de 20. de Dezẽbro, & acaba em 18. de Março de 645. serà muito frio, ventoso, & pouco humido. He senhor destes tres mezes Venus participante Mercurio. Muitas são as doenças que Hipocr. 3 Aph. 23. relata neste tempo hũs causadas de esthcidio originado das partes inferiores per consensum, ao cerebro outras per essentiam, no mesmo miolo. E Deos sobre tudo.

QUADRO 17

Prognostico e curioso sarrabal para o anno de 1729..., por Rodrigo de Sousa Alcoforado.

**JUÍZO OU CONJECTURA ÀCERCA DA FURTIFICAÇÃO DO ANO DE 1729 (extrato).**

**Conforme o commum sentir dos antigos Astrologos principia este prezente anno de 1729 na entrada do sol no signo de Aries, que será no dia de Segunda feyra 21 dias do mez de Março. Porem segundo a Igreja Catholica Romana e a corrente dos Astrologos Modernos (...) princiapia na estancia do Sol no signo de Capricornio e a Lua no mesmo signo Sabbado o primeyro do mes de Janeyro (...).**

**It este o Planeta Saturno velho rabugento, que será o Almutem ou Dominador deste anno com participação da luminosa Lua.**

**O Planetre Saturno (...) he pouco favoravel à natureza humana. Cauza trabalhos, fómes, affliçoens, esterilidades nos annos e carestia nos mãtimentos. Indica choros, suspiros, carceres, destruições, peregrinações e mortes (..) tem dominio sobre os velhos, caducos e solteiros, sobre os avarentes, usureyros, tristes e melancolicos, sobre os homens vis, miseraveis, desconfiados; sobre os glotoens, feyticeyros, magicos e nigromanticos e sobre os que abrem sepulturas e exercitão obras humildes e baixas (...).**

**Pelas más influências deste Planeta não nos indica anno muyto favoravel se a Lua sua participadora se lhe não temperar as má qualidade como esperamos em Deos. Promete limitada colheita (...) Muyta gente velha acabará seus dias (...) Esta he a minha conjectura, segundo as influências dos Astros, Deos nosso Senhor que domina sobre todos elles lhes confortará as qualidades e mandará q̃ influão cousas melhores (...).**





QUADRO 18

**JUIZO DO ANNO (extracto)**
**Almanach Illustrado das Horas Românticas, para 1875.**

Em 1875 voltará a moda das *crinolines,* para tornarem em 1876 os vestidos esguios. As senhoras, d'este modo, incham e desincham um anno si, outro não, de modo que os seus admiradores terão sempre as duvidas mais terriveis a respeito das suas formas reaes e verdadeiras... como estão no banho. Irão á praia de Pedrouços para se certificarem a esse respeito, e na Praia de Pedrouços terão novas ilusões. Caminhar-se-ha com uma rapidez aterradora para o ideal do *Mundo no anno 3000,* em que, segundo nos afirma Emilio Souvestre, as mulheres terão umas armaduras completas, dentro das quaes se enfiarão resolutamente.

Haverá, como dissemos, um diluvio terrivel no anno de 1875, e será necessaria a construção de uma nova arca de Noé, dentro da qual se metterão em par de todos os animaes, que existem em Portugal, sem exceptuar os Marialvas. É possivel contudo que, para se repovoar Portugal, se siga de preferencia ao systema biblico o systema mythologico, e que em vez da arca de Noé, vão Deucalião e Pyrrho para a serra de Monsanto fazer homens e mulheres com pedras atiradas para traz das costas. Imaginem que *penedos* hão de sair d'alli; é natural porém que não deitem a barra adiante a muitos que por ahi vemos e que nós todos conhecemos.

Teremos também outro cometa, menos pacato que o de 1875. Virá depois do diluvio para enxugar a terra, de modo que teremos no outomno outra seca, principiar-se-ha a berrar de novo pelo Alviella, e o sr. Pinto Coelho offerecer-nos -ha em troca do Aviella, o sr. D. Miguel II nevado com sua irmã, a sr.ª D. Maria das Neves. O povo portuguez regeitará o contrato, será por isso excommungado, irá todo outra vez para os infernos, e quando Satanaz nos perguntar de novo quem foi que nos mandou para lá, responderemos plangentemente, de novo, com musica de Meyerbeer: Foi o sr. Pinto Coelho, foi o sr. Pinto Coelho, foi o sr. Pinto Coelho, pim, pim!

Foi isto que eu, novo Nostradamus, li nos astros consultados á meia noite.

Pinheiro Chagas.

QUADRO 19

JUIZO DO ANNO

**O Novo Seringador. Almanach para 1887**

JUIZO DO ANNO

Presidirá aos doze mezes do ano de 1887 um planeta terrivel e cheios de maus agouros, conhecido no mundo politico pelo nome de *José Moreira.*

No dia em que elle se encontrar na constellação *Regeneradora* com os cometas *José Guilherme* e *Arroyo* haverá um choque formidavel que fara estremecer a terra nos seus fundamentos.

D'este encontro resultarão necessariamente enormes desgraças.

O poeta Araujo será, por visão celeste, o encarregado da construção da arca santa onde serão recolhidos os bemaventurados do tribunal de contas.

Ao som da trombeta final, tocada pelo archanjo *Antonio Maria,* reunir-se-hão os eleitores ao carneiro com batatas.

O céo ha-de escurecer, o trovão ha-de ribombar, e do novo Codigo não ficará artigo sobre artigo, nem paragrapho sobre paragrapho.

Por sobre o solo juncado de cadaveres passará triumphante e cheio de maleficios o medonho planeta e os seus satelites, que farão ressurgir dos escombros novos conselheiros, novos afilhados e novos arranjos.

Porem, amigo leitor, não te assustes, e não percas a vontade de comer, por que antes que isto succeda terás tempo de os mandar a todos á fava.

Quem os conhecer...

*Daniel Cardozo.*





QUADRO 20

**Prognostico e Lunario para o anno de 1731 composto por Damiam Francez, Natural de Villar de Frades.**

REGRAS MEDICINAES

**Estando a Lua no signo de Aquario sera proveytosa a sangria e purga: como tambem os mais medicamentos, com tanto que não seja nas pernas; segundo diz Egidio. Estando a Lua em Piscis serão boas as purgas, que não sejam vomitorios, como também as mais potages pela boca; tambem se podem applicar medicinas; mas não aos pés. Estando a Lua em Aries, he bom applicar medicamentos, mas não para a colera, ou cabeça, ou tocar esta com ferro. Estando a Lua em Tauro não he bom sangrar, nem tocar com ferro a garganta. Estando a Lua em Geminis não he bom amezinhar os braços, nem sangrar nelles, nem cortar as unhas. Estando a Lua em Cancer he bom tomar potages, e purgas, amezinhar, e sangrar, e applicar medicamentos, não sendo no peyto. Estando a Lua em Leo não he bom tomar mezinhas pela boca, porque se resolve em sangue, nem applicar ao figado, ou coração mezinha algũa. Estando a Lua em Libra não he bom amezinhar as nalgas, rins, e espinhaço. Estando a Lua em Escorpio não he bom amezinhar partes occultas, porem as purgas serão proveytosas. Estando a Lua em Sagittário não he bem a mezinhar as coxas, será de proveyto a sangria. Estando a Lua em Capricornio, não he bom amezinhar joelhos, e curvas, nem sangrar, nem tomar mezinhas nem xaropes.**

**E em qualquer dia, que a Lua estiver em signo rumiante se pode purgar com vomitorios; em todos os signos, excepto Aries, se pode purgar com pirolas. E em todos os signos excepto o de Libra se podem applicar ventosas. Em os signos aquaticos convém, a saber, Cancer, Escorpio, e Aquario, serão boas as purgas laxativas, não sendo quinta feyra; porque se convertem em sustancia.**

**Em qualquer signo, não sendo de Geminis, em que a Lua estiver, se pode sangrar na salvatella, e o mesmo abrir fontes, não sendo nos braços, como também abrir fontes nas pernas não estando a Lua em Capricornio, Aquario ou Piscis.**

**Nos dias em que a Lua andar em Aries, Tauro, Leo, Virgo,Sagittario, Capricornio, se podem fazer boas caçadas. Nos dias em que a Lua estiver em Cancer, Escorpio, e Piscis e hum dia antes da Lua chea, e outro depois, e no quinto dia de Lua nova farão boas pescarias. Andando a Lua em Aries, Geminis, Leo, Escorpio, Sargittario, e Piscis, será bom fundir metaes.**

## QUADRO 21

Prognostico e curioso sarrabal para o anno de 1729..., composto por Rodrigo de Sousa Alcoforado — 2 páginas do Lunário para o anno de 1729.

(32)

23. Terça jejum S. Felippe Benicio, Lua nova às 6 horas da manhã, em 10. grâos de Virgo, tempo nublado, agua por partes. Entra o Sol em Virgo
24. Quarta S. Bartholomeu Apostolo
25. Quinta S. Luiz Rey de França, Lua em Libra, vento, nuvens.
27. Segunda. Degolação de S. João Baptista, Lua em Sagitario, tempo mais fresco.
31. Quarta S. Raymundo Nonnato Cardeal Quarto crescente às 6 horas da manhãa em 7. gràos de Capricornio, tempo mudavel.

### Regras da Agricultura

Na Lua crescente deste mez, quaymar matos, estercar terras, arrancar cebolas, semear tremoços, nabos, rabãos, couves, favas, fazer pasta de fruta.

No mingoante debulhar, e recolher todo o genero de grão, curtir e amanhar linho.

(33)

### SETEMBRO

Entra à Quinta feyra tem 30 dias, o primeiro tem 12 horas e 54 minutos; nasce no principio às 5 horas 32 minutos; poem-se ás 6 horas e 27 minutos. Anda o Sol no primeyro dia em 8 gráos de Virgo, aos 23, entra em Libra.

Regras para conservar a saude.

Conserva a saude neste mez comer couzas que não sejão nocivas frias, e quentes, couzas cordeaes, e he máo sentar-se em pedras, ou lugares frios, porque costumão gerar camaras, tremores e dores de colica; o summo da betonica he excellente neste mez, como tambem as frutas moderadas sendo frescas.

2. Sesta feyra Santo Estevão Rey de Ungria, Lua em Aquario, tempo calmoso.
4. Domingo Santa Rosa de Viterbo, Virgem tempo moderado.
6. Terça Lua chea ás 5 horas da manhã em 26. gráos de Piscis, tempo nublado, fresco.
7. Quarta jejum.
8. Quinta Nascimento de Nossa Senhora, Lua em Aries, tempo calido.





## QUADRO 22

Prognostico e curioso sarrabal para o anno de 1729 composto por Rodrigo de Sousa Alcoforado.

Regimento muy util, e necessario para conservar a saude e alargar os dias da vida tirada da Medicina de Avicena e outros Authores.

Procurar a saude do ceo, servindo a Deos, amalo e temelo apartar daquelles que o não temem, porque como diz o Ecclesiastico proverbio 15. Qui timet Deum faciet bona, que quer dizer, que o q̃ temer a Deos fará cousas boas, q̃ são medicinas conservativas da saude da alma, e preservativas de muytas miserias, trabalhas, e enfermidades do corpo. Para conservarmos o Santo temor de Deos convem q̃ nos apartemos, e fujamos daquelles, q̃ o não tem porque como diz David: Cum Sancto Sanctus eris e um perverso perverteres. E assim perdido o temor se perde o respeyto, e de perder o respeyto nasce o total ruina da saude espiritual e corporal.

Trazer o animo quanto pode ser alegre, e quieto divertido de demasiado cuidados e moderar o comer.

Aproveyta muyto lavar as mãos, e a cara pela manhãa com a agua fria, porq̃ diz Avicena que álem do contentamento, e utilidade, que recebem as sentidos, fica o cerebro confortado, e vista aguda, forte, e muyto mais clara.

Ao levantar da cama pela manha he saudável passear e fazer exercício.

He muy proveytoso pentear a cabeça pela manhã, e alimpar as dentes, e estes se podem alimpar, e purgar, com a raiz do ouregão cozido em vinho branco e com ella lavar os dentes, e cozida a arruda com elle lavando-se os olhos faz a vista clara, e aguda.

O sal nos comeres he cousa utilissima, mas hâ de ser com bom temperamento. Depois de comerem peyxe usem de alguma nós e sobre carne queyjo. O pão deve ser levado, e bem cozido, mas não he bõ comello qũete.

Assim como o vinho bom moderadamente bebido causa mil bens, assim tambem causa diversas males, se se bebe sem temperança.

Depois de comer, se deve fazer pouco, ou nenhum exercicio porém, algum se pode fazer depois da cea, mas deve ser cõ brevidade.

O que foi costumado a fazer algum exercicio, ou tem alguna inclinação honesta não se aparte disso de repente, mas pouco e pouco se vâ retirando, e deyxandos.

Tenha o vinho tres circunstancias: boa cor, bom cheyro, e seja de boa casta.

A carne de cabras, lebre e boy causa mãos humores, e peor a de porco se se bebe sobre ella agua, porém não faz mal usando-se com ella de vinho.

Aproveyta beber quando se come pão para que o estamago faça bom cosimento, e também aproveyta beber depois de comer ovos, que devem sempre ser frescos.

Dão dannificamento aos olhos os banhos de agora quente, ou demasiado vinho, o acto venereo, e as demasiadas sangrias, muyto mais gasta a vista o demasiado velar; fá ra porém das fleymas, o moderado comer, e beber, e estar com o animo socegado.

A agua de funcho, berbena, rosa, erva andorinheyra, e arruda fazem a vista muy clara e aguda.

A mostarda cosida em Lua mingoante purga a cabeça, faz distilar a reyma, e tira as fleymas.

He também saudavel a salva, e a hortelãa, e tem tão grande virtude que mata, e lança fora as lombrigas, do ventre, e bichas do estomago, tomando em jejum o summo della; se for seca, beber os pós em vinho brãco, ou comellos assim simplesmente.

Tem força esta erva cótra a mordedura do cão dannado, pizada, e misturado cô tal azeyte, e vinagre, tira a peçonho da mordedura das alecrães.

O sũma desta erva tomado cô mel he contra veneno, assim bebido, como comida e la, da qual diz Crescentino q̃ fogem as alecrães, e animais peçonhẽtos, e Avicena diz q̃ deytãdo esta erva em leyte o não deyxa coalhar.

Finalmente não he bom beber agoa entre o comer, porque interrompe a digestão.

Conserva a vista guardar de comneres fortes, como são alhos, cebolas e seus semelhãtes, de iguarias salgadas, e estar muyto tepo com a cabeça descuberta ao sol, de velar muyto, e de beber vinho azedo, e gordo. DEUS SUPER OMNIA.

## QUADRO 23

**Prognostico e Curioso Lunário para 1818, por Roberto da Silva Pinto.**

### INDICATIVO DOS TEMPOS

Se quando apparecer a Lua depois de nova, lhe virmos todo o circulo da parte de Levante, he signal de que em toda aquella Lua haverá bom tempo; e pelo contrario se a não virmos senão pela parte aluminada, e com as pontas fuminadas, haverá mudança de tempos.

Se a primeira vez que a Lua apparecer trouxer a ponta de cima negra, e o mais branco, denota que no Crescente della choverá, e no demais curso da Lua fará bom tempo. E se a ponta de baixo for negra, e no demais branca, mostra bom tempo no enchente, e chuva no mingoante. E se as pontas ambas forem brancas, e o meio negro, mostra que no principio, e fim da Lua, haverá bom tempo; mas no enchente choverá.

Em cada um dos dias do anno se virmos á noite Lua de côr branca e o tempo quieto, denota bom tempo no outro dia; e se vier amarella denota agua, se vermelha vento; e tomando de duas côres, assim como amarella, e vermelha, denota agoa, e vento; e se branca, e amarella, agoa sem vento; e se branca, e vermelha, Sol com vento.

Quando o circulo ao redor da lua for negro denota chuva até o terceiro dia.

Se o Sol ao sahir vier muito vermelho, denota vento,e trovões até ao terceiro dia, e logo sol, e calor.

Se o Sol ao sahir vier com huns raios muito compridos, que parece que chegão aos olhos, denota chuva no mesmo dia.

Se ao pôr do Sol ficar a parte do Poente vermelha, denota bom tempo no outro dia; e se ficar negra, e com nevoas, tempo pelo contrario.





## QUADRO 24

**Adagios portuguzes que devem observar os Lavradores (Grão Pescador Cosme Francez Sarrabal Saloyo...**
**Prognostico geral para o anno de 1735**

### ANNO

**Mao anno hasde aguardar por não empeoar.**
**Anno caro, padeira em todo o cabo.**
**Anno de neves, muito pão e muitas crescentes.**
**Em anno chuvoso o diligente he perguiçoso.**
**Em anno bom, o grão he feno; e em mao a palha he grão.**
**O moço e o Gallo, hum só anno.**

### TRIGO, etc.

**Folga o trigo debaixo da neve, como a ovelha debaixo da pele.**
**Deita esterco ao pão, que as terras to pagarão.**
**Cevada sobre o esterco espera cento, e se o anno for molhado, perde o cuidado.**
**Vendima molhada, pipa azinha despejada.**
**Vendima enxuto, colherás vinho puro.**
**Menina e vinha, peral e faval maos são de guardar.**
**O mellaõ e a molher maos são de conhecer.**

### MEZES

**Primeiro de Janeiro, primeiro de Verão.**
**Mingoante de Janeiro corta o madeiro.**
**Em Janeiro mete obreiro, mas meante que não dante.**
**Obreiro em Janeiro, pão te comerá, mas obra te fará.**
**Em Janeiro poem-te no outeiro, se vires verdejar poente a chorar, se vires terrear poem-te a cantar.**
**Em janeiro sua a ovelha suas madeixas no fumeiro e em Março no prado e em Abril vai urdir.**
**Dia de S. Vicente toda a agoa he quente.**
**O mez de Janeiro, como bom cavalleiro, assim acaba como a entrada.**
**Quando não chove em Fevereiro, não há bom prado nem bom centeyo.**
**Agua de Fevereiro mata o onzeneiro.**
**Dia de S. Mathias começam as enxertias.**
**Março marcegam, pela manhã rosto de cão e à tarde de Verão.**
**Em Março queima a velha o maço.**
**Quando trovoeja em Março, aparelhas os arbos, e o braço.**
**Quem não póda em Março, vendima no regaço.**
**Em Março, nem rabo de gato molhado.**
**Abril agoas mil, coadas por hum mandil, e em Mayo tres ou quatro.**
**Abril, frio, pão e vinho..**

Abril frio e molhado, enche o celeiro e farta o gado.
A quem em mayo come sardinha, em Agosto lhe pica a espinha.
Enxame de Mayo, quem to pedir dalho, e de Abril guarda o para ti.
Huma agoa de Março e tres de Abril valem por mil.
Quem em Mayo relva, nam tem pão nem erva.
Mayo couveiro nam he vinhateiro.
Mayo come o trigo e Agosto bebe o vinho.
Quem em Mayo não merenda aos mortos se encomenda.
Dia de S. Barnabé, seca-se a palha, pelo pé.
Agoa de S. João tira o vinho e não dá pão.
Até o S. Pedro há o vinho medo.
Dia de S. Pedro tapa rego.
Dia de S. Pedro vè teu olivedo, e se vires hum grão espera por cento.
Dia de Santiago vay à vinha acharàs bago.
Por Santa Marinha vay ver tua vinha, e tal achares tal a vendima.
A quem não tem pão semeado de Agosto se faz Mayo.
Quando chover em Agosto não metas teu dinheiro em mosto.
Por S. Maria de Agosto repasta a vaca hum pouco.
Em Agosto sardinha e mosto.
Em Agosto debulha o perguiçoso.
Dia de S. Matheos, vindimam os sezudos, semeam as sandeos.
S. Miguel das uvas, tarde vens, e pouco duras, se duas vezes vieras no anno, não estivera com amo.
Outubro, Novembro e Dezembro, não busque o pão no mar, mas torna a teu celeiro e abre teu mealheiro.
Por S. Francisco semea teu trigo, e a velha que o dizia semeado o tinha.
Por S. Lucas sabem as uvas.
Por S. Erea toma os boys e semea.
Por S. Simão e Judas colhidas são as uvas.
Dia de S. Martinho prova o teu vinho.
De dia dia Santa Catarina ao Natal mez igual.
Dia de Santo André, quem não tem porco mata a mulher.
Por todos os Santos a neve nos campos.
Por S. Martinho nem favas nem vinho.
Por S. Clemente alça a mão da semente.
Por dia de S. Nicoláo a neve no cham.
Do Natal a Santa Luzia, crese hum palmo o dia.
Dia de Santa Luzia, mingue a noite e cresce o dia.
Por Natal ao jogo e por Pascoa ao fogo.





**QUADRO 25**

**Provérbios d'O Grande Seringador. Almanach jocoso, anecdotico, satyrico e prophetico para 1873.**

**(1)**

Luar de Janeiro
Não tem parceiro.

Janeiro molhado
Se não é bom para pão
Não é mau para gado

Minguante de Janeiro
Corta o madeiro.

Pintainho de Janeiro
Vai com a mãe ao poleiro.

Quando não chove em fevereiro
Não há prado nem centeio.

Por S. Mathias
Começam as enxertias.

Quem em Março não merenda.
Aos santos se encomenda.

Quem não póda em Março
Vindima no regaço.

Se não chover entre Março e Abril
Podes vender o carro e o carril.

Abril frio e molhado
Enche o celeiro e afasta o gado.

Vindima molhada
Pipa cedo despejada.

O mez de Setembro
Ou seca as fontes
Ou leva as pontes.

**(2)**

Maio couveiro
Não é vinhateiro.

Quando maio acha nado
Tudo deixa espigado.

O Junho não dá nada
Mata a fome com cevada.

Por S. Barnabé
Secca a palha pelo pé.

Agua de S. João
Tira vinho e não dá pão.

Por S. Pedro
Vê teu olivedo.

Quando minguar a lua
Não comeces coisa alguma

Por S. Lourenço
Vai à vinha que enche o lenço

Quem não debulha em Agosto
debulha com mau rosto.

Eu sou Setembro
Que tudo recolho
Trigos e milhos
Palhas de restolho.

Eu sou o Outubro
Mez dos outonos
Engrosso as terras
Proveito dos donos.

Por todos os santos
Neve nos campos.

Dia de Sta. Luzia
Mingua a noite cresce o dia.

QUADRO 26

Provérbios do Calendário Popular do Annuario para o estudo das Tradições populares portuguesas, dirigido por Leite de Vasconcellos. 1.° anno, 1883. Porto, 1882.

| | |
|---|---|
| JANEIRO<br>Luar de Janeiro<br>Não tem parceiro<br>mas lá vem o d'Agosto<br>Que lhe dá no rosto.<br><br>O mez de Janeiro<br>Como bom cavalheiro<br>Assim acaba<br>Como na entrada. | FEVEREIRO<br>Fevereiro<br>Enganou a mãe ao soalheiro.<br><br>Fevereiro quente<br>Tra-lo o diabo no ventre.<br><br>Lá vem Fevereiro<br>Quem leva a ovelha<br>E o carneiro. |
| MARÇO<br>Em Março<br>Ouga a noite com o dia<br>E o pão com o sargaço.<br><br>Março, Marçagão<br>Pela manhã cara de gato<br>E á noite cara de cão. | ABRIL<br>Em Abril<br>Aguas mil.<br><br>Em Abril<br>Queima a velha o carro e o carril.<br><br>Em Abril<br>Guarda o gado<br>E vae aonde tens de ir |
| MAIO<br>Em Maio<br>Come as cerejas ao borralho<br><br>Em Maio<br>Onde quer eu caio.<br><br>Maio pardo<br>Anno claro. | JUNHO<br>Em Junho<br>Foucinha em punho<br><br>Maio pardo<br>Junho claro<br>Fá-lo lavrador honrado. |
| JULHO<br>Junho, Julho e Agosto<br>Senhora, não sou vosso. | AGOSTO<br>Agosto<br>Frio no rosto.<br><br>Agosto tem a culpa<br>Setembro a fruta.<br><br>Agosto<br>Toda a fruta tem gosto. |





| | |
|---|---|
| SETEMBRO<br>Setembro sécca as fontes<br>Ou leva as pontes. | OUTUBRO<br>Outubro<br>sécca tudo.<br><br>Outubro<br>Péga tudo (as plantas) |
| NOVEMBRO<br>Por todos os Santos<br>A neve nos campos<br><br>De todos os Santos ao Natal<br>Perde a padeira o cabedal.<br><br>De Todos-os-Santos ao Natal<br>Ou bem chover ou bem nevar. | DEZEMBRO<br>Nem no Inverno sem capa<br>Nem no Verão sem cabaça.<br><br>Quem não tem calças no Inverno<br>Não fies d'elle teu dinheiro. |

A separação das águas entre as várias medicinas e respectivos valores, resulta assim, um pouco difícil. Nem as origens, nem o tipo de prática, nem os riscos de sucumbirem à superstição e à crendice se separam com nitidez, a partir destas passagens. E parece que o almanaque, ligado à prática de medicina popular, difusor de preceitos de higiene, também não anda longe do estado geral da ciência médica «erudita» — até aos fins do século XVIII. Depois dessa época, pode supor-se que a distância entre ambos vá crescendo. Mas nem então Luís de Pina abandona completamente o almanaque ao mundo das sombras e descobre fundamentos, eventualmente válidos, nos mínimos saberes dos almanaques, mesmo nos recentes. As interpretações dos sonhos, por exemplo, que alguns folhetos incluem (sonhar com aranhas, significa dinheiro, sonhar com o médico, doença...) e que se lhe deparam num Borda d'Água para 1954, merecem-lhe o seguinte comentário: «Como se depreende, há nestas significações, claros princípios de analogia, de contraste, de simpatia, estabelecidos de modo empírico. Se os temas dos sonhos são, na verdade, como dizem os psicanalistas, desejos insatisfeitos ou recalcados, a sabedoria da interpretação popular onírica terá a sua razão de ser».*

Dois outros saberes do almanaque, geralmente interligados — a meteorologia e a agricultura — merecem agora uma rápida análise. Também nestes campos existem relações estreitas entre o saber dos almanaques e o saber popular. Em muitos aspectos, parece que o almanaque se limita a transpôr para a forma escrita, parte de um conhecimento e práticas populares, que pertencem à tradição oral e de que as recolhas de carácter etnográfico dão geralmente conta. Soeiro de Brito recolheu no Alentejo, em forma abreviada — «As coisas que se quer que cresçam devem fazer-se no quarto crescente, as contrárias em quarto minguante»** — a relação tão frequentemente indicada nos almanaques, entre as operações agrícolas e os quartos da lua; provérbios, adágios, meteorológicos e agrícolas, dispersam-se indiferentemente pela tradição oral e pelos almanaques; as previsões de tempo, a curto e longo prazo são outro elo ainda dessa relação. Luiz Chaves *** recenseou num artigo

---

* **Perspectivas** semelhantes às de Luís de Pina, embora mais escassamente ilustradas, podem ser encontradas noutros autores. Cf. Pereira, Mário Monteiro — História da Medicina Contemporânia. Distribuidores gerais: Sociedade de Expansão Cultural, Lda., Lisboa da E.N.P., 1947.

** **Brito, J. M. Soeiro de** — Astronomia, Meteorologia e Chronologia populares... 1890.

*** **Chaves Luis** — Previsão do tempo na agricultura. Notas etnográficas. **In,** O Instituto, Revista científica e literária. Coimbra, 1940.





diversos adágios populares, que os almanaques também contém, referentes à previsão das colheitas, consoante o estado do tempo de cada mês e um processo popular de prever o estado do tempo, em relação a um ano inteiro — as «arremedas» e «desarremedas». Diz nessas notas etnográficas: «O camponês, entregue à labuta agrícola, vive na dependência dos elementos variáveis do clima. Na ânsia de prescrutar o futuro e com ele a perda ou o ganho das colheitas, emprega fórmulas apriorísticas que um pragmatismo particular lhe marcou.

Como criou o calendário de acção agrícola, observou paralelamente as condições da sua realização e o aproveitamento dos trabalhos efectuados. Pôde assim formular um sem número de equações paramiográficas, que, a seu ver, lhe permitem a solução em circunstâncias próprias». Sobre as «arremedas» e as «desarremedas», explica: «Arremedar o tempo que fará, é prever o estado atmosférico dos meses do ano. A operação divinatória chama-se «arremeda» porque os dias que servem para a previsão climatérica, imitam, isto é, «arremedam» os meses respectivamente convencionados. Como estiver o dia do «arremedo» assim será o mês correspondente.

O povo português faz a «arremeda» do ano por observações do estado atmosférico dos dias, que decorrem de 13 a 24 de Dezembro, no ano anterior.

A regra adoptada é a seguinte:

*O dia 13 de Dez.º arremeda o mês de Janeiro imediato*
*O dia 14 de Dez.º arremeda o mês de Fevereiro imediato*
*O dia 15 de Dez.º arremeda o mês de Março imediato (...)*
*etc.*

Para tirar as dúvidas, faz a «desarremeda» que é, nem mais nem menos, a prova real da operação da «arremeda». Consiste em refazer o que está feito, repetindo-se para isso a operação, depois de terminada, e logo a seguir a ela. A segunda «leitura» confirma ou prejudica a primeira; terminadas as duas séries de observações, a segunda é que definitivamente vale.

*O dia 25 de Dezembro «desarremeda» e marca Janeiro*
*O dia 26 de Dezembro «desarremeda» e marca Fevereiro*
*etc.*

Não se apurou, nem se pode considerar como adquirido, que astrólogos e camponeses procedam da mesma forma e utilizem os mesmos métodos para as previsões do tempo. Mas é nítido que uma mesma

preocupação e a aceitação de métodos mesmo frágeis — segundo hoje parece — nasce da necessidade imperiosa de conhecer, de desvendar o tempo futuro. Compreende-se que alguns autores afirmem que os almanaques eram familiares aos camponeses.

Muitos mais livros teriam tal sorte? Félix Nogueira, do Almanak do Cultivador, para 1857, esboça uma «Synopse bibliográphico-agrícola de Portugal», que inclui poucos livros dedicados à agricultura, até ao século XIX. Para o século XV indica um único, «Arte de alveitaria», de Affonso Esteves; para o século seguinte, ainda só dois, um outro «livro de alveitaria», de Sebastião da Silva e o Reportório dos Tempos, de Valentim Fernandes; para o século XVII, seis, mas pelo menos cinco são, ou Prognósticos, Anuários e Almanaques, ou versam matéria astrológica; o século XVIII, antes da Academia Real das Ciências de Lisboa começar a imprimir as suas memórias, conta apenas oito livros (entre os quais um Prognóstico e Lunário), que versem tal matéria. A Synopse é, certamente incompleta, mas provavelmente dá uma aproximação do panorama da literatura agrícola escrita. Félix Nogueira ainda acrescenta: «A agricultura, como sciencia, é muito moderna entre nós, e geralmente em toda a Europa, para possuir uma bibliographia numerosa e secular. Deixada à rotina dos lavradores, desde ao bons tempos dos agrónomos romanos e dos arabes hespanhoes, olhada com sobranceria por theologos, chronistas e poetas, a arte de cultivar os campos raros ou nenhuns escriptores conta em Portugal até ao princípio de século XVII. Os poucos livros que mais ou menos incidentalmente d'ella tratavam eram todos dominados pela astrologia judiciária então muito usual e prestadia para explicar, a seu modo, e sobretudo para prognosticar a maior parte dos fenomenos naturaes». E, em nota de pé de página, refere: «Ainda hoje são muito queridos do povo reportorios que predizem as mudanças do tempo, apesar do empirismo e inexactidão com que o fazem (...)». E continua: «Foi somente no primeiro quartel do século XVIII que começaram a apparecer tratados de agricultura e mais particularmente de veterinária. Contudo, a quantidade e qualidade d'estes livros era, de tão pequena monta, que o abade Barbosa nem sequer lhes assignou logar especial na sua immensa **Bibliotheca**, mencionando apenas sob a rubrica **Alveitaria** os que tratavam d'este ramo (...)». Mesmo que este panorama peque por defeito, haverá que considerar a difícil circulação que os livros tinham dentro do conjunto da população. Torna-se duvidoso que sem a sabedoria popular — em que os almanaques mergulham e de que parecem ser uma partícula — se tivesse conseguido produzir em Portugal a mais mísera cenoura.



ALMANAQUE/Tempos e Saberes

*
*   *

A exemplo do capítulo anterior, tente-se também agora uma apreciação global. O conjunto heterogénio dos saberes dos almanaques parece apontar para um objectivo central, constante no tempo e, no fundo, muito ambicioso: facultar ao exercício da vida quotidiana, os ensinamentos úteis, fundamentais, por ela requeridos. Este critério de utilidade imediata dos saberes, parece poder explicar e dar coerência às escolhas que os almanaques foram fazendo, ao longo do tempo.

O itinerário do almanaque aparece marcado, primeiramente, pela procupação de acompanhar a rotina fundamental da vida dos campos, a que se encontrava ligada a maioria da população. Impunha-se, então, condensar, nas poucas páginas de uma publicação anual e numa época em que não consta que abundassem os meios de divulgação e de leitura, uma amálgama de saberes que cobrisse os seus pólos fulcrais de interesse. Um mesmo folheto deverá responder a diversas preocupações, que Geneviève Bollème descrimina para os almanaques franceses do Antigo Regime e que são análogas às dos folhetos portugueses — comer, cultivar a terra, viver ou sobreviver, prever, discernir, conduzir-se, governar-se, informar-se, distrair-se...

Em parte, os almanaques parecem ter absorvido os seus conhecimentos da própria esfera da tradição oral popular, abrindo espaço aos provérbios, agrícolas e meteorológicos, às normas elementares de higiene, aos prognósticos securizantes, sobre o futuro. Em relação às matérias que podiam interessar os almanaques, os saberes eruditos começaram por ter estatutos díspares: mal estavam constituídos, como parece ser o caso das ciências agronómicas; estavam constituídos, mas tão imperfeitamente como o saber popular e esse terá sido o caso da medicina; tinham-se constituído, como a astronomia, mas em contradição com a necessidade de controlar simbolicamente o futuro — e essa preocupação maior, a que a astrologia era capaz de responder, levou a preterir e a remeter para melhor oportunidade uma explicação mais adequada da organização do cosmos. Decisão fatal, esta última, que viria a acarretar para os almanaques as mais severas acusações, apesar do envolvimento dubidativo e da prudência de que se foram revestindo os prognósticos astrológicos. É menos certo que, no campo das outras ciências, as acusações sumárias sejam igualmente justas.

Com a entrada e no decorrer do século XIX, o almanaque começa a ganhar outro carácter. Não só os saberes eruditos tinham persistido em se constituir e desenvolver, como se abriam para os almanaques maiores recursos e facilidades de publicação. Contagiado por tantos novos

saberes, com possibilidades acrescidas de ser dado à estampa, o alamanaque multiplica-se, procurando dar conta de todos eles. Enche-se de recortes científicos. Torna-se especializado e torna-se enciclopédico. Mas permanecendo fiel ao seu objectivo de ser imediatamente útil à vida quotidiana, depara-se-lhe agora uma dificuldade: o cumprimento dessa função tornara-se mais complicado, dado que, a par do modo de vida agrícola, muitos mais quotidianos surgem à luz e se tornam possíveis de acompanhar também. Camponeses, pescadores, caçadores, operários, emigrantes, burgueses, militares, homens, mulheres, senhoras, crianças, velhos, comerciantes, toureiros, actores, público teatral, cada qual define uma rotina própria. É mais difícil saber quais são os saberes fundamentais que servem a todos e é mesmo impossível condensá-los num mesmo folheto, livrinho, ou mesmo livro. O almanaque, portanto, subdivide-se para poder acudir a todos os saberes e a todas as rotinas. A sua tipologia complica-se. Um leque de almanaques surge onde antes houvera fundamentalmente um tipo normalizado.

No entanto, a par do almanaque e com grande ímpeto, pululam agora outros tipos de publicação, periódica ou não, que se dedicam igualmente a divulgar saberes e a acompanhar o dia-a-dia, competindo duramente com o almanaque. Este irá então remeter-se progressivamente aos interstícios dos quotidianos, lidando com aqueles saberes de utilidade imediata que os seus concorrentes com maior facilidade deixavam escapar. Como obviar às nódoas, às formigas, ao vinho avinagrado, ao leite azedo, às flores murchas,... são os saberes restantes que, de mistura com as diversas tabelas de interesse também corrente, vão preocupar agora os almanaques. Herdeiros de um agregado de poucos saberes fundamentais, os almanaques evoluem para uma pulverização de saberes.



# 4 O fim de um percurso?

O SERINGADOR
REPORTORIO CRITICO-JOCOSO E PROGNOSTICO
DIARIO
Para 1931
(e 66.º ano da sua publicação)

PORTO

Deu à costa o Borda d'Água
Finou-se o Padre Vicente
Que entretinha toda a gente
Sem no povo deixar mágua

Elles liam no futuro
Sabiam quando nevava
Quando chovia e ventava
Nada deixando no escuro

Hoje o dom de ler nos astros
Perdeu-se com taes heroes
Não valem dois caracóis
Estes prophetas poetastros.
......

*Almanach da Salamancada, 1883*

Tracejado que foi o percurso do almanaque, empreendidas que também foram duas rápidas viagens através dos seus conteúdos, obteve-se um quadro, certamente aproximado e incompleto, do que foi a história desse tipo de publicação. Mas a imagem impressionística que se formou, deixa no seu rasto muitos fios soltos e a alguns importaria agora dar um remate, mesmo que expedito.

Ao longo do seu itenerário, o almanaque deixou entrever diversas facetas do mundo que o rodeou. Sendo, por inerência de funções, uma publicação que referencia o tempo, foi preferencialmente na linguagem redutora do tempo que o almanaque retratou a sociedade e a sua evolução. Testemunha de várias épocas e de vários meios, absorveu as formas de vida que permaneciam, de mistura com as formas nascentes e a ambas procurou atribuir os tempos que lhes eram próprios; traduziu em calendários e efemérides, o modo de vida agrícola, com o qual conviveu duradouramente; propôs esse tempo á cidade, que começou a adoptá-lo; reflectiu, assim, o tempo que longamente se adequa a uma sociedade e refletiu depois a inequação da sociedade a uma representação de tempo que tardava em acompanhar a sua transformação; esboçou então os tempos que se queriam gerais e os tempos restritos a grupos particulares; não recuou perante os tempos insólitos, por vezes imaginosos, que, aqui e ali, se apresentavam; mostrou como um código único de tempo ia sendo erosionado pela diversidade social. E é finalmente, nesse seu modo específico de falar, no uso sistemático da linguagem do tempo para descrever uma realidade e a sua mudança, que residiu — e reside — a maior originalidade do almanaque e a do quadro social que ele tracejou.

Os saberes dos almanaques, por seu turno, mergulham num mundo de questões a que seria pretensão excessiva querer dar resposta e que, portanto, apenas se sublinham. Primeiramente, apontam para a ampla dificuldade que comporta qualquer juízo de valor sobre o saber popular. Segundo parece e pelo menos em alguns domínios, nem sempre estes estiveram muito longe dos correspondentes saberes eruditos; nem sempre se podem considerar inúteis ou sem valor pelo facto de se apresentarem envolvidos em roupagens estranhas, incluindo as da superstição; mais um passo e começa-se a duvidar que a dicotomia saber erudito/saber popular, que aqui foi suposta, tenha sempre e forçosamente um sentido, apesar de aparentemenete operatória; e é ainda possível que, mesmo quando tem um, não se possa atribuir sempre ao saber erudito a primazia e o privilégio de ser o saber inquestionável e ao saber popular a condição de vir a ser ultrapassado e engulido pelo primeiro. Os saberes dos almanaques obrigam a reparar nestas hesitações, que pertencem ao questionário geral sobre a cultura.

A preocupação com a utilidade prática, imediata, dos saberes, parece poder explicar as preferências dos almanaques. O seu plano é o da divulgação, que atinge os meios populares. A mistura de saberes que o almanaque foi contendo, tendo sido lida, ou pelo menos soletrada, ouvida, nos meios populares rurais e citadinos, permite entrever um detalhe da mentalidade social que os aceitou, ou os suportou, durante um longo período. O detalhe talvez não seja inteiramente irrelevante. O quadro científico de uma época engloba, não apenas as suas conquistas e as suas invenções, mas também a atmosfera de conhecimentos que envolve a totalidade da população e os mínimos saberes a que ela recorre no seu quotidiano. Nesta perspectiva, o almanaque pode ser tido como um pequenino indicador.

Uma outra característica do almanaque parece poder revestir-se de algum interesse: o almanaque constitui, creio, um ponto de contacto da cultura popular com o texto escrito. Como foi já anteriormente sublinhado, nem todos os almanaques foram populares. Mas há os que o foram e duplamente: pelo tipo de público que tiveram; pelo conteúdo, em boa parte ligado à tradição oral popular, que o almanaque capta e veicula por escrito, para uso desse mesmo público. Neste termos, o almanaque preenche um papel em que outras formas impressas tiveram, durante bastante tempo, dificuldade em o substituir. São mais frequentes as ligações do texto impresso à cultura erudita — para uso próprio, como veículo de divulgação em meios não eruditos, ou ainda como processo de recolha de tradições populares, que acabam por enriquecer essa mesma erudição. Julgo que uma parte dos almanaques escapa a estes usos mais correntes, conseguindo exprimir a relação da cultura popular consigo





mesma, através do texto escrito, mesmo se por interposto astrólogo ou matemático. O almanaque parece ser, assim, uma das poucas fissuras através das quais a cultura popular foge à expressão oral em que geralmente se encerra.* Por outro lado, dada a fluidez das fronteiras culturais, o almanaque acaba por espalhar em meios não populares, um tipo de saber e de dizer, que foi originado noutro campo: o trajecto inverso da divulgação que alastra a partir dos meios eruditos.

O percurso do almanaque, demasiado longo e atribulado, não favorece as sínteses felizes. A sua história inicia-se com a imprensa e ainda hoje dura. Globalmente encarado, o almanaque pode ser considerado como uma parcela das leituras populares, um tipo dentro dos folhetos de cordel, a par da literatura e do teatro, cumprindo embora funções distintas. Mas a sua fortuna, nos vários tempos que conheceu, foi desigual. Em Portugal, o século XIX vem revolver o carácter do almanaque. E, de facto, na própria época da abundância, começam a pressentir-se sinais do seu declínio. É sensível a inadequação do tipo e ritmo do almanaque, publicação anual, aos ritmos sociais que se aceleram, numa época em que também se acentuam e diversificam as possibilidades da imprensa. Apesar das esperanças que nele foram depositadas, da voga que chegou a conhecer e do esforço que fez para acompanhar todos os espaços de interesse que se abriam, o almanaque, entalado entre outras formas de publicação que à sua volta fervilhavam com vigor, foi aos poucos sucumbindo ao seu próprio esforço de adaptação. O tempo aberto, descodificado, não requer uma publicação especial, bastando-lhe os esqueléticos calendários de pendurar e as agendas; uma parte dos almanaques vai-se tornando subsidiária de outros tipos impressos, como jornais e revistas, que a ele recorrem como meio de brindar e cativar o público, quando não o carregam de anúncios; de uma forma geral, o almanaque abre-se à função de anunciar, existindo, por vezes, exclusivamente para isso: o Almanach de Vidago, para 1909, por exemplo, editado pela Empreza Exploradora das Águas respectivas, o do Grande Armazém de Roupas Brancas, não têm outros intuitos. Dispersando-se por todos os assuntos, aceitando todas as funções, o almanaque brilhou por um tempo, mas esboroou também o seu carácter.

---

* Uma obra, Tesouro de Prudentes, editada várias vezes entre os séculos XVII e XVIII, contém o mesmo tipo de matérias que os almanaques, levando a crer que o tipo de circuito a que aqui se alude não é exclusivo do almanaque. Cf. Sequeira, Gaspar Cardoso, Mathematico, natural de villa de Murça — Thesouro de Prudentes, novamente tirado à luz... Em Coimbra. c/ licença da Sancta Inquisição & Ordinario. Na empreção de Nicolau Carvalho... Ano de 1612.

Não desapareceu, mas foi esmorecendo por detrás do livro e do jornal, agora melhor colocados para o substituir, mais capazes de chegar às mãos dos vários públicos e de satisfazer os seus diversos ritmos e intensidade de leitura.

O êxito do almanaque, na segunda metade do século XIX, parece repousar numa adaptação, circunstancialmente bem sucedida, aos meios urbanos. Mas tal adaptação revelou-se finalmente precária e o seu sucesso acabou por ser fortuito. Os novos tempos, que pareciam ter vindo trazer-lhe maior fortuna, revelaram-lhe também a fragilidade. Mais persistente parece ser o velho tipo de almanaque rural, que ainda hoje se dirige preferencialmente às pessoas que lêem pouco e que nele procuram os quartos de lua e as sumárias, mas indispensáveis, indicações agrícolas. Não se pressente que o almanaque possa vir a reconquistar o terreno que temporariamente ocupou com brio no contexto urbano, a menos que um revivalismo, sempre possível, lhe faça conhecer uma voga serôdia. Este é o prognóstico que consigo estabelecer. Mas, naturalmente, Deus sobre tudo.

*Para o Alfredo, para a Jacinta,*
*Para todo o colectivo da Centelha,*

*Um abraço.*



# 5 Almanaques consultados

**A Batalha** — Almanach de Propaganda Republicana para 1893 e 1894. Acompanhado por alguns apontamentos para a história do movimento democrático em Portugal. Lisboa, Typ. Machado, Rua Yvens, 43. 1892.

**A Jiga Joga.** Almanach para 1892. 1.° anno de publicação. Geral applauso no Theatro do Rato. Depósito Livraria Popular T. de S. Domingos 60, Lisboa, Typ. Guttemberg. Revista semestral, 60 réis.

**Almanach Agricola para 1894** (2.° anno), publicado sob a direcção de Eduardo Sequeira e Gabriel d'Almeida. Typ. Editora do Campeão Popular. Ponta Delgada, 1893. 100 págs.

**Almanach Albùm Ilustrado para 1873.** Preço 300 réis. Desenhos de M. Macedo. Gravuras de J. Pedroso.

**Almanach Amigo da Verdade para 1882,** 5.° anno. Lisboa, Typ. dos Marianos. 40 págs.

**Almanach Bairradense para o anno de 1875,** 1.° da s/ publicação. Por José M.ª dos Santos Neves. Coimbra, Imprensa da Universidade. 68 págs.

**Almanach Cabrion. 1888.** Dédié aux lecteurs du «Pimpão». Officina Typ. da Empreza Litteraria de Lisboa, Calçada de S. Francisco, 1 a 5. 40 págs. Idem para 1889.

**Almanach Contemporaneo para 1877.** 1.° anno, por Alberto Cesar Gomes de Oliveira. Lisboa, Imprensa Democrática. Vende-se nas principais livrarias e lojas de Lisboa, Porto, Coimbra e Setúbal. 100 págs. 160 réis.

**Almanach da Agência Primitiva de Annuncios,** de Luiz Maria Pereira de Braun Peixoto, para 1893 (3.° anno). Tiragem em 6 500 exemplares. Lisboa, A.P.A., Rua Augusta, 270. 1872. Typ. Universal de Thomaz Quintino Antunes, Impressor da Casa Real. R. dos Calafates, 110. Idem para 1877 (8 000 exemplares de tiragem). 460 págs.

**Almanach da Biblioteca Mensal para 1869.** Lisboa. 80 págs.

**Almanach da Biblioteca Republicana Democrática para 1875** (1.° anno) Lisboa, Nova Livraria Internacional, R. do Arsenal, 96. 1874, 64 págs., 120 réis. Idem para 1876, já sob o nome de Almanach Republicano, que manterá); 1877 a 1883; 1885 a 1887.

**Almanach da Chronica para 1904** (Antigo Gabinete de Reporters) Lisboa, Edição da Revista Litteraria A Chronica. Casa Depositaria 102, R. do Diario de Noticias, 2.°. Preço, 120 réis. Idem para 1905 (100 réis); 1907 (4.° anno, 100 réis).

**Almanach da Democracia Christã para 1905.** Empreza Editora da Democracia Christã. Publicado em substituição do antigo Almanach de S. Francisco. 2.° anno. Lisboa, Typ. do Commercio, 3, T. do Sacramento ao Carmo, 7. 1904. 100 réis, 130 págs.

**Almanach da Folha de Torres Vedras para 1904.** Annuario commercial, burocratico e agricola da Região. Propriedade da Folha de Torres Vedras. (Brochura, 200 réis; cartonado, 300 réis; pelo correio, mais 30 réis). Idem para 1906 (2.° anno); Idem para 1907 sob o título: Annuario da Região de Torres Vedras.

**Almanach da Independência Nacional, 1874.** Lisboa, Typ. Editora de Mattos Moreira & Comp. 67, Praça de D. Pedro.

**Almanach da Livraria Internacional** de Ernesto Chardon para 1874. 1.° anno da s/ publ., coordenado por Alberto Pimentel. Livraria I. de E. Chardon, Porto e Braga, 1873.

**Almanach da Maria da Fonte, para 1883.** Collaborado pelos illustres cidadãos Caetano Pinto, Elias Garcia, Feio Terenas, Gomes Leal, Gomes





da Silva, J. Tierno. J. Torres, Magalhães Lima, N. Alves Correia, Ricardo Cardoso, Silva Graça. 1.° anno. Lisboa, Imprensa Democrática, T. da Assumpção, 102-2.°. 1882. 50 págs., 60 réis.

**Almanach da Mocidade para o anno de 1869,** por J. Cristóvão P. de S.F.X. Pinto Furtado. 1.° anno. Margão, na Typ. do Ultramar. 1868.

**Almanach da Pelle de Burro,** para os homens que riem. 1.° anno de publ. Preço, 40 réis; grande bexiga para 1871. Lisboa, Typ. União Familiar. Rua de Nossa S.ª da Conceição (à Praça das Flores), 16. 1870. Editores: Lauro d'Almeida e A. da Silva Carvalho. 16 págs.

**Almanach da Praia da Figueira para 1878-1879.** Guia completo do banhista n'esta frequentada praia. Por Amorim Pessoa. 1.° anno. Figueira 1878. Lallemant Frères, Typ. 6, Rua do Thesouro Velho, 6, Lisboa 200 págs., bienal; Idem para 1879-1880.

**Almanach da Salamancada para 1883.** Depósito Escriptorio do Recreio Musical, 48, R. do Poço dos Negros, 48 Lisboa. Imprensa Minerva, 12, Travessa da Espera, 14. 32 págs., 50 réis.

**Almanach da Virgem Mãe do Céu, para 1887,** pelo Dr. Bento Serrano. Idem para 1888, composto em Coimbra. Publ. pela Livraria Portuguesa, Porto.

**Almanach das Economias,** Comico-Financeiro, para 1878. Lisboa, Livraria Verol.

**Almanach das Ratices da Tia Genoveva para 1871,** por Marianno José Machado (Photographo). Ponta Delgada. Typ. de Manoel Corrêa Botelho. 6, R. do Provedor, 6. 1870. 32 págs.

**Almanach das Senhoras para 1872.** Portugal e Brazil. Contendo 139 artigos. Por D. Guiomar Torrezão. 2.° anno. Lisboa, 1871. 240 réis. Idem para 1874; 1905 (Proprietária, Felismina Torresão; Directora litteraria, Júlia de Gusmão); Idem para 1913 (Directora litteraria Maria O'Neill); 1912; 1914 (44.° anno).

**Almanach das Sinas para 1872.** Lisboa, Verol Junior, Livreiro. 60 págs.

**Almanach das Trapalhadas para 1870.** 1.° anno de publ. Collaboradores: Reynaldo de Assis, Sabino Correia, J. F. Parizini, F. A.

Parizini, A. J. Lopes Fernandes, A. P., J. M. Andrade. Lisboa, Deposito Geral. R. do Moinho de Vento, 126. 1869. 100 págs., preço 80 réis.

**Almanach das Travessuras de Cupido para 1905,** por Sousa Rocha (será Agostinho Velloso da Silva?).

**Almanach de Bento Serrano,** Astrologo da Serra da Estrela ou Diario Lunario Perpetuo para 1887. Obra que contém as prognosticações dos tempos com as phases da lua e mais planetas; e todos os avisos de que precisam os lavradores, jardineiros, hortelões, pescadores e caçadores. (Propriedade garantida por lei). Quarto anno da sua publicação. Publ. pela Livraria Portuguesa Editora, de Joaquim Maria da Costa. Porto, Largo dos Loyos, 55 e 56.

**Almanach de D. Carlos para 1905,** por Agostinho Velloso da Silva.

**Almanach de Fisica Recreativa,** para 1857. Idem para 1862.

**Almanach de Gargalhadas para 1864** (2.° anno). Lunatico, prophetico, comico, poético, satyrico e burlesco. Lisboa, Livraria Verol, R. Augusta, 171. Idem para 1865, 1869, 1871 a 1877; 1879 a 1889; 1891 (29.° anno de publ.). 32 págs.

**Almanach de Lauro d'Almeida para o anno de 1869,** 1.° da sua publ. Contendo além da folhinha do anno, um variado e vantajoso manual de segredos úteis e necessários a todas as famílias e aos artistas em geral seguindo-se d'uma interessante colecção de Phisica Recreativa. 2.ª edição. Lisboa. Typ. Lisbonense, 7, Largo de S. Roque, 7. 1878. Tiragem (esgotada) de 1.ª edição: 4000 exemplares. Idem para 1870 (2.° anno de publ.).

**Almanach de Lisboa para o ano de MDCCLXXXII.** Idem para MDCCLXXXIII e MDCCCXXIII.

**Almanach de Reporters.** Profusamente illustrado para 1901. Collaboração inédita de distinctos escriptores. Directores: Luiz da Silva e Albino Sarmento. Empreza História de Portugal, Lisboa.

**Almanach de Santo António para 1887** (3.° depois do bissexto). Vende-se na Livraria de José Pinto de Sousa Lello. Rua do Almada, 15 Porto.





**Almanach de S. João,** pelo Dr. Bento Serrano. Porto, para 1887. Idem para 1888 e 1889.

**Almanach de Vidago para 1909.** Empreza Exploradora das Águas de Vidago. 1.° anno de publ. Lisboa, Typ. «A Editora», Largo do Conde Barão, 50. 1908.

**Almanach de Vizeu.** Illustrado. 1884. 1.° anno. 200 págs.

**Almanach do Agricultor, Veterinário e Medicina doméstica para o anno de 1872.** 1.° anno. Por J. P. Almeida Brandão. Pharmaceutico pela Universidade de Coimbra, etc. e D. J. Salgado, veterinário etc. Porto, Typ. da Casa Real, Praça Sta.ª Tereza, 63, 1871.

Almanach de Altino Vigas para 1880 (bissexto). Lisboa, Verol Junior, Livreiro. Rua Augusta, 185. Collaborado por todos os rachadores e tozadores effectivos do Pimpão. 32 págs.

**Almanach do António Maria, para 1882.** Lisboa, Typ. da Empreza Litteraria Luzo-Brazileira. Escripto por Julio César Machado; illustrado por Bordallo Pinheiro.

**Almanach do Bello Sexo, para 1877,** 1.° anno. Comico e satyrico. Collaborado por Senhoras. Lisboa, Typ. Universal de Thomaz Quintino Antunes, Imp. da Casa Real, R. dos Calafates, 110. 1876. 16 págs., 40 réis.

**Almanach do Bombeiro Portuguêz para 1879.** Contendo além de um grande número de artigos litterarios, o retrato e esboço biografico de Guilherme Gomes Fernandes, Commandante dos Bombeiros Voluntários... 1.° anno. Porto. Imprensa Civilização de Santos & Lemos. 8, R. de St.° Ildefonso, 10. 270 págs., 300 réis.

**Almanach do Bom Marinheiro Português para 1905.** Por Agostinho Velloso da Silva.

**Almanach do Bom Republicano Português.** Para 1905. Por Agostinho Velloso da Silva.

**Almanach do Burro do Senhor Alcaide, para 1893.** Além das tabelas indispensáveis dos almanachs, contém as cóplas da magnífica opereta original dos Exmos. Srs. D. João da Câmara e Gervasio Lobato. Lisboa, Livraria Popular de F. Franco, 60, T. de S. Domingos.

**Almanach do Cantador de Fados para 1914.** 4.° anno de publ. Editor João Carneiro. Livraria Portugueza, T. S. Domingos, 58 e 60. Lisboa, Comp. e Imp. nas Officinas Graphicas R. do Poço dos Negros, 81.

**Almanach do Cantador para 1872.** Verol Junior, Livreiro, R. do Arsenal, 30. Idem para 1873 a 1877; 1879 a 1887.

**Almanach do Comissario da Policia para 1891.** J. M. Lisboa. Typ. Portuense, Calçada do Tijolo, 8. 1890. 64 págs., 100 réis.

**Almanach do Cosinheiro e do Copeiro para o anno de 1871.** Contém, além do calendário, o modo de preparar as melhores iguarias da cozinha portuguesa e francesa. Lisboa, na Livraria de Joaquim José Bordallo, 24, Rua Augusta, 26. 1871. 240 réis.

**Almanach do Cosinheiro, Licorista e Copeiro para 1872.** Contém, além do calendário, o modo de preparar as melhores iguarias da cozinha portuguesa e francesa, a melhor maneira de fabricar delicados doces,... Prólogo de Luiz de Araujo. Lisboa, na Livraria de Joaquim José Bordalo. Rua Augusta, 24-26. 1871. 240 réis.

**Almanach do Deve-Deve para 1893.**Com a bonita canção ovarina cantada com grande sucesso no Theatro de D. Maria... Liv. Pop. de F. Franco, T. de S. Domingos. 8 págs.

**Almanach do Diario de Noticias para 1886.** Publicado por quatro redactores effectivos e o gerente da mesma folha, Albino Pimentel, António Simas Baptista Borges, Brito Aranha e João Mendonça. 1.° anno. Lisboa, Typ. Universal, 110, R. dos Calafates. 1885. 432 págs.

**Almanach do Diario Illustrado.** 1.° anno. 1882. Lisboa, Escriptorio da Empreza do Diario Illustrado, T. da Queimada, 35, 1.° andar.

**Almanach do Emigrante para 1873.** Lisboa, Typ. Universal de T. Quintino Antunes, Impressor da Casa Real, R. dos Calafates, 110. 1873. 32 págs.

**Almanach do Feiticeiro para 1872.** Contendo, além das indicações da folhinha, muitas e variadas sortes de Physica recreativa, Jogos de cartas, Ligeirezas de mão,... Ornado de gravuras. Lisboa, vende-se na Livraria de J. J. Bordallo, 24, R. Augusta 26. 1871. 60 réis.





**Almanach do Fim do Século para 1893.** Além das tabelas indispensáveis aos almanachs, comtém as applaudidissimas coplas da graciosa revista original do Exmo. Sr. Sousa Bastos... Lisboa, Liv. Pop. de F. Franco, T. de S. Domingos, 60. 16 págs.

**Almanach do Folhetim.** Publicação do Jornal das Damas. 1.° anno 1869. Proprietarios e Editores, Afredo Bordallo e Barbosa Nogueira. Lisboa, Escriptorio da Administração, 24, R. Augusta, 26. 1868. 60 págs.

**Almanach do Futuro.** Para cada um ler o seu destino segundo a influência do signo em que nasceu. Para o anno de 1868 (bissexto). Lisboa, Livraria Verol, R. Augusta, 171. 1867. 50 págs. Idem para 1869, 1870; 1872 a 1891.

**Almanach do Gato Preto para 1890.** Contendo as coplas da applaudida magica em scena no Theatro da Trindade. Lisboa, Livraria Economica 9, T. de S. Domingos, 11. 16 págs.

**Almanach do Grande Armazém de Roupas Brancas de José Maria Durão.** Lisboa, Off. Typ. de J. A. de Mattos, 36, r. Nova do Almada, 1.° andar. Para 1878. 30 págs.

**Almanach do Guitarrista das Salas para 1884.** Contendo, além do indispensável n'um completo almanach, 31 cantigas para piano e guitarra. 1.° anno. Idem para 1886. 60 réis.

**Almanach do Investigador, útil e recreativo, para 1877,** 1.° anno. Lisboa, Typ. Universal de T. Q. Antunes. 100 réis.

**Almanach do Jardineiro, por um amador.** Edição illustrada da Bibliotheca do Gato Preto. 1896. Imprensa Libanio da Silva. Lisboa, R. do Norte, 91. Dedicado a S. Magestade a Rainha D. Amélia. 100 págs.

**Almanach do Jornal a Lucta,** 2.° anno. 1911. Propriedade da Empreza de Propaganda Democrática.

**Almanach do Lavrador para 1866** (1.° anno), por João Ignacio Ferreira Lapa, lente do Instituto Agricola de Lisboa e João Felix Pereira, alumno do mesmo Instituto. Lisboa, Typ. de José Costa Nascimento Cruz, 69, R. do Arco da Graça, 73. 1865. 200 págs. Idem para 1867 a 1871.

**Almanach d'O Mundo. 1910.** Editor e Proprietário França Borges. 3.° anno. 1909. Imprensa Libanio da Silva, 29, R. das Gáveas, 31. Lisboa. (1.ª edição). Preço, 200 réis, 320 págs. Idem para 1912.

**Almanach do Padre Prior para 1880** (bissexto). Com o retrato do Sr. Padre Prior, ornado de muitas estampas, de poesias e histórias variadíssimas, sendo o Juizo do anno escripto pelo punho do Sr. Padre Prior e por elle lido à sua ama Briolanja de Jesus Maria, isto em prosa e verso. Tudo escriptp por um litterato de luva gris-perle. Lisboa. Typ Universal, 1879. 32 págs.

**Almanach do Rei dos Seringadores,** Pelo Dr. Bento Serrano, Astrólogo Português da Serra da Estrela, para 1887 (propriedade garantida por lei). Idem para 1888, 1889, 1890.

**Almanach do Salvador do Mundo,** para 1887, pelo Dr. Bento Serrano. Publicado pela Livraria Portuguesa Editora de Joaquim Maria da Costa. Largo dos Loios, 55 e 56, Porto.

**Almanach de Seraphico e Milagroso S. Francisco para 1887,** pelo Dr. Bento Serrano.

**Almanach do Tio Braz 1873** (1.° anno). Typ. do Tio Braz, Horta, 1872.

**Almanach do Toureiro para o anno de 1894** (2.° depois do bissexto). Contendo além de um bom e exacto calendário e mais tabellas que pertencem a um bom almanach, diversos contos e poesias allusivas. Lisboa, Livraria Verol Junior, R. Augusta, 185. 16 págs., 60 réis.

**Almanach do Trinta (1881).** 2.° anno. Lisboa, Typ. Popular, 273, R. da Rosa, 275. 1880, 170 págs. 100 réis.

**Almanach do Universo Illustrado, 1887.** 1.° anno. Livraria Portuguesa e Francesa de Campos & C.ª Editores. 86, R. Augusta 88, Lisboa. Typ. Luso-Brazileira, Páteo do Aljube, 5. Lisboa. 100 págs.

**Almanach dos Bons Fadinhos para 1880** (Bissexto) Lisboa. Verol Junior. R. Augusta, 185. Idem para 1878, 1879,1881 a 1884; 1886 a 1891.

**Alkmanach dos bons Patuscos para 1876** (1.° anno). Prophetico, comico, poetico, satyrico e... Dedicado aos amores do Pianinho e da





Galhofa. Lisboa, Livraria Verol Senior, R. Augusta, 171. 32 págs.

**Almanach dos bons pitéus para o anno de 1875** (3.° depois do bissexto). Segredos maravilhosos para improvisar deliciosas petisqueiras. Offerecido e dedicado às boas donas de casa. Por D. Guiomar de Lima. Lisboa, Typ. Universal, R. dos Calafates, 110.

**Almanaque dos Caçadores** (joco-sério) para o anno de caça de 1862, por L. A. Ludovico da Gama. Lisboa, Imprensa Nacional, 1861. 300 réis, 90 págs.

**Almanach dos Infernos, para 1881.** Lisboa, Typ. da Bibliotheca Nacional, R. dos Calafates.

**Almanach dos Palcos e Salas para 1905** (17.° anno de publ.) Illustrado com os retratos das actrizes Cecilia Machado e Zulmira Ramos e dos actores Alfredo de Carvalho e Ignacio Peixoto... Lisboa, 1904. Arnaldo Bordalo, Editor. Idem para 1908, 1909, 1899, 1906.

**Almanach dos Recreios,** dedicado aos Srs. Accionistas da Empreza do Theatro dos Recreios. Por um Dilettante. Lisboa, Typ. Universal.

**Almanach dos Sonhos e Visões nocturnas para 1877.** Illustrado com gravuras. Lisboa. Vende-se na Tabacaria do Snr. Carvalho T. de S. Domingos, 58 e lojas do costume. 1876. 30 págs.

**Almanach dos Theatros para 1890** (1.° anno de publ.) Contendo além doutras a festejadissima cançoneta Caluda José... Dirigido por F. A. de Mattos. Lisboa, João Romano Torres, Editores, 1889. Idem para 1891; 1908 (18.° anno). 100 réis.

**Almanach Duas Horas de Recreio, para 1875...** Instrutivo e Recreativo... Lisboa, Typ. R. do Crucifixo, 62. 1874. 1.° anno. 72 págs., 100 réis.

**Almanach e Anuário de Trancoso,** sob a direcção de H. Bravo. Impressão, Composição e Edição na Typ. da Folha de Trancoso 1916. Idem para 1917 e 1933.

**Almanach Escândalo!!, para 1879.** Contendo um bom kalendário, todas as tabellas indispensáveis e muitos artigos humorísticos comicos e satyricos. Lisboa, Typ. Universal de T. Q. Antunes. 1878. 32 págs.

**Almanach familiar, nacional e prophetico para lavradores e jardineiros, para 1858,** segundo depois do bissexto. 3.° anno. Por M.B.F.C.S.S. Lisboa, Na Typ. Mathias José Marques da Silva, R. do Ouro, 5. 1857. Vende-se na mesma imprensa e nas lojas do costume. Idem para 1858 a 1863; 1865 a 1871. 50 págs.

**Almanach historico e ilustrado de Villa Viçosa, para o anno de 1909** (1.° anno). Coordenado por Antonio Alberto Gonçalves, prior da feguezia de N.ª S.ª da Conceição da mesma Villa e Joaquim José Amaro, Sócio da firma commercial Silva e Amaro. Evora, Minerva Commercial, José Ferreira Baptista, R. do Poço, 73 e 75. R. dos Infantes, 6. 1908. 300 réis.

**Almanach Illustrado da Guerra do Oriente para o anno de 1878.** Com os retratos dos Imperadores da Russia e Turquia e muitas gravuras. Lisboa, Typ. Universal de T. Q. Antunes. 100 réis, 32 págs.

**Almanach Illustrado das Horas Românticas, 1875.** 2.° anno. Lisboa, Typ. das Horas Românticas, T. da Parreireinha (a S. Carlos), 5. 1874.

**Almanach Illustrado do Diario da Tarde.** 1909. 4.° anno. Porto, Empreza do Diario da Tarde, Editora. 1903. 120 págs. Idem para 1902 e 1907. preços, 100 réis e 80 réis, respectivamente.

**Almanach illustrado do jornal Educação Nacional para 1905,** 1.° anno. Livraria Editora de José Figueirinhas Junior. 75, R. das Oliveiras, 77, Porto. Typ. Universal, Porto. 200 pags. Idem para 1908; 1910 a 1912; 1914; 1916 a 1918.

**Almanach Illustrado do Jornal O Século para 1898.** 2.° anno. Empreza do Jornal O Século, Lisboa. Idem para 1906 (10.° anno) 1910. 120 págs. 120 réis.

**Almanach Illustrado do Jornal o Zé.** 1915.

**Almanach Illustrado do Ocidente para 1882.** 1.° anno. Preço, 240 réis. Idem para 1887; 1888 (7.° anno); 1898, 1899, 1900, 1901, 1902.

**Almanach Illustrado do Visconti para 1892.** Contendo o novo Chegou Chegou... Lisboa. Imprensa Minerva. R. Travessa da Espera, 14. 1891. 20 págs.





**Almanach Illustrado para 1891** (6.° anno) Illustrado com o retrato e esboço biographico de Sua Alteza o Sr. Infante D. Affonso. Commandante dos bombeiros Voluntários d'Ajuda. — O Bombeiro — Contos amenos e humoristicos... Dirigido por Oliveira Cruz. Deposito, Livraria Popular de Francisco Franco, 60, T. de S. Domingos. Lisboa. 60 réis.

**Almanache Luzitano para 1865.** Contendo mais de 100 artigos e ornado de gravuras. 3.° anno. Lisboa, Imprensa de J. G. de Sousa Neves. 17, R. da Caldeira, 1865.

**Almanach militar ou livro de Quartéis para 1858.** Pelo Capitão de Caçadores, Claudio de Chaby. 1.° anno. Lisboa. Typ. de F. X. de Souza. R. da Condessa, 19. 1857. 150 págs. Idem para 1859.

**Almanache Mil Trovões para 1873** (1.° anno) 2.ª edição. Lisboa. Typ. de Ximenes Leopoldino Correia, 1872. Preço, 60 réis, 80 págs.

**Almanach Monarchico Constitucional para 1873.** Dedicado à Família Real. Lisboa, 1872. Typ., 46 R. dos Retrozeiros, Lisboa. 80 págs.

**Almanach Nacional e Familiar Borda d'Água, para 1885** ,1.° depois do bissexto. Lisboa, Verol Junior, Livreiro. Idem para 1886 a 1889, 1891.

**Almanach Olinda para 1879** (3.° depois do bissexto) 1.° de publ. À venda em todos os kiosques de Lisboa e Porto. Typ. de J. G. de Sousa Neves, R. da Atalaya, 65 e 67. 32 págs., 60 réis.

**Almanach O Perseguido para 1876,** Bissexto, 2.° de publ. Publicado por João Augusto Torres. 100 réis.

**Almanach O Toureiro para 1894** (1.° anno) Tiragem 2000 exemplares.

**Almanach para chorar... de riso.** Para 1875 (3.° anno depois do bissexto) 129 artigos humoristicos. Lisboa, Typ Universal de T. Q. Antunes. 1874. 32 págs. 60 réis.

**Almanach para 1887** — Alho Alho caracol e couve. Contendo todas as coplas, coros e duettos da applaudida revista, Os pontos nos ii...Lisboa, Imprensa Guttemberg, 53. R. das Mercês, 55. 1886. Segunda edição. 60 réis, 32 págs.

**Alamanach para 1888.** Nitouche e La Gran Via. Dedicado aos Exmos. Srs. Urbano Castro e Gervásio Lobato. Contendo todas as coplas do applaudido vaudeville Nitouche e as da engraçada revista, La Gran Via, o maior sucesso da época. Lisboa, Imp. Minerva. 12, T. da Espera, 14. 1887. 60 réis, 24 págs.

**Almanach para todos.** 1873, por Augusto Loureiro. Ponta Delgada. Imp. Commercial, R. do Lameiro, 7. 1872. 150 págs.

**Almanach Patriotico e anti-ibérico para 1869.** Illustrado com 6 gravuras symbolicas. Lisboa, Typ. Universal... 1868.

**Almanach patriotico para 1877, por Luiz Paulino Borges. Typ. Belenense, R. do Meio, 5-A. 1876. 125 págs.**

**Almanache popular para 1879.** Dedicado ao Povo Português. 1.° anno. Vende-se na Typ., R. das Farinhas, 1. Typ. de Salles. 16 págs.

**Almanach Progresso para 1880.** Contendo um desenvolvido calendário tabellas de caminho de ferro, de redução de moeda de câmbio... 1.° anno. Off. Typ. da Empreza Litterária de Lisboa. 80 págs.

**Almanach Rei Caramba,** faceto e noticioso, para 1868, illustrado com uma gravura representando o retrato de Sua Magestade. Lisboa, Liv. Verol. 1867. 100 págs.

**Almanach Tauromachico para 1897.** 1.° anno. Lisboa. Typ. Arco da Bandeira, 64 a 67. 130 págs.

**Almanach Theatral António Pedro,** para 1891. Illustrado com o retrato do eminente actor. Depósito Livraria de António M.ª Pereira, 50--54. R. Augusta, Lisboa. 200 réis, 62 págs.

**Almanach Transtagano para 1871** (1.° anno). Contendo, além da chronologia, calendário e outras matérias de interesse, uma grande colecção de artigos humoristicos e instructivos... Por Francisco António de Mattos e A. C. B. Setúbal, Typ. de José Augusto da Rocha, R. da Misericordia, 6. 1870.

**Almanach Universal para 1904.** Pequena encyclopédia annual bellamente illustrada. Director e proprietário: Manuel Duarte. Casa Depositária, Livraria Central de Gomes de Carvalho (editor). 158, R. da Prata, 160, Lisboa. Imp. Lucas, 93, R. do Diario de Notícias, 93. 1903. 112 págs., 120 réis.





**Almanach Viannense para o anno de 1900.** Vianna de Castello e o districto... Edição de João Baptista Domingues, prop. da Livraria Progresso Viannense, fundada em 1871. 104, R. da Bandeira, 108. Vianna do Castello. 300 pág.

**Almanach X. P. T. O., para 1870.** Lisboa, Typ Universal...2.° anno de publ. Idem para 1872; 1874 a 1879.

**Almanak Anti-Comunista para o anno de 1872** (1.° anno) Imprensa Lusitana, R. das Canastras (à Ribeira Velha) Lisboa, 1871. 32 págs. 50 réis.

**Almanak Aveirense.** Estatístico e Recreativo para o anno de 1863 (3.° depois do bissexto) com 65 artigos e 36 gravuras. Por José Reynaldo de Quadros Oudinot. Aveiro, Typ. Aveirense. 1862, 130 págs.

**Almanak curioso ou progonostico geral dos tempos para uso dos lavradores e pessoas curiosas deste Reino de Portugal com as luas calculadas para o anno de 1804.** Bissexto. Contém os dias santos e jejuns... Composto por Bento Ayres Pinto, Astronómo. Porto, na Off. de António Alvarez Ribeiro. Com licença do Desembargo do Paço. Idem para 1805, na Off. de Simão T. Ferreira; Idem para 1806.

**Almanak Curioso para o anno de 1855.** Porto, em Casa de Jacinto A. Pinto da Silva, R. das Hortas, 144. 1885. 100 págs. 160 réis.

**Almanak da Antiga, Muito Nobre, Sempre Leal e Invicta cidade do Porto,** para o anno de 1837. Porto. Na Typ. Commercial Portuense, Largo de S. João Novo, 12.

**Almanak da Instrucção Pública em Portugal.** 1857. Primeiro Anno, por José Maria de Abreu, Lente Cathedrático da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra. Coimbra, Imp. da Universidade, 1857.

**Almanak da Revista Universal Lisbonense** para 1851. Lisboa, Typ. da Revista Universal. Proprietário, S. J. Ribeiro de Sá. 1850. 150 págs. Idem para 1853.

**Almanak das Musas, Offerecido ao Genio Portuguêz.** Lisboa, na Off. de Filippe José de França. Anno MDCCXCIII. (sem calendário)

**Almanak de Castro Daire, para 1889,** por José d'Oliveira Cardoso e Arnaldo Rebello. (revista trimestral).

**Almanak de Coimbra para 1858,** 2.° depois do bissexto. 1.° anno. Coimbra, Typ. de J.T.A. Pacheco, 1857. 150 págs.

**Almanak de Lisboa para 1877.** Dedicado a sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando II. Artigos amenos, scientificos e humoristicos... Collaborado pelos Exmos Senhores Dr. António José Rodrigues Loureiro..., Editores Diogo Soromenho e Augusto de Vasconcelos. Lisboa, 1876.

**Almanak do Agricultor e do Vinhateiro, pelos redactores da Caza Rústica do século XIX,** sob a direcção do Dr. Bixio. 1849, 2.ª parte. Vertido do francês por M.S. da C.C. Typ. da Rua da Bica de Duarte Bello, 55, Lisboa, 1850 (não tem calendário).

**Almanak do Bom Christão para o anno 1855,** 3.° depois do bissexto e 2.° de publ. Especialmente ordenado para o Arcebispado de Braga, pelo Padre C.J. de Costa Neves, Calendarista da Diocese. Braga, Typ. Luzitana, 1854. Vende-se em Braga. 100 réis.

**Almanak do Cultivador para 1856.** Publ. sob a direcção de J. Felix Nogueira (1.° anno). Lisboa, Imprensa Nacional.

**Almanak do Operário para 1853.** Lisboa, Typ. de Hermenegildo Pires Marinho. Publicado sob a direcção de F.C.N. 80 págs., 20 réis. Idem para 1854 e 1855.

**Almanak do Perfeito Jardineiro.** Com as luas calculadas para o anno de 1806, segundo depois do bissexto. No qual se declara em cada um dos Quartos de Lua, como se deve plantar, semear, cultivar, enxertar. Composto por Pedro Vieira, Natural da Província do Minho. Lisboa, na Off. de Joaquim Florêncio Gonçalves, 1805. Com licença da Mesa do Desembargo do Paço. 16 págs. Idem para 1810.

**Almanak do Perfeito Jardineiro.** Com as Luas calculadas para o anno 1812, bissexto. No qual se declara o modo de fazer sementeiras. Composto por Damião Francêz. Lisboa, na Impressão Alcobia. Com licença da M.D.P. 16 págs.

**Almanak do Perfeiro Lavrador ou Tratado para Lavradores, Pescadores, Caçadores, Hortelões e Jardineiros.** Com as Luas calculadas para o anno de 1816. Bissexto. Composto por Damião António Bacelar. Lisboa, na Impressão Alcobia. Com licença da M.D.P. 16 págs.





**Almanak do Perfeito Lavrador ou Tratado para Lavradores, Pescadores, Caçadores, Hortelões e Jardineiros.** Com as Luas calculadas para o anno de 1816. Bissexto. Composto por Pedro Coutinho Junior, da Província do Minho. Anno 1816. Lisboa, na Imp. Alcobia. Com licença da M.D.P. 16 págs.

**Almanak do RIT .·. ESC .·. ANT .·. E .·. ACC .·. em Portugal,** para o anno de 1845 (9 de Março de 1845 a 27 de Março de 1846) Offerecido ao Synhedrio de Beneficencia pelos II .·. N .·. dos Reis e R. Felner, Membros da L. Philantropia. Lisboa, Typ. de O. R. Ferreira, Largo do Contador Mor, N.° 1A. 210 págs.

**Almanak Familiar para o anno de 1850,** contendo além do essencial da antiga folhinha, diversos artigos de utilidade, instrucção e recreio composto pelo padre Vicente Ferreira, calendarista da extinta congregação do Oratório. Lisboa, Imprensa Nacional, 1849. 100 réis.

**Almanak Lusitano para 1860** (anno bissexto) 1.° anno da s/ publ. Lisboa, Typ. Universal. 1859. 64 págs., 100 réis.

**Almanak Ora Toma Mariquinhas para 1890.** Útil, prognóstico, satyrico e crítico. 1.° anno de s/ publ. Vende-se na Livraria Civilisação, 4, 6, 8, R. de Sto. Ildefonso, 10, 12 Porto. Idem para 1891.

**Almanak para rir, para 1856.** Ornado com o retrato de S. Magestade o Senhor D. Pedro Quinto e ilustrado com gravuras. Contendo, além do kalendário muitos artigos de instrução e recreio. Vende-se na Typ., r. da Boa Vista, n.° 14, 1.° andar e nas lojas do costume. 30 págs.

**Almanak Popular para o anno de 1851,** por Filipe Folque, Fradesso da Silveira e Pereira d'Almeida. Illustrado por Nogueira da Silva. Lisboa, Imp. Nac. 1850. 100 págs.

**Almanak Recreativo Conimbricense para o anno de 1869,** 1.° da s/ publ. Coimbra, Imp. da Universidade, 1868, 40 págs.

**Almanaque da «Humanidade» para 1931.** Organisado por Octavio Sergio, Manoel Lavrador e Alexandre Pinto.

**Almanaque das Elegantes, para 1876.** Lisboa, Imp. Nac., 1875. 70 págs.

**Almanaque de Fafe.** Ilustrado 1921, 13.° ano. Proprietário, Director e Editor, A. Pinto Bastos, Fafe. Porto. Typ. «Porto Medico», Praça da Batalha, 12-A. Pequena Enciclopédia Anual. 112 págs. Idem para 1923 e 1924 (16.° ano).

**Almanaque de O Primeiro de Janeiro.** 1917, 1.° anno. Coordenado por Gualdino de Campos e Lopes Vieira. Porto, 1916.

**Almanaque de Ponte de Lima.** 1924, 6.° anno. Dirigido por Julio de Lemos, natural da Villa de Ponte de Lima, Secretário Perpétuo do Instituto Histórico do Minho. Casa Ed. de A. Figueirinhas, R. das Oliveiras, 71, Porto. 300 págs.

**Almanaque do Camponez.** Reportório Crítico, cómico e prognóstico para 1938 (21.° anno). Coordenado por Manuel Joaquim de Andrade. O almanaque mais lido dos Açores e América do Norte. Composto e Impresso na Typ. da Livraria Editora Andrade. Angra do Heroismo, Ilha Terceira, Açores. Idem para 1939 a 1954.
Preços: 2$00 ou 2$50. 24 págs.

**Almanaque do Jornal de Notícias para 1920,** 6.° anno. Porto, Typ. a vapor da Empreza Guedes.

**Almanaque Escolar para professores e amigos da Instrução.** 1924. 2.° anno. Livr. Civilização, Ed. Porto.

**Almanaque Figueirinhas para professores e amigos da instrução.** 1916, 1.° anno. Liv. Figueirinhas, Porto. 250 págs, ilustrado, 30 cêntimos (300 réis).

**Almanaque Ilustrado — A Federação Escolar, 1918.** Coordenado por Artur Melo, 1.° ano, 1917. Escola Typ. da Off. de S. José. Porto. 150 págs.

**Almanaque Lusitano do anno de 1730,** segundo depois do bissexto, para todo o Reyno de Portugal e suas Conquistas, em que se segue a doutrina e o methodo do sarrabal milanes e se observa o meridiano da insigne cidade de Lisboa, por Inocêncio Fernandes de Coura. Contém mudanças lunares e Alteraçoens do tempo pela combinação dos planetas, methodo da agricultura, Regras medicinaes, gyrantes do Sol e Lua as horas a que nasce e busca o occaso e grandesa dos dias, e os nascimentos dos Principes da Europa. Lisboa Occidental, na officina de Manoel





Fernandes da Costa, Impressor do Santo Officio. MDCCXXIX. Com todas as licenças necessárias. Idem para 1732, na Off. de António Pedroso Galrão.

**Bouquet Litterario-Almanach** para 1880, por J. Augusto Torres, autor do Almanach O Perseguido. 1.° anno. 100 págs., 120 réis.

**Can-Can. Almanach para 1879.** 3.° anno depois do bissexto. Lisboa, Livraria Verol. 32 págs.

**Diario do Agricultor Perfeito** e desabusado que promove a agricultura para utilidade comum, com as phases da Lua, calculadas pelo Meridiano do Porto, neste anno de 1802, segundo na ordem dos bissextos. Obra utilissima para Lavradores, Horteloens e Jardineiros, e para todo o Reyno, por seu Author Patricio Portuguez, Astronomo Luzitano. Anno 1802. Porto, na Off. de Antonio Alvarez Ribeiro... 24 págs. Idem para 1806.

**Diario do Agricultor Perfeito** ou curioso lunario para o anno de 1804..., por Damião Francez. Lisboa, na Off. de J. F. Gonçalves... 16 págs. Idem para 1805, 1806, 1809 a 1811

**Dissertação dos Astros e Instruções camponezas as mais curiosas... 1821.** Por hum cidadão jubilado no proprio interesse... Na nova imp. da viúva Neves e filhos. Anno 1820. C/ liç. Com. Cens.Empreza Artistica. Distracção Familiar. Almanak para 1875. 1.° anno Lisboa, Typ. R. do Crucifixo, 62. 1874. 100 págs.

**Endimião Portuguez, prognostico, prozopoetico, fabulogico, jocoseiro, metaforico para o anno de 1737,** dirigido ao meridiano de ambas Lisboas. Dedicado aos curiosos das Gazetas, por um culto e occulto ingenho desta Corte. Lisboa Occidental, na Off. de Manoel Fernandes da Costa, Imp. do Santo Officio. Anno de MDCCXXXVI. Com todas as licenças necessárias.

**Folhinha açoriana michaelense Civil, ecclesiastica...** Para o anno 1840.

**Folhinha constitucional para os Reinos de Portugal e Algarves.** Anno 1822, segundo depois do bissexto e de Regeneração de Portugal. Ordenado por H.D. Wench e J.P. Norberto Fernandes. Lisboa, na Imp. de J.B. Morando.

**Folhinha ecclesiastica para o Reino de Portugal,** para o anno de 1840, bissexto. Ordenado por J.A.C. Lisboa, na Typ. de J.A.S. Rodrigues. Vende-se na Loja de Livros, na R. do Arsenal, 31.

**Folhinha dos Pobres, ecclesiastica, historica e civil...** para o anno de 1884. Lisboa, Typ. de A. L de Oliveira.

**Folhinha ou Diario auxiliador para 1850,** por Antonio de Souza. Idem para 1851.

**Horas Portuguezas do Officio da Virgem Maria Nossa Senhora e Oratorio Manual de Celestiais Exercicios e Orações.** Tiradas de varios Santos e gravissimos AA, pela devoção Francisco Villela, Familiar do Santo Officio... Lisboa, na Off. de José de Aquino Bulhões. Anno de 1793. Com licença...

**Horas Portuguezas de Officio da Virgem N. Senhora e Ramalhete Manual de diversas Orações...,** por Carlos do Valle Carneiro. Novamente accrescentados... Lisboa, 1768; Idem para 1782.

**Horisonte. Almanach para 1876,** publ. por Casimiro de Mello Furtado e H. M. Collaço Fragoso. Lisboa, Typ. Univ. 1875..

**Kalendario Constitucional para o reino de Portugal e Ilhas.** Para o anno de 1835. Lisboa. Imp. Nac., 1834.

**Kalendario e Cantigas de Fado.** Almanach dos Fadinhos, para 1874. Por um fadista de luva branca.

**Lunario e Prognostico diario** que contem as prognosticações dos tempos... para 1812. Por seu Author, hum Astronomo Luzitano da Borda d'Agua. Lisboa, na Imp. Regia, com licença. Idem para 1813 a 1816, 1817, 1823 (na imp. Alcobia) 1823 (na Typ. Rollandiana); 1825, 1829, 1831, 1833, 1836.

**Lunario e prognostico diario...** por um Maltês Lusitano da Borda d'Agua. Para 1824.

**Lunario e prognostico diario...** para 1839. Pelo Borda Douro, Astronomo Successor do Borda d'Agua. Typ de Gandra e Filhos, 1839.





**Lunario e Prognostico Diario** que contem os dias de semear, variedade dos tempos, fazes da lua e entrada dos signos; calculado para o meridiano do Porto e mais provincias neste anno bissexto de 1840. Obra utilissima para os lavradores, pomareiros, hortelões, jardineiros, pescadores e caçadores, por Borda d'Agua. Antigo Astronomo Luzitano. Lisboa, na Typ. de António José da Rocha, aos Mártires, n.º 12. Idem para 1841, 1842, 1844 a 1851.

**Lunario a Prognostico effectivo.** Por um novo Borda d'Agua, Astrologo Português bem conhecido. Anno de 1846. Lisboa, Typ. de A. L. d'Oliveira.

**Lunario Lusitano ou Guia de Lavradores...,** por seu author Custodio Carneiro. Porto, Typ. de A. A. Ribeiro, com licença da M. D. P. Idem para 1812, 1814, 1816, 1818 a 1820.

**Lunario Lusitano ou Novo Guia de Lavradores...** para 1806, por Damião Francêz Junior. Porto, na Off. de Alvarez Ribeiro, com licença da M. D. P.

**Lunario ou Novo Prognostico Diario...,** 1841, por Antonio de Souza, um Astronomo Português da Borda d'Agua. Lisboa, na Typ. de M. J. Marques da Silva. Idem para 1842, 1844, 1845, 1846, 1848, 1849.

**Lunario Universal para o anno bissexto de 1824...,** por J. J. Pinto Arêgos, professor régio de Grammatica Portuguesa e primeiras letras na Beira Alta. Voimbra, na Impressão Cristã, 1823. Com licença da Comissão de Censura.

**Marte** — Almanach dedicado ao exército português, para 1905, 1.º ano. Lisboa, 1904, 130 págs., 140 réis.

**Novo Almanach das Lembranças Luso-Brasileiras** para o anno de 1879, por Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro. 8.º anno (sem calendário).

**Novo Almanach de Santo António de Lisboa,** para 1889. Publ. pela Livraria Portuguesa, Porto. Pelo Dr. Bento Serrano.

**Novo Almanach de S. Pedro,** pelo Dr. Bento Serrano, para 1887. Idem para 1888 e 1889.

**Novo Almanach de utilidades,** para 1861..., por **** (3.º anno) Lisboa. Typ. de Salles, R. do Convento de Encarnação, 16.

**Novo Almanach do Pirolito,** para 1892... Depósito na Liv. Pop. de F. Franco. T. de S. Domingos, Lisboa. 8 págs.

**Novo Almanach Portuense** para 1888 (1.º ano), por Daniel d'Abreu Junior. Porto. 80 págs., 100 réis.

**Novo Almanach Saragoçano de D. Carlos.** Para o novo anno de 1905. Por Agostinho Velloso da Silva.

**O Astrologo Cortezão.** Gervasio Apiano, para 1738.

**O Cego Astrologo,** Antonio Pequeno, filho bastardo do Sarrabal Saloyo. 1738. Idem para 1742. Na Off. de Miguel Rodrigues Impressor do Eminentissimo Senhor Cardeal Patriarca.

**O Diabo.** Almanach para 1868. Lisboa. Vende-se em todas as lojas do costume.

**O Grande Seringador.** Almanach jocoso, anedoctico e prophetico para 1873. Porto, 1972 Typ. de A. J. da Silva Teixeira, R. da Cancela Velha, 62. Idem para 1874. 40 réis.

**O Grão Pescador Cosme Francez Sarrabal Saloyo,** e irmão gemeo do Damião Francez naturaes ambos de Villar de Frades. Prognostico geral para o anno de 1736. Bissexto e mal assombrado. Idem para 1735, 1757, 1740, 1741, 1742.

**O Messageiro,** Almanach para 1879, por J. d'Oliveira Cardoso Lisboa, Typ. Universal (2.º anno). Avulso, 50 réis; mais de 20 exemplares, 40 réis.

**O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo geral e particular para todos os Reinos e Provincias,** composto por Jeronymo Cortez, Valenciano. Emendado conforme o expurgatorio da Santa Inquisição e traduzido em Português por Antonio da Silva Brito..., Lisboa, MDCCIII. Edição recente da Ed. Vega.

**O Novo Seringador.** Almanach para 1887, 3.º anno, por Daniel





Cardoso. Empresa Moderna, R. do Carmo, 3-5. Vende-se na Liv. de J. P. de Sousa Lello, Porto.

**O Palhaço,** Almanach illustrado para 1890. Comico, satyrico e burlesco. Director F. Napoleão de Victoria, Lisboa, Liv. Economica.

**O Perfeito Lavrador,** Instruido na Cultura e Lavoura dos Campos, ou Diario de Quartos de Lua... para o anno de 1804, Bissexto, por hum Saloyo Cidadão. Lisboa. Idem para 1805, 1806, 1807, 1809, 1810.

**O Perseguido.** Almanach publicado por um dos suspeitos de implicados na revolta de Julho de 1872. Collaborado por Luiz Ferreira de Castro Soromenho, C. Eça Jordão, Napoleão Victoria, M. e Costa, M. M. Ribeiro de Sousa e Diogo José Soromenho. AL. para 1875. Idem para 1877. 80 págs., 100 réis.

**O Propheta,** Novo Almanach Historico, Agricola e Prognostico para 1870... Custa 1 vintém. Porto, Typ. Lusitana... 32 págs.

**O Seringador T.** Reportorio critico-jocoso e prognostico diario para 1930, por João Manoel Fernandes de Magalhẽs, Porto. ...Idem para 1931 a 1943.

**Prognostico curioso e diario dos quartos de lua... para o anno de 1814...,** por Damião Antonio Bacellar, da Provincia da Beira. Lisboa, na Imp. regia... Idem para 1816, 1818, 1824, 1825.

**Prognostico curioso e Diario dos Quartos de lua e tempos para o anno de 1817,** por Damião Francez. Lisboa, na Imp. Regia, com licença.

**Pronostico curioso e lunario para o anno de 1819...,** por seu Author hum Astronomo natural e morador na provincia da Beira Baixa. Lisboa, na Nova Imp. da Viuva Neves & Filhos... Com licença da M. D. P.

**Prognostico curioso e Diario dos Quartos da Lua e tempos para o anno de 1820...,** por Pedro Antonio Coutinho, da Provincia da Beira. Lisboa, Imp. Regia, com licenças.

**Prognostico curioso e Diario dos Quartos de lua e tempos para o anno de 1821...,** por Damião Antonio Bacellar, na Provincia do Minho. Anno 1821. Lisboa, na Typ. de Bulhões, com licença da Com. de Censura.

**Prognostico curioso e Tratado para Lavradores....**, para o anno de 1813, pelo seu novo author Damião Antonio Bacellar, da Provincia da Beira. Lisboa, na Imp. Regia, com licença.

**Prognostico curioso e Tratado para Lavradores...**, para 1815 por Pedro Coutinho. Lisboa, Imp. Rég. Com licenças.

**Prognostico do tempo que poderá haver no anno de 1808**, regulado pelas luas... Dado à luz por Pedro Columbino, conhecido do velho e do menino. Lisboa, na Off. de J. Evangelista Garcez. Com licença da M. D. P. 16 págs.

**Prognostico e curioso lunario para o anno de 1817**, por seu author Antonio José de Amorim, natural do concelho de Arcos, na Provincia do Minho. Lisboa, na Imp. Régia. Idem para 1818 e 1824.

**Prognostico e curioso lunário para o anno de 1818...**, por seu author Roberto da Silva Pinto, da Borda d'Agua. Lisboa, na Imp. Regia. Com licenças.

**Prognostico e curioso sarrabal para o anno de 1729.** Primeyro depois do bissexto. Com todos os aspectos da Lua, com o Sol, Juizo da Furtificação annual; Regras Municipais, saudaveis & proveitosas & as da Agricultura de todos os meses. Noticia dos Nascimentos da Casa Real deste Reyno. Para todo o Reyno de Portugal, calculado ao meridiano circulo das muyto nobres & Reaes Cidades de Lisboa Occidental & Oriental. Composto por Rodrigo de Sousa Alcoforado, Medico Astrologo, natural da Villa de Niza. Lisboa Oriental, na Officina de Felipe de Sousa Villela. Anno de 1729. Com todas as Licenças Necessarias. 48 págs. Idem para 1733.

**Prognostico e Diario para o anno de 1825**, seu author Pedro Villa-Nova, amigo e companheiro do verdadeiro Borda d'Agua, Lisboa, na Typ. Lacerdina... Com licença da Real Com. de Censura.

**Prognostico e Lunario.** Anno de 1644 com todas as conjunçoens & luas cheas & quartos minguantes & crescentes com os aspectos dos Planetas mais notaveis. Calculado ao Meridiano de Lisboa. Com licença & Privilegio Real. Em Lisboa, por Antonio Alvarez, Impressor Del Rey N. S. Anno 1643. 8 folhas.





**Prognostico e Lunario do Anno de 1644** co' todos as aspectos da Lua cõ o Sol & dos mais Planetas com a mesma Lua. Leva mais seis notabilidades dignas de ponderar neste mesmo anno de 664. Calculado ao meridiano de Lisboa. Composto pelo licenciado Manoel Gomes Galhano Lourosa, Medico, Philosopho, Mathematico, natural de Almada. Offerecido, não a quem o ler de emprestimo, mas a quem o comprar por seu dinheiro. Com licença Privilegio Real. Em Lisboa, por Antonio Alvarez Impressor Del Rey N. Senhor Anno 1643. 8 folhas. Idem para 1647, 1650 a 1655, 1657, 1660.

**Prognostico e Lunario do anno de 1646...**, Composto pelo licenciado Gomez Rodrigues de Sequeira, Mathematico & Astrologo, natural da Villa da Covilhã. Anno 1646. Com as licenças necessarias. Em Lisboa, por A. Alvarez,... 8 folhas; Idem para 1649.

**Prognostico e Lunario do anno de 1656,...** Composto por Antonio Paes Ferraz, Theologo, Filosofo e Mathematico,... Em Lisboa, Anno 1655 (3.° anno).

**Prognostico e Lunario do Anno 1659,...** por Francisco Espinosa, Mathematico... Em Lisboa,... (1.° anno).

**Prognostico e Lunario do Anno de 1662...** Pello licenciado o Padre Manoel Gonçalves da Costa natural de Pedras Alvas termo da Villa de Montemor o Velho. Em Lisboa. Com licença, por Antonio Craesbeeck.

**Prognostico e Lunario do Anno 1663**, por Domingos Carneiro,... Lisboa. Idem para 1665, 1666 (30.° anno) 1667 a 1669, 1673 a 1675.

**Prognostico e Lunario do anno 1675...**, pelo licenciado Pedro Joam Coelho, natural da Villa de Barcellos, Philosopho, Theologo, Mathematico pela Universidade de Coimbra... Em Coimbra,... Anno 1674. 8 folhas.

**Prognostico e Lunario do Anno de 1677...**, por Geronimo de Avelar... Em Lisboa, com as licenças necessárias, na Off. de J. Galrão.

**Prognostico e Lunario do Anno 1677...**, pelo licenciado Manoel Ferreyra dos Reys, Medico, Astrologo... Lisboa,...

**Prognostico e Lunario para o anno de 1731,...** por Damiam

Francez... Lisboa, na Off. de Miguel Rodrigues, com todas as licenças. Idem para 1732, 1734.

**Prognostico Jocoseiro e verdadeiro para a duração de cem annos...** Dado à Estampa por hum anonimo Astrologo... Lisboa, MDCCLIX, na Off. de Ignacio Nogueira.

**Reportorio das Sopeiras,** para 1893, por seu auctor, Manoel Ceguinho. À venda na Typ. Occidental e em todas as livrarias e kiosques. 16 págs., 20 réis.

**Sarrabal Ratinho.** Prognostico e Curioso Lunario para o anno de 1743..., por Crispim Roberto Reyman, natural da Villa de Redinha. Lisboa, na Off. de Miguel Rodrigues.

**Theatro Universal de Novidades.** Elementares Politicas e Militares para o anno bissexto de 1740... seu author D. Francisco Carlos da Silva, Professor de Mathematica. Lisboa, Occ., na Off. de Miguel Rodrigues... Idem para 1744, 1745.

**Verdadeiro Almanak Legitimista** para o anno de 1856, redigido por um legitimista lisbonense. Publicado pelo Livreiro Calder, R. das Flores, Porto. Idem para 1858.

NOTA: As epigrafes foram retiradas de: **Alexandre Herculano** — Carta dirigida ao Almanach de Senhoras, para 1872; **Eça de Queiroz** — Almanaques. Introdução ao primeiro volume do Almanaque Enciclopédico, 1896. **In** Notas Contemporâneas.



109. CEGO VENDENDO FOLHINHAS, REPERTÓRIOS, ETC.

Litografia. S. lit.; of. de Santos; 0,274 × 0,175.

Colecção *Costumes Portugueses ou...*, Est. n.° 7, 1832-1833.

*in* O Povo de Lisboa

106. THE BLIND MAN — O Cego.

Água-tinta colorida. H. L'Êveque; 0284 × 0,220. Rep. fotográfica, 13 × 18.

H. L'Êveque, *Costume of Portugal,* est. n.° 29, London, 1814.

*in* O Povo de Lisboa. Catálogo da Exposição Iconográfica Junho/Julho 1978-1979. Centro de Artes Plásticas dos Coruchéus

*in* António de Sousa Bastos — Lisboa Velha — Sessenta anos de recordações 1850-1910. Estampa do capitulo XXI

*in* Francisco Câncio — Arquivo Alfacinha. Vol. II. Caderno IV, 1954

## ÍNDICE

**TEMPOS E SABERES 1**